

Dina Palmira Amorim Fernandes

MESTRADO EM ENSINO DE HISTÓRIA
NO 3.º CICLO DO ENSINO BÁSICO E ENSINO SECUNDÁRIO

Conta-me histórias - o que pensam os
alunos sobre o “bom professor”

Dina Palmira Amorim Fernandes

M

2017



Conta-me histórias – o que pensam os alunos sobre o “bom professor”

Relatório realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de História no 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário orientado pela Professora Doutora Cláudia Sofia Pinto Ribeiro

Orientadora de Estágio, Professora Sandra Nunes

Supervisor de Estágio, Professor Doutor Luís Alberto Marques Alves

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

setembro de 2017

Conta-me histórias – o que pensam os alunos sobre o “bom professor”

Relatório realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de História no 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário orientado pela Professora Doutora Cláudia Sofia Pinto Ribeiro
Orientadora de Estágio, Professora Sandra Nunes
Supervisor de Estágio, Professor Doutor Luís Alberto Marques Alves

Membros do Júri

Professor Doutor Luís Alberto Marques Alves
Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Professora Doutora Maria Jorge Santos Almeida Rama Ferro
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação – Universidade de Coimbra

Professora Doutora Cláudia Sofia Pinto Ribeiro
Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Classificação obtida: 19 valores

*“ Despertar noutro ser humano poderes e sonhos além dos
seus; induzir nos outros um amor por aquilo que amamos; fazer
do seu presente interior o seu futuro: eis uma tripla aventura
como nenhuma outra.”*

George Steiner

*“A tarefa do educador moderno não é podar as selvas,
mas regar os desertos.”*

C.S. Lewis

Sumário

Agradecimentos	8
Resumo.....	10
Abstract	11
Índice de Imagens e Tabelas.....	12
Índice de Gráficos	13
Índice de Anexos	14
Introdução.....	15
Capítulo 1 – Enquadramento Teórico	20
1.1. A complexidade do Sistema Educativo Português	20
1.1.1. Vulnerabilidade e <i>mal-estar docente</i>	21
1.2. “Uma estranha forma de vida”: a função e o papel do professor	29
1.2.1. Ética e Deontologia Docente	33
1.3. A importância da Empatia e da Motivação no processo de ensino-aprendizagem	38
1.4. Possíveis desafios para a docência atual e futura	45
Capítulo 2 – Enquadramento Metodológico	56
2.1. Contextualização: Núcleo de Estágio (Escola)	57
2.2. Metodologia utilizada e caracterização da Amostra.....	61
2.2.1. Caracterização da Amostra	62
2.3. Estudo de Caso: instrumentos de recolha de dados e fases da investigação	62
Capítulo 3 – Análise dos Resultados	66
3.1. Resultados da 1. ^a Fase (Inquéritos por Questionário)	69
3.2. Resultados da 2. ^a Fase (Relatos das “histórias” dos alunos)	89
3.3. A 3. ^a fase: carta de motivação para o Professor	103
Considerações finais	107
Referências bibliográficas	114
Anexos	117

Agradecimentos

Quero em primeiro lugar agradecer a Deus por me ter dado força, alegria e sabedoria ao longo desta jornada como estudante, professora, mas acima de tudo como pessoa. Se sou o que sou, devo-o muito a Ti!

Agradeço aos meus pais por todo o apoio e pelo que desde muito pequena fomentaram em mim: valores que guardo como tesouros. Sou-lhes muito grata por me terem ensinado a construir a minha “casa na rocha” e não na areia, o que significa que me ensinaram que só com muito esforço, perseverança, humildade e espírito de equipa conseguimos construir carreiras e relacionamentos que durem para uma vida e que sejam honrosos. Obrigada por me terem ensinado que um bom nome vale mais do que uma grande fortuna e que o trabalho vale mais do que o talento. Por fim, obrigada pelas vossas orações e por terem acreditado em mim e me terem dado asas para sonhar.

Agradecer à minha irmã Débora, a toda a minha família, aos meus amigos (sobretudo Bruno Fonseca, Margarida Rodrigues, Damaris Rivera, José Torres e Tiago Santos) e aos meus companheiros da AJEC pelo apoio e carinho que me transmitiram ao longo deste ano de tantas mudanças. Obrigada por me ouvirem horas a fio a falar sobre os meus alunos e sobre tudo o que pude viver ao longo deste ano.

Aos meus colegas de Mestrado por terem sido uma família que sempre recordarei com muito carinho; agradeço em especial à Bruna, ao João Ferreira e à Sílvia por toda a amizade e companheirismo. Agradeço aos meus colegas de estágio Hugo e João por todas as memórias que juntos criamos e pelos momentos bons e maus que pudemos viver e partilhar. A ti, João, obrigada por teres sido o melhor “irmão de outra mãe” que pude ter ao meu lado ao longo destes 5 anos e deste ano de estágio.

Agradeço à professora Sandra Nunes por ter sido o exemplo de “bom professor” na minha vida pelo seu exemplo e acima de tudo, pela sua amizade. Se fui a professora estagiária que fui, sem sombra de dúvidas o devo muito a si, pelo carinho com que me recebeu e pela força que me deu para poder ser eu mesma.

Agradeço à Professora Doutora Cláudia Ribeiro por ter sido a melhor professora e

companheira que poderia ter escolhido como orientadora. Obrigada por ter acreditado em mim e por me ter feito entender que os meus sentimentos são asas e que a minha voz também tem valor. Obrigada por me ter feito reafirmar a crença de que é possível amar os alunos e mostrar que, tal como eles, também somos pessoas.

Agradecer ao Professor Doutor Luís Alberto por ser na minha vida o exemplo de um mestre. Professor, consigo aprendi muito e sou muito grata por me ter corrigido quando necessário e por me ter motivado quando notou que não estava bem. Obrigada por me ter ensinado que as críticas devem ser construtivas e por me ter feito acreditar que é possível sempre melhorar algum aspeto e que nunca devemos achar que sabemos tudo. Acima de tudo, obrigada pela sua postura calma que admiro.

Não podia terminar sem agradecer a uma pessoa muito especial que foi como uma “mãe” para mim na Escola Secundária João Gonçalves Zarco, a funcionária Alda. O sorriso com que me recebia todos os dias e o carinho com que perguntava como estava, ajudou-me muito a sentir em casa.

Por último (mas nunca com menor importância), agradeço aos meus queridos alunos. Obrigada por me terem recebido de braços abertos e por me terem feito sentir aquilo que sempre desejei ser: professora. Sem a vossa ajuda, sem os problemas que atravessamos e sem as memórias que construímos, seria uma pessoa menos rica emocionalmente e profissionalmente. Estão no meu coração...

A todos os que direta ou indiretamente me ajudaram, muito obrigada!

Resumo

Ao longo do tempo, o perfil do “bom professor” foi sofrendo alterações, acompanhando as mutações que se refletiram nos bancos das salas de aula, fruto de novas expectativas e novos papéis a serem desempenhados pelos diversos intervenientes no processo de aprendizagem.

Mas... o que é o “bom professor”? Procurámos compreender quais são as características que os alunos consideram comuns ao “bom professor” e quais são as atitudes e posturas que o afastam desse patamar desejável.

Neste sentido, levámos a cabo um estudo com cinquenta alunos de duas turmas: uma de 7.º ano e outra do 10.º ano do curso de Línguas e Humanidades, da Escola Secundária João Gonçalves Zarco, durante o ano letivo de 2016/2017. Neste processo, recorremos a diversos instrumentos de recolha de dados, tais como: aplicação de inquéritos por questionário, redação de textos livres sobre memórias que os alunos guardam de professores “especiais” ao longo da sua vida, entre outros.

O estudo realizado revelou que para os alunos o “bom professor” é inspirador, motivador, utiliza recursos variados e está disposto a ajudar os alunos. Nas experiências partilhadas, a simpatia e o cuidado do professor foram salientados como memórias positivas, reforçando a função do professor como educador no seu sentido pleno e não apenas transmissor de conhecimentos.

Palavras-chave: Profissionalidade docente; identidade profissional; memórias.

Abstract

Throughout the time, the definition of a “good teacher” has changed, as well as the mutations reflected in classrooms, generated by new expectations and new roles that new agents play on the learning process.

But... what does it mean to be a “good teacher”? We tried to understand what do students say about the features of a “good teacher” and what attitudes makes teachers stand apart from that desirable level.

According to that, we studied two classes from 7th and 10th grade on João Gonçalves Zarco High School in 2016/2017. In the process, we used different instruments to research information, such as quizzes, writing of texts that would tell us about the students' memories about “special” teachers on their lives, among other instruments.

This study revealed that students think that the “good teacher” is inspiring, motivator, uses different resources in the classroom and is willing to help students. According to the experiences that the students shared, nice and caring teachers create positive memories. This fact reinforces the vision that a teacher is an educator and not just someone that has knowledge.

Keywords: Teacher's professionalism; professional identity; memories.

Índice de Imagens

Imagem 1	58
Imagem 2	58
Imagem 3	58
Imagem 4	80
Imagem 5	84
Imagem 6	101
Imagem 7	112
Imagem 8	112

Índice de Tabelas

Tabela 1	69-70
Tabela 2	118
Tabela 3	118
Tabela 4	119
Tabela 5	120
Tabela 6	123-124
Tabela 7	125
Tabela 8	125
Tabela 9	126-127
Tabela10	128
Tabela 11	128
Tabela 12	129-130
Tabela 13	133
Tabela 14	133-134
Tabela 15	135
Tabela 16	135-136

Índice de Gráficos

Gráfico 1.....	70
Gráfico 2.....	71
Gráfico 3.....	71
Gráfico 4	72
Gráfico 5	73
Gráfico 6.....	74
Gráfico 7.....	74
Gráfico 8.....	75
Gráfico 9.....	76
Gráfico10.....	76
Gráfico 11	77
Gráfico 12.....	78
Gráfico 13.....	78
Gráfico 14.....	79
Gráfico 15.....	81
Gráfico 16.....	85
Gráfico 17.....	90
Gráfico 18.....	91
Gráfico 19.....	118
Gráfico 20.....	119
Gráfico 21.....	120

Índice de Anexos

Anexo 1	118
Distribuição da Amostra por género, idade e ano de escolaridade	
Anexo 2	119
Distribuição dos elementos da turma do 7.º ano por género e idade	
Anexo 3	120
Distribuição dos elementos da turma do 10.º ano por género e idade	
Anexo 4	121
Inquérito por Questionário	
Anexo 5	123
Resultados gerais do Inquérito por Questionário (Questão 4)	
Anexo 6	125
Resultados gerais do Inquérito por Questionário (Questão 5)	
Anexo 7	128
Resultados gerais do Inquérito por Questionário (Questão 6)	
Anexo 8	131
Ficha para os “relatos” das histórias dos alunos	
Anexo 9	133
Resultados gerais dos relatos das “histórias” dos alunos (Questão 1)	
Anexo 10	135
Resultados gerais dos relatos das “histórias” dos alunos (Questão 2)	
Anexo 11	137
E-mail dirigido aos Encarregados de Educação pedindo autorização para a participação no vídeo	
Anexo 12	138
Autorização a preencher pelos Encarregados de Educação para participação no vídeo	

Introdução

Desde a Antiguidade Clássica até aos nossos dias, a figura do mestre, do professor, é vista como uma das profissões mais nobres e mais importantes em qualquer sociedade que deseje evoluir, transmitir conhecimentos e tradições, fomentar o pensamento e o desenvolvimento. Contudo, o conjunto de características inerentes ao perfil do bom professor foi sofrendo alterações ao longo do tempo, acompanhando a evolução das diferentes sociedades, dos seus valores e códigos ético-morais, até chegar ao contexto concreto em que se foca este estudo: Portugal no século XXI.

O presente trabalho foi realizado no âmbito do relatório de estágio para a disciplina de Introdução à Prática Profissional do Mestrado em Ensino de História no 3.º Ciclo e Ensino Secundário da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Surge de preocupação pessoal enquanto docente em formação inicial sobre o perfil do bom professor face à heterogeneidade de posturas e práticas docentes em relação crescente diversidade presente na sala de aula.

Após ter de enfrentar as normais inseguranças que um professor estagiário no início da prática profissional sente, analisando criticamente as práticas docentes e tipos de docentes que foram meus professores e outros com os quais convivo, surgiu em mim a questão: como se pode definir o bom professor?

Ao tentar encontrar resposta a esta questão, facilmente nos deparamos com o facto de o bom professor estar intrinsecamente ligado a vários aspetos, tais como: os alunos a quem leciona, a escola onde está inserido, normas educativas pelas quais se rege e, por último (mas não menos importante), os aspetos pessoais e as características do professor, tal como a sua personalidade, confiança, vocação, valores éticos e morais.

Ao analisarmos estes aspetos, facilmente entendemos a complexidade de fatores que estão em causa na ação docente e os múltiplos pontos de vista que surgem quando tentamos avaliar um docente como “bom” ou “mau”, sendo que falamos sempre de uma análise subjetiva. Citando António Nóvoa: “(...) é impossível definir o «bom professor», a não ser através dessas listas intermináveis de «competências», cuja enumeração se torna insuportável. Mas é possível, talvez, esboçar alguns apontamentos

simples, sugerindo disposições que caracterizam o trabalho docente nas sociedades contemporâneas.”(NÓVOA, 2009, p. 28).

Dentro de algumas disposições gerais, consideramos essencial que o professor se preocupe, acima de tudo, em cumprir os parâmetros legais a que está sujeito, respeite a escola onde está a exercer a sua profissão, mas também que valorize a opinião dos alunos sobre o seu trabalho. Se os vendedores são considerados mais ao menos bem-sucedidos pela satisfação do seu cliente, se os médicos são mais ou menos recomendados pelo modo como os doentes são atendidos, não podem os professores ponderar e tentar saber qual a opinião dos alunos sobre “como é o bom professor?”.

Rubem Alves salienta na sua obra a importância do professor como aquele que ensina a felicidade e respeita os seus alunos. Adotando uma visão que vai ao encontro à do autor mencionado, recusamos a ideia de que os alunos são a classe dominada e passiva da escola, onde a sua opinião não conta e não merece ser partilhada perante a classe dominante de professores e administradores, os “donos” da sabedoria universal e definitiva (ALVES, 2003, pp. 15,16). Consideramos fundamental o testemunho dos alunos como parte essencial do sistema educativo.

Mais uma vez podemos dizer que estamos a falar de algo dúbio, na medida em que a profissão docente não se baseia apenas na avaliação que os alunos fazem do professor, o que é verdade. A profissão docente é uma das mais nobres que existe, sendo também uma das mais exigentes a nível científico, psicológico e físico. Regra geral, um médico atende um utente de cada vez, um vendedor atende um cliente de cada vez, mas um professor atende uma turma constituída por 20 a 30 alunos ao mesmo tempo, num esforço por vezes exaustivo para conseguir chegar a todos, mesmo sabendo que nem sempre o conseguirá fazer de forma eficaz.

Se é verdade que as funções e exigências atribuídas aos professores têm vindo a mudar, não é novidade para leigos nem para especialistas que os alunos das últimas gerações são bastante mais ativos e proativos do que os de gerações passadas. O próprio contexto da sociedade portuguesa mudou, o que se nota claramente na postura e no comportamento dos alunos, cada vez mais questionadores. Entre os docentes existe alguma “competitividade” e diversidade de opiniões sobre o que é ser um bom

professor, do que é correto ou não, sobretudo quando analisamos o procedimento das diferentes gerações de docentes que lecionam na mesma escola e no mesmo conselho de turma.

É de salientar a crescente vulnerabilidade da figura docente no contexto atual, uma vez que a sua valorização social é decrescente, os professores estão constantemente expostos a julgamentos devido à sua ação pessoal, pedagógica e científica, porque todos parecem saber algo mais significativo sobre educação do que aqueles que de facto trabalham nesse setor. O senso comum muitas vezes fala mais alto. Ninguém diz a um médico como fazer uma cirurgia, mas muitos se acham no direito de ensinar o professor a fazer o seu trabalho na sua sala de aula.

Sabendo que em Educação não existem soluções definitivas ou respostas absolutas, o nosso trabalho procurou responder a quatro questões que consideramos pertinentes:

- 1) Que características salientam os alunos como essenciais no perfil do “bom” professor?
- 2) Que motivos levaram os alunos a identificar essas características e falhas nos professores?
- 3) Quais são as experiências/histórias positivas e/ou negativas que os alunos relatam como marcantes na sua relação com os docentes?
- 4) Em que aspetos converge e diverge a visão do “bom” professor apresentada por alunos mais novos e mais velhos?

Não pretendo apresentar uma receita mágica ou resposta absoluta. Mas, consciente da necessidade de constante reflexão e humildade ao enfrentar a profissão docente e a formação inicial, o trabalho foi então estruturado em três capítulos:

Capítulo 1 - Enquadramento Teórico, baseada em autores incontornáveis como António Nóvoa, David Justino, Miguel Santos Guerra, Rubem Alves, Sérgio Niza (entre outros), procurei fazer uma abordagem a algumas complexidades do Sistema Educativo Português: a organização escolar, o sistema de colocação de professores, os documentos legais que orientam a profissão docente, o sistema de avaliação e o crescente descontentamento que se faz sentir; abordar a temática da função e do papel do

Professor: a sua vocação, motivação, características necessárias a nível profissional, ético e deontológico e a o processo de formação de professores; refletir sobre a importância da motivação e empatia no processo de ensino-aprendizagem e a possibilidade da criação de uma sala de aula de exigência, mas também de aprendizagem emocional e de afetos; por fim, debater alguns dos problemas que a docência presente e futura irá enfrentar, visando sintetizar as novas funções exigidas ao docente.

Capítulo 2 – Enquadramento Metodológico, apresentarei o estudo levado a cabo com duas turmas de 7º ano e 10º ano do curso de Línguas e Humanidades da Escola Secundária João Gonçalves Zarco, onde realizei o estágio como docente da disciplina de História e também da área disciplinar de Educação para a Cidadania no ano letivo de 2016/2017.

Capítulo 3 – Análise dos Resultados, explicarei todo o processo de construção dos instrumentos de recolha de dados, o decorrer do processo de investigação, justificando as opções tomadas; apresentarei excertos das memórias contadas pelos alunos e os resultados da investigação e o processo de criação de uma carta de motivação para o professor.

No final do trabalho, farei uma breve reflexão sobre a postura que segundo os alunos, o docente deve adotar para gerir a disciplina na sala de aula e gerar um impacto positivo na vida daqueles que educa. Refletirei brevemente sobre o papel do professor de História como um docente que deve educar para valores de cidadania e integração dos alunos na sociedade com tolerância e respeito.

Todo o processo desenvolvido em contexto de elaboração de relatório de estágio visou identificar as críticas positivas e negativas que os alunos apontam em relação aos docentes, promover a partilha de boas ou más experiências com docentes de forma construtiva, fomentando o diálogo e a busca de soluções, para que os alunos que participaram no estudo pudessem ser sensibilizados para a complexidade de funções e exigências inerentes à profissão docente e a sua ligação com a postura dos discentes, tentando que os alunos se integrassem na sua comunidade escolar, como construtores e não como meros detratores críticos.

Se é importante que cada profissional se sinta motivado e realizado no que faz, na profissão docente essa importância deve ser reafirmada. É, então, necessário relembrar os docentes e ensinar aos alunos que como disse António Nóvoa, “*nada substitui o bom professor*”, porque esse professor será eterno na memória do aluno, pelo conhecimento científico e pessoal que lhe transmitiu. É urgente entender o que é que os alunos hoje em dia consideram como características do bom professor e quais as atitudes que devem evitar.

Os professores são mais do que transmissores de conhecimento, são agentes sociais de mudança e não devem descuidar a sua tarefa ou permitir que seja banalizada pela sociedade, pela classe docente e, acima de tudo, banalizada aos olhos dos alunos.

Capítulo 1 – Enquadramento Teórico

1.1. A complexidade do Sistema Educativo Português

“(…) ao invés do que seria desejável, a educação continua a parecer um autêntico «campo de batalha» de onde ninguém sai vencedor.”(JUSTINO, 2010, p. 16).

É assim que numa das suas emblemáticas obras, David Justino (teórico e ex-ministro da Educação) aborda a questão do ensino e do Sistema Educativo Português (SEP), como um local de desencontro e confronto, gerando a sensação de descontentamento que tem vindo a aumentar e da qual tanto se fala, escreve e investiga.

Salientando os notórios esforços relatados pela História da Educação sobre a evolução do SEP, o autor expõe que desde o final do século XIX, atravessando o período da 1ª República Portuguesa (1910-1926), do Estado Novo (1933-1974), e do pós 25 de Abril (1974 até à atualidade), muito tem sido feito no sentido de reduzir o atraso que se fazia sentir quanto ao ensino: elevadas taxas de analfabetismo, fraca formação de professores, falta de escolas e de recursos para as mesmas, entre outros aspetos.

Desde o século XIX que a Escola começa a assumir várias funções que visavam não só a instrução e alfabetização, como também a educação do carácter e dos valores.

“Mais do que formar cidadãos livres e responsáveis, conscientes dos seus direitos e deveres, pretendia-se definir um padrão de formação, selecionar e hierarquizar os conteúdos, incutir determinados valores, disciplinar as condutas, de acordo com uma norma que identificaria o «*cidadão exemplar*».”(JUSTINO, 2010, p. 23).

O controlo estatal no domínio da Educação fez-se sentir ao longo de todo o século XX em Portugal, começando com as reformas implantadas pela 1ª República Portuguesa, (tais como: aumento do número de escolas primárias, instituição da

escolaridade obrigatória de 5 anos para ambos os sexos, melhorias na formação de professores), passando pelo Estado Novo que controla até ao mínimo pormenor da rotina da sala de aula, desde a organização dos elementos decorativos, à introdução e obrigação do catecismo católico na sala de aula, ao crucifixo, à fotografia do chefe de Estado, à separação de rapazes e raparigas na sala de aula, à hierarquização dos alunos por condição social, à imposição do livro único, aos famosos “exames de admissão” que visavam selecionar os melhores alunos para o ensino liceal e técnico.

Após a queda do Estado Novo a 25 de Abril de 1974, os sucessivos governos portugueses empreenderam uma série de medidas que visavam garantir uma escola defensora dos valores de democracia, liberdade, igualdade, tolerância e respeito; pretendiam que todos pudessem ter acesso ao ensino e almejavam um ensino de qualidade, com mais disciplinas, novos conteúdos a ser lecionados, novas estratégias pedagógicas e “novos” professores.

A Constituição da República Portuguesa promulgada em 1976, assegura na Parte I, Título I, artigo 43.º (pontos 1, 2, 3 e 4) que apesar do Estado intervir na gestão do Sistema Educativo, não impedirá a liberdade de circulação de novas ideias e práticas pedagógicas:

“É garantida a liberdade de aprender e ensinar; o Estado não pode programar a educação e a cultura segundo quaisquer diretrizes filosóficas, estéticas, políticas, ideológicas ou religiosas; o ensino público não será confessional; é garantido o direito de criação de escolas particulares e cooperativas.”

Afirma também no Capítulo III, artigo 73.º (pontos 1 e 2):

“Todos têm direito à educação e à cultura; o Estado promove a democratização da educação e as demais condições para que a educação, realizada através da escola e de outros meios formativos, contribua para a igualdade de oportunidades, a superação das desigualdades económicas, sociais e culturais, o desenvolvimento da personalidade e do espírito de tolerância, de compreensão mútua, de solidariedade e de responsabilidade, para o progresso social e para a participação democrática na vida coletiva.”

O Estado assume assim a responsabilidade de oferecer aos cidadãos um ensino público, gratuito e de qualidade. Em 1986 é promulgada a Lei de Bases do Sistema Educativo. No artigo 1.º (pontos 2, 3 e 4) o Sistema Educativo é definido como:

“o conjunto de meios pelo qual se concretiza o direito à educação, que se exprime pela garantia de uma permanente ação formativa orientada para favorecer o desenvolvimento global da personalidade, o progresso social e a democratização da sociedade; (...) desenvolve-se segundo um conjunto organizado de estruturas e de ações diversificadas, por iniciativa e sob responsabilidade de diferentes instituições e entidades públicas, particulares e cooperativas; (...) tem por âmbito geográfico a totalidade do território português - continente e Regiões Autónomas -, mas deve ter uma expressão suficientemente flexível e diversificada, de modo a abranger a generalidade dos países e dos locais em que vivam comunidades de portugueses ou em que se verifique acentuado interesse pelo desenvolvimento e divulgação da cultura portuguesa.”

A democratização do ensino trouxe consigo a escola de massas, o aumento da oferta curricular e a sua extensão. Trouxe também a pretensão de capacitar os alunos portugueses para exercerem profissões distintas de forma satisfatória, de modo a desenvolver o país e a melhorar a sua economia. Foi sonhada uma escola onde todos se pudessem integrar partindo do pressuposto da igualdade social e de oportunidades. Em parceria com diversas instituições de ensino, o Estado organizou o funcionamento das escolas, estruturou programas para as várias disciplinas, planeou ofertas curriculares diversas e foi concedendo às escolas e aos professores alguma liberdade de gestão desses currículos, das salas de aula, etc.

Contudo, existindo cada vez mais escolas, mais alunos, mais professores, seguindo a linha de pensamento de David Justino, questionamos: teremos atualmente mais e melhor educação?

Em 2009, a escolaridade obrigatória foi alargada para 12 anos, fazendo com que nos cursos de Ensino Secundário se matriculassem mais alunos, muitas vezes sentindo-

se “obrigados” a estar na Escola, sem motivação para frequentar ou participar nas aulas, o que tem sido também motivo de queixa por parte dos professores e dos alunos. O número de alunos por turma tem vindo a aumentar, sendo que hoje em dia é comum um professor dar aulas a turmas com 30-32 alunos. Por vezes o exercício da docência torna-se exaustivo e demasiado desgastante. Os professores sentem-se vulneráveis física e emocionalmente e isso faz com que a qualidade do serviço que prestam fique em causa e prejudica a sua vida pessoal e profissional.

1.1.1. Vulnerabilidade e *mal-estar docente*

A imagem positiva do professor e do seu papel tem vindo a ser denegrida por motivos diversos. Sentindo-se controlados por aquilo que consideram ser pouca carga letiva para a sua disciplina e excessivos conteúdos para lecionar, turmas cada vez maiores, menor distribuição de tarefas entre docentes e mais burocracia exigida pelas escolas e pelo governo central, os docentes acabam por se sentir desmotivados.

“A dispersão disciplinar, as cargas horárias mal distribuídas, a quantidade de docentes e a consequente dificuldade de articular e integrar tudo isto convergem no princípio de ensinar mal um pouco de tudo, quando seria preferível ensinar bem o que é fundamental.” (JUSTINO, 2010, p.77).

As condições de trabalho dos professores nem sempre são as melhores, lidar com os alunos torna-se uma tarefa exigente, a remuneração financeira não é considerada gratificante e a desmotivação instala-se.

“(…) a sociedade parece que deixou de acreditar na educação como promessa de um futuro melhor; os professores enfrentam a sua profissão com uma atitude de desilusão e de renúncia, que se foi desenvolvendo em paralelo com a degradação da sua imagem social.” (ESTEVE, 1995, p.95).

Ao tornar-se uma profissão de grande exposição social, a profissão docente torna-se algo indesejável para os estudantes, gerando também algumas situações de desrespeito e menosprezo pelos que insistem em exercê-la. Os professores vão deixando de acreditar na sua profissão, o que faz aumentar a vulnerabilidade docente, porque aos fatores externos de crítica da profissão, irão juntar-se fatores intrínsecos de baixa autoestima, falta de motivação e, conseqüentemente, menor empenho nas tarefas e mais distanciamento na relação professor-aluno. Um professor desmotivado, desmotiva os seus alunos.

A expressão “*mal-estar docente*” é atribuída a José M. Esteve (1987) e surge como um conceito que expressa a maneira como os docentes têm vindo a reagir perante as várias mudanças sociais que enfrentam devido ao julgamento a que estão constantemente expostos.

“O julgamento social dos professores tem vindo a generalizar-se. Desde os políticos com responsabilidades em matéria educativa até aos pais dos alunos, todos parecem dispostos a considerar os professores como o principal responsável pelas múltiplas deficiências e pela degradação geral de um sistema de ensino fortemente transformado pela mudança social. Ora, mais do que responsáveis, os docentes são as primeiras vítimas.” (ESTEVE, 2005, p.104).

Concordo com a visão de José M. Esteve quando afirma que os docentes são vítimas do sistema educativo, na medida em que se sentem “esmagados” pelas suas imposições; ao mesmo tempo, os alunos não são capazes de entender que o professor não é legislador, não tem culpa de tudo e está sujeito a regras e cumprimento de leis.

Vários autores têm vindo a escrever sobre a formação contínua de professores e a progressão dos docentes ao longo da vida e da carreira, considerando que o modo como este processo vai evoluindo, interfere diretamente com o sucesso profissional do docente, influenciando o seu nível de motivação e realização. Maria Madalena Fontoura chega mesmo formular claramente uma questão que em algum momento dado, todos os

professores fazem sobre a sua carreira quando enfrentam dificuldades: “fico, ou vou-me embora?” (FONTOURA, 1995, p.171).

Apesar da sua nobreza, a profissão docente tem vindo a ser considerada com pouco carinho. Falo em carinho porque os profissionais são pessoas, que estão a trabalhar para a formação de crianças e jovens para a sociedade e que, ao se sentirem desrespeitados, tornam-se mais vulneráveis (reforçando a ideia expressa anteriormente). Se em anos anteriores a colocação e filiação de professores às escolas era complexa, atualmente a situação não se apresenta mais fácil. Depois da inicial formação e da conclusão do estágio, muitos são os que perguntam: e agora, o que vou fazer? Ouvimos relatos de docentes com vários anos de carreira que apresentam queixas contra o processo de colocação e contratação de professores, que os deixa numa constante aflição e sufoco por não saber onde irão dar aulas, onde irão viver, como poderão manter financeiramente a família e acima de tudo, como poderão ter estabilidade na sua vida profissional e, consequentemente, pessoal.

“Insegurança, sobrevivência, adaptações, conformismo, alienação, são termos referidos pelos professores, jovens ou recordando o passado, a justificar um percurso que leva ao ceticismo perante as oportunidades que por vezes surgem, ao fechamento aos desejos, à incompreensão dos que têm outros pontos de vista.” (CAVACO, 1995, p.163).

Este excerto retirado de um texto de Maria Helena Cavaco traz consigo uma enorme verdade: no contexto atual, um professor sobrevive e aprende a seguir em frente perante ventos contrários. A maneira como um professor reage perante a adversidade está intrinsecamente ligada com a sua personalidade e capacidade de resiliência. Muitos são os que são abalados na sua estrutura emocional e chegam mesmo a entrar no chamado *burn-out*, esgotamento ou depressão. Há professores que se afastam da Escola pelo cansaço, stress, insegurança, abrindo vaga para que outros tenham um vislumbre de esperança de poder exercer a docência. O aluno poderá ser visto como apenas “mais um”, as aulas poderão ser vistas como uma *checklist* e a docência perderá

eventualmente muita da sua nobreza, utilidade e marca positiva na construção de um futuro que se deseja mais esperançoso.

Outra queixa comum que os docentes apresentam tem que ver com o excesso de burocracia que lhes é exigido, fazendo com que passem mais tempo em redor de plataformas digitais e “papelada”, do que a preparar aulas e recursos diversificados. O processo de avaliação adotado em algumas escolas faz com que os docentes tenham de preencher incontáveis tabelas, documentos, etc. A avaliação determinada pelo grupo docente em reunião tem vindo a valorizar cada vez mais uma avaliação escrita, quantitativa, que apela à memória e valoriza muito pouco a participação e empenho do aluno, as suas competências sociais e a sua postura. Chegamos a ter a ideia de que tudo é passível de ser avaliado em números, décimas, etc. As notas atribuídas são contestadas pelos alunos, pelos encarregados de educação e, muitas vezes, por outros docentes nas reuniões de Conselho de Turma. Muitos são os casos onde os docentes sugerem uma classificação que é alterada em conselho de turma, mesmo contra a sua vontade, só para que mais alunos sejam aprovados, para que a escola seja bem vista nos *rankings* nacionais e para que Portugal fique bem visto nos *rankings* internacionais.

Também é de notar que a relação dos docentes com os encarregados de educação nem sempre é pacífica e, como chama a atenção Maria Helena Cavaco (1993):

“Há pais que inteferem nas escolas e outros que fogem das possibilidades legítimas de intervenção; há pessoas que encontram facilmente os caminhos para se fazer ouvir e há outros que vão até à agressão com o mesmo objetivo; a forma de intervir na escola mantém-se ambígua em muitos aspetos e as condições de vivência escolar não facilitam o diálogo entre os diversos componentes da comunidade escolar.” (CAVACO, 1993, p. 129).

Parece que cerca de 24 anos depois das palavras da autora, a situação em pouco se alterou. Tudo isto faz com que os docentes se sintam ainda mais vulneráveis, não sendo totalmente autónomos para gerir a sua sala de aula e a avaliação. A remuneração salarial que muitos docentes consideram ser baixa, não favorece a situação de descontentamento.

Além das condicionantes exteriores que se apresentam a nível governativo e social já abordadas, existem mais fatores que favorecem a situação vulnerável dos docentes. Um exemplo disso é a difícil integração de docentes mais jovens nas escolas. A situação torna-se mais complexa quando além da insegurança que sentem os docentes em início de carreira, também têm de enfrentar o conflito geracional que se pode desenvolver dentro das escolas e dos conselhos de turma.

O professor mais jovem é considerado como “inferior” pela sua menor experiência; é considerado como um sonhador, um idealista, como apenas “mais um”. Num conselho de turma, as suas opiniões podem ser tidas como desnecessárias ou não coerentes; é muitas vezes considerado como demasiado benevolente ou inocente. Não falo de ideias vagas, mas sim do que pude experienciar no meu ainda tão curto percurso como docente e pelos relatos de outros docentes jovens. O envelhecimento do grupo profissional é uma realidade que pode separar os professores dos alunos e os professores dos professores, contribuindo para o famoso e aparentemente irreversível *mal-estar docente*”.

Sendo mais direta: hoje em dia, se um jovem escolhe ser professor não o faz pela remuneração financeira ou pelo estatuto social que poderá ter; conhece a instabilidade que irá enfrentar e lida com a constante pressão e comentários depreciativos sobre a falta de futuro da profissão. Se decide seguir esta carreira é porque realmente acredita na nobreza da profissão e confia nas suas capacidades. Sendo assim, está motivado, vê a relação pedagógica e a organização escolar com outros olhos, pontos de vista que por vezes são mais generosos do que os daqueles que já foram perdendo o encanto pela sua profissão...

Além dos fatores abordados, o professor enfrenta a sua própria vulnerabilidade pessoal e interior: do que é que sou capaz? O que posso ou não dizer? Como devo lidar com os alunos de forma exigente mas também motivadora? O professor de hoje tem de lidar com alunos cada vez mais questionadores, de contextos sociais e culturais muito variados. É assoberbado pela sociedade das TIC e deve fomentar o seu papel como um construtor e não apenas transmissor de conhecimento. Nem sempre os alunos reconhecem a importância do professor e do seu contributo para a sua vida futura.

António Nóvoa (2009) tem vindo a defender que os professores deviam estar mais presentes no debate público sobre a sua atuação. O autor salienta que se os professores se defendessem mais, poderiam ser criticados, mas teriam igualmente uma oportunidade para serem ouvidos, para partilhar, para que a sociedade pudesse respeitar o seu trabalho. De igual maneira, o autor defende que os professores devem comunicar mais entre si, num trabalho de cooperação para possibilitar a ajuda necessária ao corpo docente, numa partilha de histórias, sentimentos, estratégias, etc.

Reforçando as ideias anteriores e resumindo este subcapítulo, muitos destas inseguranças, sentimentos de injustiça geram ceticismo, falta de motivação, amor à profissão e tem impedido “a alegria de ensinar” (ALVES, 2003).

O cenário apresentado pode parecer demasiado escuro, mas se queremos fazer um esforço consistente no sentido de melhorar o Sistema Educativo Português e melhorar o desempenho da profissão docente, devemos estar conscientes das dificuldades que temos de enfrentar. Acima de tudo, considerando que existem de facto estas condicionantes, os docentes devem buscar refletir, avaliar a sua ação, no sentido de se aplicarem na sua profissão e de não culparem os alunos pelas complexidades do sistema educativo, visto que em certa medida, eles também são vítimas do mesmo.

Se um professor acreditar de facto na sua profissão, conseguirá lidar com o desânimo e amar o que faz, mesmo se não o fizer com condições de grande justiça ou equidade, mesmo se por vezes se sentir derrotado. Mas para que seja possível o professor continuar a lutar, consideramos que é realmente necessário que o professor tenha vocação e esteja disposto a cumprir não só a sua função, mas o seu papel, a sua personagem.

É, então, importante fomentar nos docentes “hábitos de reflexão e de autorreflexão que são essenciais numa profissão que não se esgota em matrizes científicas ou mesmo pedagógicas e, que se define, inevitavelmente, a partir de referências pessoais.” (NÓVOA, 2009, p.40).

Nem sempre é possível ao professor mudar o seu contexto ou a sociedade em que tem de exercer a sua profissão. A “solução” passa então por focar-se no seu trabalho e

amar o que faz. O professor é uma pessoa, deve trabalhar a sua personalidade e pessoalidade docente e o próximo subcapítulo procura abordar essa temática.

1.2. “Uma estranha forma de vida”: a função e o papel do professor

“O professor é uma pessoa.”

(Ada Abraham)

Pode parecer estranho começar um subcapítulo com uma frase que numa primeira leitura e abordagem, parece transmitir uma mensagem tão evidente. Contudo, quantas vezes esta simples mensagem tem sido esquecida?

O professor é uma pessoa, e, como tal, tem emoções, sentimentos; sente medo, sente antipatia; sente cansaço físico e emocional; tem defeitos e virtudes; tem falhas e capacidades. O professor não é e nunca será perfeito, pelo simples motivo de que é um ser humano, com todas as complexidades inerente à sua condição de comum “mortal”

Contudo, o professor deve ter em atenção a *profissionalidade docente*. Este conceito vai evoluindo conforme o tempo histórico e contexto social e cultural onde o professor exerce a sua profissão. Tal como defende Nihan Demirkasimoglu:

“the meaning of the term changes as a response to external pressures, public discourses and scientific developments. (...) in daily language, it is generally used to mean an activity for which one is paid as opposed to doing voluntarily. The term is also used to clarify the status of occupation groups in terms of responsibility. In the business world, professionalism is generally synonymous with «success» or refers to the expected behaviors of in specific occupations.” (DEMIRKASIMOGLU, 2010, p.2048).

Assim, tendo consciência da vulnerabilidade docente e das falhas que os podem apresentar, reforço a ideia do tema abordado por este trabalho: é possível encontrar algumas características que são expectáveis num bom professor e refletir sobre isso.

António Nóvoa (2009) relembra que ao longo do tempo se foi reformulando a maneira de ver aquilo que é expectável no comportamento e atuação científica de um professor. Acima de tudo o professor deve *saber* (conhecimento), tem de ser uma pessoa formada numa determinada área científica por uma instituição académica; o professor deve *saber-fazer*, ter um conjunto de capacidades reconhecidas por uma instituição académica em processo de formação inicial; deve também *saber-ser*, apresentando características, atitudes e valores que fomentem a cooperação, o respeito, a tolerância, etc.

Na mesma linha de pensamento, o autor elenca cinco pontos essenciais que o bom professor deve apresentar:

- “1. O conhecimento: (...) o trabalho do professor consiste na construção de práticas docentes que conduzam os alunos à aprendizagem;
2. A cultura profissional: ser professor é compreender os sentidos da instituição escolar, integrar-se numa profissão, aprender com os colegas mais experientes (...)
3. O tato pedagógico: (...) saber conduzir alguém para a outra margem, o conhecimento, não está ao alcance de todos (...)
4. O trabalho em equipa (...)
5. O compromisso social: (...) educar é conseguir que a criança ultrapasse as fronteiras que, tantas vezes, lhe foram traçadas como destino pelo nascimento, pela família ou pela sociedade (...) comunicar com o público, intervir no espaço público da educação, faz parte do *ethos* profissional docente.” (NÓVOA, 2009, pp.30,31).

Podemos desde já perceber que atualmente a profissão docente é encarada como o exercício de um conjunto de funções que ultrapassam a antiga conceção de que o professor apenas serve para ensinar conteúdos científicos e programáticos. Abandonando essa função que lhe era exigida, o professor de hoje deve apresentar-se como cumpridor do seu papel, encarando a sua personagem de maneira tal que aquilo que de facto é, se torne indissociável do que se pretende que seja, tal como um ator quando personifica o “outro”. A maior diferença é que no final do dia, o ator poder tirar

a “máscara” e libertar-se do que pretende ser, mas o professor não o consegue fazer de forma tão abrupta, pois é um agente social.

Como é que podem então os docentes apresentar as características que o definem como “bom”? Em primeiro lugar, antes de ingressar na carreira docente, é necessário que os candidatos se autoavaliem quanto à sua capacidade de transmissão de informação, de organização, de relação com o outro, resolução de problemas inesperados...

Entramos na busca do que podemos chamar de “vocação”. Do latim *vocatio*, o termo designa um chamamento interior que leva alguém a fazer algo ou a desempenhar alguma tarefa. Durante muito tempo o exercício de uma profissão foi associado a este chamamento interior, sobretudo na área da medicina, docência e sacerdócio. Abordando especificamente a questão da docência, muitas vezes se acreditou que a profissão se fazia ver como uma atitude messiânica, o professor como um salvador. As mulheres, devido ao seu instinto maternal, seriam sobretudo aptas para a profissão quando dirigida a alunos de idades mais tenras.

Hoje em dia não encaramos a questão da vocação como algo que nos limita ou nos faz escolher rumos definitivos. O processo da construção da identidade individual é um processo longo, contínuo e complexo. Desse processo faz parte a construção da identidade vocacional. A identidade ocupacional, ou identidade vocacional, não contém uma definição concreta, como demonstram Skorikov e Vondracek (2011), quando tentam definir este conceito. Podemos dizer que identidade ocupacional é a consciência que um trabalhador contém sobre a sua identidade em relação à sua carreira, profissão ou trabalho. Por outro lado, representa a percepção de interesses, habilidades, objetivos e valores de ocupação, ou então, uma estrutura complexa de significados que o indivíduo liga às suas motivações e competências para a aceitação de uma carreira (Skorikov & Vondracek, 2011, pp. 693-694)

O mercado de trabalho atual exige dos trabalhadores capacidades diversas e transversais a várias atividades. O estudante e futuro trabalhador deve assim desenvolver várias capacidades que poderá utilizar em diferentes contextos ao longo da vida. Nesse mesmo sentido, os professores (homens e mulheres) deverão ter uma boa

capacidade de comunicação oral e escrita, capacidade de organização e sistematização da informação, mas também um certo perfil para lidar com os alunos e meio escolar. Não encaramos portanto essas aptidões como algo adquirido desde nascença, mas sim como um conjunto de capacidades trabalhadas ao longo do tempo.

Após a reflexão que o candidato a professor deve fazer sobre as suas aptidões e capacidades e após a sua formação académica, deve então procurar ingressar num mestrado de ensino que lhe forneça conhecimento didático, científico e pedagógico, mas que também o leve ao contacto com a escola, as aulas e os alunos. Nesse sentido, António Nóvoa (2009) reafirma a importância da formação de professores “num contexto de responsabilidade profissional, sugerindo uma atenção constante à necessidade de mudanças nas rotinas de trabalho, pessoais, coletivas ou organizacionais.” (NÓVOA, 2009, p.35).

É importante que a formação inicial coloque os professores estagiários em contacto com o maior número de situações adversas e diversas que poderão enfrentar no futuro, que fomente o diálogo entre os professores mais jovens e os orientadores de estágio, para passar da teoria à prática, para tentar resolver casos concretos e suscitar nos futuros docentes a reflexão sobre problemas éticos e deontológicos com os quais terão de se debater ao longo da sua vida e da sua carreira.

Neste processo de formação inicial é importante que as instituições académicas relembrem aos professores estagiários o impacto da sua missão social e o valor do que estão a aprender; deve ser também fomentada a necessidade de formação contínua dos professores, a importância da assistência a congressos e conferências sobre a sua área de ensino e sobre ciências da educação. A formação contínua é uma forte “arma” contra o conformismo e estagnação científica e pedagógica que muitos professores enfrentam na carreira docente.

1.2.1. Ética e Deontologia Docente

Continuando esta reflexão sobre a função e o papel do professor, é importante refletir sobre a ação ética e deontológica dos docentes, uma vez que é insuficiente definir um bom professor como alguém dotado apenas de muito conhecimento.

Considerando que um bom professor é também um exemplo para os alunos, o professor deve questionar constantemente a sua atuação e como poderá lidar com diversas situações que, de facto, acontecem nas escolas e não são apenas parte do imaginário. Não é em vão que muitas faculdades inserem no programa curricular dos seus mestrados disciplinas que abordam “Ética e Educação”, que procuram auxiliar os estudantes a pensarem na sua visão do mundo e como reagir perante pessoas com ideias diferentes das nossas, porque, no fim de contas, como salienta Ada Abraham: “o professor é uma pessoa”.

A diferença e a marca positiva deixada por um professor muitas vezes reside na sua pessoa, na sua personalidade e atitudes. É importante nunca descurar a importância da pessoa do professor no exercício da sua profissão, uma vez mais lembramos. É o professor como pessoa, com o seu conjunto de crenças, valores, opções de vida e sensibilidade que irá tomar decisões que direta ou indiretamente irão influenciar os alunos e embora não se fale muito nisso, é importante refletirmos num trabalho como este.

É importante neste aspeto abordar o significado de alguns conceitos importantes e para os quais os professores devem estar despertos numa atitude reflexiva sobre a sua postura. Ética deriva do grego *ethos*, que significa “bom costume” e está relacionada com o carácter; integra então conceitos que abordem o bem/mal, justiça/injustiça. Moral deriva do latim *mos* e remete para um conjunto de atitudes, costumes e comportamentos que são aceites como positivos. O termo deontologia deriva do grego *deonta* (dever) e *logos* (razão), ou seja define um conjunto de normas estabelecidas conforme o dever. A deontologia define uma orientação prática para a atividade profissional, de modo a obter um tratamento constante e justo aos que usufruem de determinado serviço.

O primeiro vestígio da existência de um código deontológico vem da Grécia, século V a.C. com o juramento de Hipócrates na prática da Medicina. Também durante o período áureo de Roma se falou sobre legislação e procedimentos éticos. No século VI, surge o código Justiniano, que faz uma complicação de várias leis e costumes transmitidos ao longo de gerações, que ficou conhecida como *corpus juris civilis*. A sociedade romana, apesar de dominada por fortes poderes e interesses, dava a entender que se preocupava com a atuação ética a nível político e militar dos seus líderes, respeitados, temidos por tantos e com tanta responsabilidade sobre os ombros. Séculos mais tarde, em França, em 1274 surge o primeiro código de advocacia.

Visto que ao contrário de outras profissões os docentes não têm um código deontológico que oriente as suas condutas, é urgente que os professores reflitam sobre as suas atitudes, preconceitos, emoções, julgamentos, etc. Como reflete Isabel Baptista (2005), apesar de vários professores estarem de acordo com a criação de um código deontológico, esse ainda não existe. Uma vez mais, cabe à Escola como instituição e ao professor como pessoa e profissional, tomar decisões que se adivinham complicadas e, por vezes, contraditórias.

É nesse sentido que reforçamos uma vez mais o título que encabeçou este subcapítulo. Existem funções que são inerentes à profissão docente: dar aulas, avaliar os alunos, ensinar determinados conteúdos, saber gerir a disciplina de uma sala de aula; contudo, o papel de professor está muito além disso, está em ser uma pessoa com integridade moral e ética, que apesar de não concordar com o “outro”, sabe ouvi-lo, argumentar, debater e gerar um ambiente de confiança, tolerância e respeito. Um professor, querendo ou não, é um agente social de mudança e deve assumir a responsabilidade inerente à sua profissão: a sociedade, as famílias, e, acima de tudo os alunos esperam que os docentes o façam!

A questão sobre instrução/educação leva a que os docentes se questionem: até onde vai a minha função de professor? Como devo desempenhar o meu papel? Quais os limites da minha ação? Onde posso ou não intervir na vida do aluno? O que devo fazer em determinada situação onde vejo o meu aluno a sofrer ou a ser vítima de algo? Deve o professor fechar os olhos ao que se passa na sua sala de aula constituída por pessoas

(não máquinas) e apenas dar a sua aula de forma automática, sem se preocupar se a mensagem está a ser recebida ou não? Deve o professor “fechar os olhos” às necessidades dos seus alunos só para cumprir programa, sendo essa a sua função? Ou deve o professor cumprir o seu papel e agir em auxílio do aluno gerindo a sua aula de forma a conseguir chegar aos alunos?

Se é verdade que o professor não é pai ou mãe, familiar ou amigo do aluno, é igualmente verdade que o docente convive várias horas com o aluno, quase diariamente: na sala de aula, nos corredores, nos arredores da escola e deve procurar estabelecer uma relação cordial com o mesmo. Muitas vezes, os alunos passam mais tempo na escola do que em casa, convivem mais com professores do que com os próprios encarregados de educação. Os professores podem ser dos poucos adultos com os quais o discente contacta e pode buscar uma referência, um exemplo. Isso acontece mais frequentemente do que achamos que pode acontecer. Um professor lida com pessoas, alunos, funcionários da escola, outros professores. Consideramos, então que deverá adotar uma postura proactiva e cooperante, coerente, visando sempre o bem-estar do aluno e a justiça.

Para não ficar apenas nas minhas palavras, introduzo de seguida um excerto relatado por A. B. Seiya (2003) na sua obra “A Docência como Práxis Ética e Deontológica: um estudo empírico”, que considero que apresenta de forma clara e objetiva a distinção entre a função e o papel do professor, que de seguida resumirei.

“Pedro tem 16 anos e é filho de imigrantes angolanos, há vários anos residentes em Portugal. Na escola de Odivelas, onde frequenta o 11º ano, é aluno da professora Marta, com quem teve a primeira aula daquela manhã, que acabou por não ser igual às outras.

Como o dia começara frio, Pedro decidiu levar para a escola o casaco cinzento que recebera no Natal e foi com ele vestido que entrou na aula da professora Marta.

No fim da manhã, Joel – aluno de outra turma- reparou que lhe faltava o casaco cinzento que tirara pouco antes e que tinha pousado numa carteira, na

sala de convívio, durante o intervalo grande. Joel foi ao Conselho Diretivo queixar-se do desaparecimento do casaco.

O professor Zacarias, que atendeu a queixa do Joel, considera-se uma pessoa firme e rigorosa, mas justa; (...) Decidiu, então, que o melhor era agir de imediato e resolveu investigar entre os alunos que estavam no convívio; ora quem ele viu logo foi Pedro, de casaco cinzento vestido, semelhante ao descrito pelo aluno queixoso. Ato contínuo, chamou-o e começou a interrogá-lo acerca da proveniência do casaco. Pedro, ofendido pela suspeita, defendeu-se como lhe foi possível, até com alguma agressividade.

A professora Marta ia a passar e, notando a exaltação de Pedro, que ela conhecia bem e sabia ser inseguro e sensível, achou conveniente intervir. Inteirada da situação, explicou que o jovem já tinha o casaco ao primeiro tempo da manhã pelo que as suspeitas do professor Zacarias eram infundadas. Então este, um tanto desconcertado, lá mandou o Pedro embora, sem uma palavra mais... A professora Marta, por sua vez, pensou que estava na hora de ter uma conversa esclarecedora com o colega Zacarias.” (SEIÇA, 2003, pp.242,243).

Muito se poderia extrair deste excerto, mas considero que podemos resumi-lo na seguinte ideia: o professor Zacarias cumpriu a sua função, a professora Marta desempenhou o seu papel. Ambos são pessoas diferentes, com posturas éticas e sensibilidades diferentes. Levado por algum preconceito quanto ao aluno Pedro, talvez pela sua cor de pele ou condição social, o professor Zacarias interrogou o aluno de maneira discriminatória, num discurso que poderia ser acusador e não questionador, fomentando a revolta no aluno; o mesmo professor poderia desculpar-se ao dizer que estava apenas a cumprir a sua função em tentar descobrir quem foi o culpado pelo roubo. Por outro lado temos a professora Marta, que tinha cumprido a sua função de dar aulas ao Pedro naquele dia. Provavelmente lecionou novos conteúdos, avaliou e corrigiu os alunos naquela aula, cumprindo com a sua função. Mas a professora Marta foi mais além, agiu em defesa do aluno e isso foi agir eticamente ao desempenhar o seu papel de professora. Marta não era obrigada a fazê-lo; não foi remunerada financeiramente por isso, mas agiu corretamente e com toda a certeza marcou de forma positiva a vida do

seu aluno Pedro, livrando-o duma acusação injusta, provando-lhe que nem todos os professores são injustos e impessoais. Não é isso também uma recompensa para o professor? Não deveriam agir assim todos os professores?

Encerro este subcapítulo relembrando a frase inicial de Ada Abraham. Se os professores são pessoas, se não existe um código deontológico docente, sabemos que perante a mesma situação os docentes reagem de forma diferente. Mas é esse aspeto que faz a diferença entre o “bom” e o “mau” professor, a pessoa que é e a forma como age e marca a vida dos alunos.

Como refere Sérgio Niza (2015), ser professor é de facto muito exigente e nem todos o podem ser, ou melhor, nem todos o conseguem ser de forma eficaz.

“Ou a nossa escola é, por aspiração, por esforço, uma construção permanentemente ética e democrática, ou não teremos nunca uma democracia. É este o caminho que perseguimos: caminho duro, perturbante para muitos. Por isso muitos desistem, porque não querem ter tanto trabalho com uma profissão que é tão dura, tão violenta. Para nós, ética, pedagogia e democracia são exatamente a mesma coisa. Daí, esta exigência que nos impomos.” (NIZA, 2015, p.17).

Ser professor é bem mais do que dar aulas. Se alguém não está preparado para isso, talvez não deva ponderar seguir a carreira docente. Se um professor não tem presente a importância do seu papel social, será facilmente assombrado pelo mar de responsabilidades, dilemas e problemas em que involuntariamente poderá estar envolvido.

“A profissão de «professor», também este um termo algo opaco, suporta todas as nuances possíveis entre, num extremo, na forma de vida rotineira e desencantada e, no outro, um elevado sentido de vocação. Compreende numerosas tipologias que vão desde o pedagogo destruidor de espíritos à do Mestre carismático.” (STEINER, 2003, p.11).

Concordo com George Steiner quando afirma que existem numerosas tipologias de professores. É inegável que devido ao Sistema Educativo que nos regula, ao longo da vida contactamos com imensos professores: uns, marcaram a nossa vida de forma positiva, outros, de forma muito negativa. Com todos aprendemos algo: se com uns aprendemos o que fazer ou como ser, com outros aprendemos o que não queremos ser ou fazer. De facto, a atitude do professor marca definitivamente a vida do aluno e a sua postura na sala de aula. Abordaremos essa questão no próximo subcapítulo.

1.3. A importância da Empatia e da Motivação no processo de ensino-aprendizagem

“A trama das emoções e dos afetos permanece oculta nas escolas. É como se não existisse. E, contudo, todos nós sabemos que constitui uma parte fundamental da vida da instituição e de cada elemento que a integra. (...) A hegemonia da dimensão intelectual levou à atrofia da dimensão afetiva. Os sentimentos foram silenciados, confinados à esfera privada, controlados e objeto de punição. (...)” (GUERRA, 2006, pp.12,13).

Começo este subcapítulo por apresentar algumas questões que surgiram após a leitura de um excerto da obra de Miguel Santos Guerra: serão “lamechas” os professores que amam o que fazem e desenvolvem uma relação positiva de empatia e companheirismo com os seus alunos? Poderão ser eficientes e profissionais no desempenho da docência? Será necessário estabelecer uma relação de respeito mas confiança com os alunos para que a sala de aula funcione de forma disciplinada?

No seu trabalho desenvolvido em relatório de estágio, Ana Luísa Ramos (2012) aborda vários tipos de relação pedagógica que o professor pode estabelecer com os alunos. Citando autores como M. Postic (1990), define a relação pedagógica como o “(...) conjunto de relações sociais que se estabelecem entre o educador e aqueles que educa para atingir objetivos educativos, numa dada estrutura institucional, relações

essas que possuem características cognitivas e afetivas identificáveis, que têm um desenvolvimento e vivem uma história.” (RAMOS, 2012, p.11).

Assim, a relação pedagógica pode ser vivida entre professores-alunos, professores-professores e alunos-alunos; identifica também a forma como os alunos encaram o saber e a sociedade que os rodeia. A relação pedagógica deve sempre valorizar a comunicação e o desenvolvimento a vários níveis: científico, emocional, pessoal, etc. É então que a visão tradicional sobre a relação pedagógica nos faz chegar associado a este conceito, a noção de estrutura hierárquica, onde o professor é “dono” da autoridade e o aluno deve aceitar essa autoridade, mesmo sem a compreender. Através de punições ou recompensas, o professor controlaria a relação pedagógica apresentando-se num patamar superior ao aluno. Podemos perguntar: será que uma relação pedagógica baseada no autoritarismo e imposição de regras pode gerar um processo de ensino-aprendizagem “saudável”?

Sendo que falamos de docentes e da sua “missão” de ensinar, é fundamental lembrar que ensinar é informar, transmitir conhecimentos diversos, é acima de tudo comunicar. A comunicação humana é complexa e a mensagem que o remetente quer transmitir nem sempre chega ao recetor; esta situação aplica-se na comunicação entre professores-alunos, mas também entre alunos-professores.

Visto que, mais uma vez falamos do ensino como uma atividade que inevitavelmente envolve sentimentos, pessoalidade e personalidade, a maneira como as relações humanas se estabelecem é consequentemente muito diversa. Ana Luísa Ramos (2012) distingue quatro tipos de relação pedagógica que podem ser estabelecidos: relação de autoridade, relação de ajuda; relação de agrado/afeto e relação de conflito.

A relação de autoridade é uma relação que conserva muito da visão tradicional que acima foi mencionada, concebendo o ensino como uma relação de poder, onde o professor é o líder hierárquico. Subscribo as palavras da autora quando afirma:

“a autoridade, sendo um produto da relação, não é em si um problema, principalmente quando o professor se serve de competências adequadas para que ela estruture de forma positiva a gestão de sala de aula. Para que a autoridade do professor seja respeitada pelos alunos é fundamental que se

estabeleça uma espécie de acordo relativamente às regras a cumprir em sala de aula.” (RAMOS, 2012, p.17).

É importante lembrar que o professor deve ter uma postura afirmativa da sua autoridade, mas deve usar essa autoridade de forma sábia, criando um espaço de comunicação, onde explica aos alunos porque exige determinado comportamento, onde estabelece o que vai permitir ou não na sua sala de aula. Esse tipo de relação gera um exemplo para o aluno: ser claro e coerente com o que pretende dos outros, porque no futuro os alunos serão profissionais, deverão saber estabelecer limites e objetivos, relacionar-se com pessoas que apresentam visões diversas sobre o mundo e sobre determinados temas.

A relação de ajuda baseia-se na cooperação e na visão do professor como guia dos alunos e dos seus conhecimentos. É um dever ético do professor ajudar o aluno na sua aprendizagem, nos seus problemas, na sua evolução como pessoa e futuro cidadão.

“A relação pedagógica deve, assim, inteirar o comportamento relacional que potencie o encontro, a aquisição do conhecimento, sempre com o intuito de estimular o desenvolvimento das potencialidades dos alunos através de um processo de aprendizagem centrado na dimensão da ajuda, não a confundido nunca com libertinagem ou falta de autoridade.” (RAMOS, 2012, p.18).

A relação de agrado/afeto gera um bom ambiente de sala de aula e potencia sensações de bem-estar. A propiciação de sentimentos positivos fomenta o desenvolvimento cognitivo do aluno.

“Motivar o aluno para a aprendizagem não depende de uma técnica específica adotada pelo professor, mas sim de uma relação saudável que, contemplando a dimensão afetiva, é estabelecida com o aluno com o intuito de criar um clima propício à construção de conhecimentos.” (RAMOS, 2012, p.20).

A relação de conflito pode implicar da parte do professor uma atitude de intolerância face à diversidade existente na sua sala de aula e, ao mesmo tempo, implica a gestão de conflitos que surgem face à não-aceitação da autoridade docente e à instauração de comportamentos de indisciplina. Citando J.A. Lopes (2009), Ana Luísa Ramos reforçou uma ideia importante: “(...) os bons professores não se distinguem dos professores ineficazes pela forma como lidam com a indisciplina, mas sim pela forma como evitam a sua instauração.” (RAMOS, 2012, p.21).

A maneira como o professor reage aos conflitos marca a diferença, porque perdendo o controlo da sala de aula, o professor perde muito da essência do seu papel. Para gerir uma sala de aula e evitar comportamentos de indisciplina, o professor deve ser atento às inúmeras situações que ocorrem na sua sala de aula ao mesmo tempo, e que por vezes, são muito imprevisíveis e exigem que o professor seja justo e versátil, buscando agir de forma coerente e ética, solucionando conflitos de diferentes tipos.

Estes tipos de relação pedagógica que se podem estabelecer não são lineares, ou seja, o professor não deve optar por escolher um deles, mas consideramos importante que se adapte conforme as situações e os alunos com quem está a lidar. Existem momentos em que o professor necessita ser mais rigoroso e talvez autoritário (no sentido positivo da palavra); existem momentos em que o professor necessita desenvolver uma relação de ajuda com o aluno e ser, por exemplo, tolerante na entrega tardia de um trabalho por parte do aluno já que este teve um problema familiar, ou o atraso num pagamento porque está a passar necessidades financeiras em casa. Mas, reafirmo a ideia que tenho vindo a defender ao longo deste trabalho: as características do bom professor vão além da transmissão de conhecimento, demonstram-se num conjunto de capacidades e acima de tudo, numa sensibilidade que lhe permite motivar os alunos e chegar até ao seu coração.

Há vários anos, quando pensei ingressar na carreira docente, falei com uma antiga professora do Ensino Secundário que marcou muito a minha vida como pessoa e como professora. Lembro-me que ela me disse algo que não vou esquecer e que, de facto, me foi útil neste ano de estágio e será útil no futuro: “lembre-se sempre que para conseguir cérebros atentos, tem de conquistar os corações primeiro”.

Retomando a ideia inicial de Miguel Santos Guerra (2006), de facto, é fácil dar-mos conta de que a sensibilidade, as emoções e os sentimentos têm sido excluídos da sala de aula, da escola, da sociedade e da vida comum. O pragmatismo e automatização de comportamentos, discursos e rotinas imperam, gerando uma visão da Escola como o lugar onde todos somos iguais, pessoas com os mesmos direitos e deveres.

Podemos então falar de pessoas ao dizer que todos somos iguais? Sim e não. **Sim**, na medida em que todos somos seres humanos com dignidade igual perante a lei, não importando a cor de pele, condição social, orientação religiosa, política, etc. **Não**, na medida em que os seres humanos são sempre diferentes, têm características, sentimentos e emoções, forma de expressão diferentes. Uma vez ouvi um professor catedrático afirmar o seguinte: “não existe nada mais injusto do que tratar de forma igual, pessoas diferentes.” Não poderia estar mais de acordo!

A Escola não é apenas um lugar de saber, mas de aprender a ser. Como salienta Miguel Santos Guerra (2006), é na escola que passamos muitos anos da nossa vida e onde se estabelecem relações diversas que formam o carácter de cada um e consequentemente, o influenciam a pessoa e cidadão que será futuramente. Atualmente, já consideramos importante conceber um sistema de avaliação onde se valorize gradualmente a individualidade e as diferentes capacidades humanas, como é exemplo a tão debatida teoria das “Inteligências Múltiplas” de Howard Gardner.

Também no final do século XX, Daniel Goleman veio reforçar a importância da inteligência emocional, “a capacidade de reconhecermos os nossos próprios sentimentos, os sentimentos alheios, de nos motivarmos e de lidarmos adequadamente com as relações que mantemos com os outros e connosco mesmos.” (GUERRA, 2006, p.21).

Pouco a pouco as escolas vão dando importância à necessidade de “uma educação de afetos” (GUERRA, 2006). Surgem conferências, eventos, convívios, disciplinas como *Educação para Cidadania* que visam abordar temas que contribuem para a formação emocional e geral do indivíduo. Contudo, mais tarde ou mais cedo voltamos ao erro de menosprezar os mais sensíveis; “não recriminamos ninguém por ser

excessivamente inteligente e, no entanto, qualificamos as pessoas particularmente afetivas com o adjetivo pejorativo de «*sentimentalóides*», de «*piegas*» (GUERRA, 2006, p.13).

O professor tem nas suas mãos um “tesouro” imensurável: os seus alunos, as suas ideias, os seus medos, as suas visões do mundo. No entanto, este “tesouro” tem sido pouco descoberto e apreciado. O papel do “bom” professor passa também pela educação emocional e para isso é necessário que o professor seja também uma pessoa que busque desenvolver a sua inteligência emocional.

Mas existe muita resistência a este papel do professor:

“Há alguns professores que rejeitam o conceito de «educadores», acrescentando que apenas se consideram professores das disciplinas que lecionam. Argumentam que não foram formados para isso e que são pagos para dar as aulas da sua disciplina. Erro crasso. Porque um professor, quando está perante os seus alunos, está a transmitir-lhes, simultaneamente, muitas e variadas lições. Lições de sensibilidade ou de insensibilidade, de respeito ou de falta de respeito, de estímulo ou de desânimo, de bom ou de mau exemplo, de bem ou de mal falar... Queira ou não queira, ensina muito mais coisas do que as relacionadas com a sua disciplina.” (GUERRA, 2006, p. 69).

O professor cansado, que se sente injustiçado e esquecido, tem maior probabilidade de perder a preocupação em motivar os alunos para a sua disciplina e de se preocupar com a sua ação perante eles. Muitos são os que não se preocupam se os alunos sentem empatia por eles ou não. Consideramos isso um erro que deve ser evitado, porque aumenta a distância entre os objetivos da docência e a sua prática concreta.

A palavra empatia deriva do grego *empáttheia*, que significa paixão. Um dos significados da palavra paixão relaciona-se com cuidado, trabalho e esforço. Um professor apaixonado pela sua profissão é, inevitavelmente cuidadoso, esforçado, disposto a ouvir os seus alunos e repensar as suas atitudes. Um professor empático não

tem de ser pouco exigente, mas rigoroso ao ponto de adaptar a sua mensagem ao público-alvo de modo a fomentar o seu desenvolvimento intelectual e não tornar o ensino num monólogo. A palavra motivação relaciona-se também com exposição de motivos, o que reforça a ideia anteriormente falada sobre comunicação e diálogo entre professores-alunos para uma boa relação pedagógica.

Uma palavra positiva/negativa dita por um professor pode marcar toda a vida de um aluno. Subscrevendo a ideia de Rubem Alves (2003), podemos afirmar que: “a educação, fascinada pelo conhecimento do mundo, esqueceu-se que a sua vocação é despertar o potencial único que jaz adormecido em cada estudante. Daí o paradoxo com que sempre nos defrontamos: quanto maior o conhecimento, menor a sabedoria.” (ALVES, 2003, pp.18,19).

Através de aulas que visam que os alunos aprendam de forma diferente, utilizando recursos diferentes, utilizando as TIC, buscando aproximar as aulas aos gostos dos alunos, estamos a procurar motivá-los. Ao entrar na sala de aula com paixão (empatia) pelo que fazemos, teremos como docentes maior probabilidade de motivar os alunos para a nossa disciplina. Ao explicarmos aos alunos os motivos que nos levam a exigir certo tipo de comportamentos e ao estabelecimento de algumas regras, podemos gerar no aluno uma maior empatia connosco. Quando como professores buscamos amar o que fazemos e acreditar na nossa profissão, seremos capazes de estar atentos e disponíveis para ajudar os alunos no seu desenvolvimento pessoal e cognitivo, porque quando o aluno sente empatia pelo professor, mais facilmente se sente motivado para aprender e estar atento e bem comportado na sala de aula.

Concluindo este subcapítulo, surge uma questão: podem os alunos aprender com os professores de quem não gostam? A resposta é sim. É muito provável que professores que se revelam incapazes de estabelecer uma relação positiva com os alunos, sejam profissionais capazes de transmitir muita informação e conteúdos importantes. Contudo, consideramos que esse ensinamento se torna incompleto, na medida em que a parte pessoal e afetiva muitas vezes é esquecida. De facto, os alunos podem aprender, mas será que se vão lembrar com entusiasmo e saudade desses professores? Será que irão associar de forma carinhosa determinado

conhecimento/curiosidade a um certo professor? Será que é isso que mais marca os alunos?

Sabemos que apesar de todos os esforços do professor, muitas vezes os alunos não sentem empatia. Muitos são os desafios que os docentes atuais têm de enfrentar, a nível pedagógico, científico e relacional. Contudo, a paixão pelo que se faz poderá ser uma estratégia para enfrentar novos desafios. Que possíveis desafios irão enfrentar os docentes? O próximo subcapítulo visa tratar essa questão.

1.4. Possíveis desafios para a docência atual e futura

A Escola: lugar de aprendizagem, conhecimento, relações, emoções. A Escola: lugar de pessoas diferentes que trabalham para lograr objetivos comuns. A Escola: lugar de sonho para uns, de pesadelo para outros. Mas, afinal o que se espera da Escola e dos professores nos nossos dias? O presente subcapítulo tem o objetivo de esboçar alguns dos desafios que os docentes irão enfrentar, desafios baseados em tópicos abordados nas obras consultadas, em experiências relatadas e vividas diretamente e observação de alguns aspetos do contexto escolar e do funcionamento desta organização.

Maria Helena Cavaco (1995), resume a indefinição que muitas vezes sinto, lançando um primeiro desafio que os docentes enfrentam: delimitar a ação da Escola.

“Entre nós, inovação, mudança, criatividade, autonomia, tornaram-se termos que brilham no discurso oficial de sedução, mas que não escondem a realidade da rotina estritamente regulamentada e a mediocridade de condições de trabalho que limitam, em larga medida, a vivência nos espaços escolares. A própria sociedade mostra-se incapaz de se esclarecer sobre o que espera da escola e as contradições das suas expectativas facilitam o desperdício que as dimensões do insucesso escolar atestam. Investe-se socialmente na escola e proclama-se que deve promover a democratização e a igualdade, mas exige-se-lhe que selecione em função de critérios de excelência cristalizados etnocêntricos.” (CAVACO, 1995, p.158).

Que modelo de Escola queremos? No documento “Perfil dos Alunos para o Século XXI” (2017), o Ministério da Educação define o seguinte:

“A educação permite fazer conexões entre passado e futuro, entre o indivíduo e a sociedade, entre o desenvolvimento de competências e a formação de identidades. A escola é, assim, um lugar privilegiado para os jovens adquirirem as aprendizagens essenciais, equacionadas em função da evolução do conhecimento e dos contextos histórico-sociais.” (Ministério da Educação, 2017, p.7).

Ao repensar a noção de Escola, temos de ter em conta a perspetiva dos alunos e temos de treiná-los de forma a que possam cumprir certos objetivos para chegarem às desejadas “aprendizagens necessárias”. O documento mencionado anteriormente defende nove princípios ou orientações para definir o que os jovens devem saber/ser no final da sua Escolaridade. É de salientar que o documento valoriza a componente cívica a desenvolver no aluno e não só o conjunto de capacidades científicas que deve apresentar. O jovem deve então saber avaliar e selecionar informações, criar hipóteses e tomar decisões; deve ser livre e autónomo, responsável; deve ser crítico, conhecer os seus direitos e deveres; deve rejeitar todo o tipo de discriminação e exclusão social. Educar adolescentes e jovens para este ideal de cidadania é um enorme desafio para os professores e exige que o seu comportamento seja um exemplo, seja coerente.

Começando esta análise de dentro para fora, ou seja, desde a classe docente para a classe discente, pergunto: pode um professor exigir que os seus alunos trabalhem em equipa se ele próprio não consegue trabalhar em equipa com os alunos ou com outros colegas? Como pode um professor exigir que os seus alunos sejam tolerantes com a diferença se o professor não consegue ouvir a opinião ou a “voz” de um aluno que pensa de forma diferente? Como pode um professor exigir que o aluno seja cumpridor e responsável se o professor não cumpre prazos ou regras estabelecidas? Diria (talvez ousadamente) que um dos maiores desafios para a docência futura é a avaliação do comportamento docente.

O documento acima mencionado colabora com esta ideia ao afirmar que todos estes princípios estabelecidos como desejáveis, só serão possíveis se existir um compromisso por parte de todos os agentes da comunidade escolar:

“O perfil dos alunos no final da escolaridade obrigatória estabelece uma visão de escola e um compromisso da escola, constituindo-se para a sociedade em geral como um guia que anuncia os princípios fundamentais em que assenta uma educação que se quer inclusiva. Apresenta uma visão daquilo que se pretende que os jovens alcancem, sendo, para tal, determinante o compromisso da escola, a ação dos professores e o empenho das famílias e dos encarregados de educação” (Ministério da Educação, 2017, p.7).

Considero muito pertinentes alguns tópicos que David Justino (2010) salienta sobre os motivos do atraso do Sistema Educativo Português. Segundo o autor, é errado tentar encontrar culpados para o atraso, é errado buscar o fator determinante para justificar o mesmo; além disso, não considera como correto a pesada herança que a Educação herda de uma complexidade inexplicável. Saliento estas ideias porque penso que evitar cair nestes “erros” constitui um grande desafio para a docência atual e futura. A necessidade de justificar o passado, de culpar tudo e todos, tem feito com que a docência perca a sua essência e sair desta rede parece complexo, mas creio que não é impossível.

Os docentes que estabelecem um compromisso consigo mesmos, com a sua profissão e com a Escola como instituição, poderão enfrentar os desafios externos suscitados pelos alunos. Sim, alunos: a palavra que tantas memórias felizes suscita a alguns professores e a que faz com que outros tenham tantas dores de cabeça. À semelhança dos professores, os alunos são pessoas, com falhas e virtudes, gostos, opiniões, medos, questões. O que diverge é que os professores são adultos, que ao longo da sua vida foram amadurecendo e aprendendo a expressar as suas ideias e a ver o mundo de maneira que as crianças, os adolescentes e jovens ainda estão a aprender. A

cosmovisão de uns e de outros é naturalmente diversa, mas a situação tende a piorar quando não há diálogo nem respeito entre ambos.

Numa das suas obras, Edgar Morin (1999) define sete saberes necessários para o futuro, ou seja, sete desafios para a Educação do futuro, afirmando que estes se deveriam “tratar em qualquer sociedade e em qualquer cultura, sem exceção nem rejeição, segundo os costumes e as regras próprias de cada sociedade e de cada cultura.” (MORIN, 1990, p.15).

Esses saberes são (MORIN, 1999, pp. 16-21):

1. “As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão”, dar aos alunos uma nova visão sobre o conhecimento, mostrando que é um produto de construção psíquica e social;
2. “Os princípios de um conhecimento pertinente”, abordando a necessidade de um saber interdisciplinar; ´
3. “Ensinar a condição humana”, valorizando a diversidade de expressões humanas salientando a unidade que persiste na condição humana apesar das suas diferenças;
4. “Ensinar a identidade terrena”, ensinar a História da Humanidade e a sua identidade;
5. “Afrontar as incertezas”, abandonando concepções deterministas do saber, promovendo a reflexão sobre diversas possibilidades;
6. “Ensinar a compreensão”, considerada como meio e o fim da condição humana e da Educação; por fim, “
7. “Ética do género humano”, formar pessoas para que conheçam a sua sociedade local e nacional, mas também o mundo em geral e a importância do exercício da plena cidadania.

Apesar de a obra ter sido escrita há vários anos, considero que estes sete princípios são atuais e fundamentais para o que se pretende da Educação no século XXI e para o que se pretende que o aluno seja neste século de constante mudança, no século da Globalização, com tudo de positivo e negativo que isso possa trazer às nossas vidas e

à nossa sociedade. Um bom professor deve ter a noção da necessidade de fomentar espírito crítico nos alunos, da necessidade que tem de estar preparado para os auxiliar nesse processo e da importância da comunicação e cooperação entre docentes para que possam trabalhar para o objetivo comum de formar alunos capazes mas responsáveis, com conhecimento científico mas também interpessoal.

Mas é nesse mesmo conhecimento interpessoal que surge um desafio para os próprios docentes: diferença de idades e de gerações entre a classe docente e discente. Se não, vejamos: a maioria dos professores no ativo foi formado, educado através da leitura de livros em suporte de papel, foi ensinado a tirar muitos apontamentos. Na juventude, os seus hobbies passariam essencialmente por estar ao “ar livre”, a caminhar, correr, dançar, a ler, ouvir música. Muitos foram educados em zonas onde abundavam crianças, brincadeiras de rua e amizades de longos anos. Muitos cresceram numa escola onde um trabalho deveria ser baseado em pesquisas feitas em bibliotecas, em livros e enciclopédias, etc. Contudo, hoje chegam a uma sala de aula e encontram alunos que vivem na era da tecnologia e da informação; alunos da “geração polegar”, que nasceram com a televisão, o computador, as *play-station* e o tão temido telemóvel sempre ao seu lado; muitos alunos passam muito tempo em casa, sozinhos, convivendo pouco com outras crianças. A forma como somos educados marca profundamente a maneira como atuamos. Como criar um ponto de encontro entre as diferenças?

O problema não reside na diferença de idades entre professores e alunos, reside na atitude de cada um. Existem professores jovens que não conseguem motivar os alunos, tal como existem professores mais velhos que conseguiram adaptar-se aos tempos que correm. Existem alunos que respeitam os professores mais velhos, tal como existem alunos que desrespeitam os professores mais novos. A incerteza do que vamos encontrar na sala de aula é muito grande.

Tentando apresentar um exemplo prático do desafio lançado pela diferença de gerações, imaginemos esta situação: uma turma de 7º ano, com alunos entre 11-12 anos, sempre agarrados ao seu “mundo”, ao telemóvel, habituados a ver filmes, séries, a jogar horas a fio no computador, entram numa sala de aula de História. Encontram um professor que não utiliza computador, não utiliza recursos variados, apenas dita

apontamentos para os alunos. Não gosta de ouvir sugestões dos alunos e queixa-se frequentemente aos colegas: “estes miúdos de hoje em dia não querem saber de nada”. Parece comum? Na minha curta experiência docente já ouvi colegas a falar assim e já ouvi alunos a queixarem-se desta situação. Como resolvê-la? Inevitavelmente os alunos terão de se sujeitar à figura de autoridade que avalia, o professor. Contudo, pergunto: não pode o professor tentar agir de forma diferente e procurar compreender os alunos e motivá-los para a sua aula? Não é isso que a didática exige? Contudo, a rotina pode retirar aos docentes esse gosto e essa sensibilidade.

Entramos então no dilema daquilo que se tem vindo a chamar “ditadura das tecnologias”. Como pode o professor sobreviver no meio das TIC? Não nos deixemos enganar: não é um power-point, não é uma música, filme ou imagem que tornam a aula interessante, mas a maneira como o professor agiliza essa informação e ensina os alunos a retirarem dela o conhecimento necessário à sua formação. O desafio do professor está também em afirmar o seu papel no mundo da informação e do conhecimento. Na maioria dos casos o que cativa o aluno é a explicação que o professor dá, o gosto que tem pelos conteúdos que lecciona, não apenas o recurso que utiliza para fomentar e facilitar a aprendizagem dos alunos.

De maneira a conseguirem formar o aluno para apresentarem o perfil idealizado para o século XXI, é necessário também que os professores enfrentem o desafio da avaliação coerente. Com isto quero dizer que se é pretendido que os alunos saibam escrever corretamente, associar informações e desenvolver ideias num teste escrito ou em exame nacional, é importante que os professores treinem e fomentem isso na sala de aula. Se é pretendido que os alunos consigam desenvolver um relacionamento interpessoal positivo, é importante que os professores os envolvam em debates, em trabalhos de grupo onde o professor supervisa as tarefas e interage com os alunos dentro do possível (não exigindo apenas uma apresentação oral e escrita sem ter em conta o desenvolvimento do processo e a relação dos elementos do grupo). Se se pretende que os alunos desenvolvam sensibilidade estética e artística, é importante apostar em atividades diferentes, em visitas de estudo orientadas, ou seja, onde os alunos tem

algum tipo de tarefa a desempenhar, um guião para preencher, etc e possam partilhar a sua opinião. Resumindo:

“Trata-se de encontrar a melhor forma e os recursos mais eficazes para todos os alunos aprenderem, isto é, para que se produza uma apropriação efetiva dos conhecimentos, capacidades e atitudes que se trabalharam, em conjunto e individualmente, e que permitem desenvolver as competências-chave ao longo da escolaridade obrigatória.” (Ministério da Educação, 2017, p.18).

Outro dos desafios que a docência atual e futura tem e terá de enfrentar está relacionado com a crescente heterogeneidade na sala de aula, sobretudo no Ensino Público. Cada vez mais os alunos desde muito cedo apresentam diferentes opiniões sobre religião, ética, sexualidade, família, política, discriminação, etc. Em Portugal, no século XXI é muito possível que em 30 alunos de uma turma possamos encontrar ateus, cristãos, muçulmanos, imigrantes africanos, imigrantes do leste da Europa, filhos de pais desempregados, filhos de ricos empresários, filhos de pais divorciados, homossexuais, vegetarianos, góticos, entre outro tipo de situações. A sociedade portuguesa tem vindo a modificar ao longo do tempo e a Escola reflete isso mesmo.

Hoje em dia os professores não podem transmitir uma mensagem esperando que seja recebida univocamente: nem todos a entenderão ou a levarão a bem. Para fundamentar melhor o que estou a dizer, gostaria de mencionar uma cena de um filme que marcou muito este ano de formação inicial como docente, que é o filme francês “Uma Turma Difícil” (2014). Baseado em fatos reais, o filme conta a história da professora Anne, professora de História e Geografia no Ensino Básico e Secundário, e da sua turma de 10º ano num liceu de Paris. Uma turma com uma grande diversidade cultural e social: alunos judeus, muçulmanos, cristãos, ateus, jovens pobres e jovens ricos. Uma das cenas do filme é particularmente interessante. Sucede na aula de História, quando a professora analisa com os alunos uma pintura medieval feita por cristãos, onde Maomé é representado como o Diabo. Logo se gera uma enorme polémica e os ânimos exaltam-se entre os alunos da turma. Cabia à professora apelar para valores de cidadania e manter a ordem e a disciplina na sala de aulas. Com calma,

imparcialidade e sabedoria, a professora Anne conseguiu fazer ver os alunos que a pintura não representava o que ela achava ou o que era correto, mas sim o que os cristãos medievais afirmavam, num contexto de Reconquista e Cruzadas. Mais à frente na aula surge uma nova polémica quando os alunos muçulmanos fazem uma piada sobre o extermínio dos judeus. Quando chamado à razão, o aluno que insultou o colega judeu defendeu-se dizendo que o seu comentário tinha sido apenas uma piada inocente. É então que a professora lhe responde com uma frase que se tornou das frases mais icónicas do filme e que me fez refletir muito: “não existem piadas inocentes”. Ao afirmar isso, a professora estava a ensinar os alunos que mesmo as piadas mais simples e que parecem inocentes, revelam um pensamento negativo e muitas vezes discriminatório que pode ofender outros. Além disso, a professora alertou para o facto de que se queremos respeito por quem somos, o que acreditamos e defendemos, devemos dar o exemplo e fazer isso com os outros.

Saliento este exemplo porque na verdade o ambiente da turma melhorou e os alunos puderam crescer para exercer melhor a sua cidadania, porque uma professora soube exercer o seu papel e esteve à altura de gerir a heterogeneidade na sua sala de aula. Um dos desafios do professor prende-se com ensinar o aluno a saber ouvir o outro, que tem opiniões diferentes. Num mundo cheio de ódio, vingança, onde se assiste ao que Hannah Arendt chamava de “banalidade do mal”, ensinar os alunos a ouvir, respeitar, mesmo quando não aceitam ou não entendem, é urgente!

Não se pense que este tipo de situações acontece apenas em filmes ou na sala de aula de outros professores. Gostava de partilhar duas experiências que aconteceram comigo neste ano de estágio. A primeira aconteceu numa das aulas de Educação para a Cidadania com uma turma de 7º ano, abordando a temática da importância dos Direitos Humanos, falávamos que não devemos forçar o outro a ter a nossa opinião e que não devemos utilizar a violência ou repressão para impor as nossas ideias. Vejo que um aluno me fazia sinal dizendo que tinha uma questão. Dei-lhe a palavra e ele diz-me “*Stora*, eu tenho muito respeito pelas pessoas, mas eu sinto-me mal porque eu não consigo deixar de odiar o Estado Islâmico e as pessoas árabes” e nisto começa a ficar muito emocionado. Dirijo-me para mais perto do aluno (visto que ele começou a

chorar), quando de repente de forma muito exaltada uma aluna diz-lhe: “tu és um xenófobo, devias ter vergonha!”. Acalmando os ânimos, comecei a explicar aos alunos que a questão do colega não se prendia com xenofobia ou racismo, visto que todos o conhecíamos e sabíamos que é dos alunos mais calmos, pacíficos e tolerantes da turma, destacando-se muito em atividades cívicas. Perguntei ao aluno porque tinha afirmado tal coisa; respondeu-me que não estava de acordo com os ideais do Estado Islâmico, com o tratamento que dão a mulheres e crianças e com a violência com que atuam através de atos terroristas. Aproveitei a oportunidade para lhes explicar que um árabe é uma pessoa oriunda da zona do Médio Oriente, tal como nós somos portugueses porque somos oriundos de Portugal. Expliquei-lhes que uma coisa era o Estado Islâmico e outra coisa muito diferente era a religião muçulmana; enquanto que no primeiro caso falamos de uma facção política extremista e violenta que utiliza erradamente o Alcorão e a religião como “desculpa” para atacar os “infiéis”, no segundo caso falamos de uma religião predominantemente pacífica e que não concorda com as atitudes do Estado Islâmico. Os alunos entenderam a mensagem e aquele aluno ficou visivelmente mais calmo, porque houve um diálogo.

A segunda experiência aconteceu numa aula de 9º ano, quando lecionei a temática do Ensino durante o Estado Novo, a discriminação entre rapazes e raparigas nas tarefas e atividades exigidas na sala de aula. De repente vejo um grupo de três rapazes a conversar e nisto um deles fala mais alto e diz “isto mulheres e negros é tudo a mesma coisa, não servem para nada”. Logo o colega que estava perto dele se exalta porque é descendente de africanos e começa a elevar a voz e a reclamar com o colega. Fiquei um pouco preocupada com a situação: os ânimos estavam a ficar exaltados, os alunos dispersos e acima de tudo fiquei muito preocupada por ver um jovem de 14 anos a pensar daquela maneira e a dizer tão naturalmente algo assim perante um colega de origem africana. Cheguei perto dele e perguntei-lhe: “achas-me incapaz? Achas-me menos que tu ou os teus colegas por ser mulher?”. Atrapalhado logo ele respondeu que não e pediu desculpa pelo comentário. Olhei de novo para ele e disse “achas o teu colega inferior pela sua cor de pele? Achas que ele é menos digno do que tu de estar nesta sala de aula?”. Envergonhado pela sua atitude, o aluno disse que não e obriguei-o

a pedir desculpa ao colega pelo que tinha dito. Logo falei sobre a importância do respeito e da igualdade e de que na minha sala de aula não iria permitir comentários que fossem contra os direitos e a dignidade humana. No final da aula chamei o aluno e ele esteve a contar que o avô tinha estado em Angola na guerra colonial nos anos 60 e um africano tinha morto vários amigos do avô e então a família tornou-se racista e aquele tipo de comentário para ele era tido como normal. É triste, mas pode acontecer e eu como professora tive de estar disposta a lidar com isso. Não posso afirmar que fiz com que o aluno mudasse a sua opinião, mas cumpri o meu papel como cidadã e professora e pelo menos procurei que o aluno repensasse as suas atitudes, assim como que os colegas reagissem com calma mas lhe fizessem ver que está errado ao pensar assim. Neste tipo de situações pode ser complicado corrigir de maneira a que o aluno que está errado não seja discriminado pelos colegas. Por vezes o professor torna-se um equilibrista no fio do trapézio...

Para mim, gerir estas situações foi um desafio, na medida em que exige que como professora me esvazie de pensamentos do senso comum, das minhas ideias para poder ouvir os alunos e expor a minha opinião de forma a ensiná-los a viver em sociedade. Nem sempre é fácil ou linear este exercício, implica da parte do professor uma preparação pessoal, científica e didática algo exigente, mas creio que é muito necessário que os professores se preparem para gerar diálogo entre os alunos sobre temas cada vez mais sensíveis na sala de aula.

Por último mas não menos importante, é também um desafio para os professores a necessidade de formação contínua a nível científico e didático, para acompanhar o “mundo” académico e o contexto escolar. É importante que um professor não fique “parado” no tempo, baseado apenas no que aprendeu na Universidade, mas que busque sempre atualizar-se para exercer melhor a sua profissão. Além do conhecimento científico, o conhecimento pedagógico e didático é também muito importante, na medida em que é muito comum encontrar alunos com necessidades especiais em turmas “normais” e o professor necessita estar preparado para lidar com estas situações. Pode parecer óbvio o que estou a dizer sobre a necessidade de formação contínua, mas de facto é um desafio, na medida em que é comum ver que alguns professores não o fazem

e é importante fomentar essa necessidade nos professores que estão a ingressar agora na profissão.

Talvez algumas das ideias que foram brevemente aprofundadas neste subcapítulo se possam resumir em duas simples palavras: adaptação e resiliência. Adaptação no sentido em que defendo que um professor nunca deve adotar uma postura onde demonstra que acha que já sabe tudo, tem todas as soluções e respostas, mas sim deve adotar uma postura de adaptação à turma, aos alunos, à escola onde está e procurar dar o seu melhor no contexto educativo, procurando melhorar esse contexto. Resiliência, na medida em que esta adaptação custa e nem sempre é eficaz, por melhor que seja a intenção do professor. Sendo assim, o professor deve tentar manter-se focado nos seus objetivos e paixão pela carreira docente em tempos difíceis, mesmo quando parece que não vale a pena. Esta capacidade depende da estrutura emocional do professor, por isso inicialmente neste capítulo falamos sobre a importância da personalidade docente e do exame que o candidato a professor deve fazer acerca das suas capacidades e medos.

Lembro que uma das aulas que mais marcaram a minha vida deu-se no primeiro ano do Mestrado em Ensino de História, quando a docente resolveu começar a aula expondo algumas das críticas que os *media*, as famílias e os alunos fazem sobre os professores. Essa professora alertou para o facto de que poderíamos vir a ser criticados pelo que somos, pela forma como falamos, pelos nossos hábitos, pela maneira como andamos ou nos vestimos, pela forma como escrevemos, como avaliamos, como damos aulas, etc. Ao ver a expressão talvez dramática da turma, a professora logo rematou e disse algo como: “não fiquem tão assustados. Já deviam ter pensado nisto! Mas pensem que todo o mal que possam vir a dizer de vocês perde toda a importância perante o amor que irão receber e a marca que podem deixar na vida de um aluno”. Agradeço àquela professora porque foi sincera e direta ao expor os pontos negativos da profissão. Mas, ao mesmo tempo, a professora ajudou-me a colocar as coisas em perspetiva, ou seja, se decidi investir tempo, dinheiro, horas de estudo neste caminho, devo estar preparada para enfrentar desafios.

Traçados de forma sintética alguns daqueles que considero ser os maiores desafios da docência atual e futura, sabendo que existem muitos outros desafios que não abordei,

pode surgir a questão: quando é que um professor está à altura dos desafios e disponível para os ultrapassar? Respondo com a seguinte afirmação de Manuela Castro Neves (2011), “enquanto for ainda capaz de me encantar”. Enquanto um professor se conseguir encantar e motivar pelo que faz, consegue saber que está no caminho correto e que poderá enfrentar os desafios, não porque é dono de toda a sabedoria ou força, mas porque busca dar o seu melhor para exercer a sua profissão.

Nós, professores, precisamos estar constantemente atentos ao nosso comportamento, buscando ser um exemplo. Mas, ao enfrentar novos desafios, um bom professor também pode falhar. Considero que a diferença que marca o bom professor está também na forma como reage às adversidades, aos seus erros, como assume as suas dificuldades e como consegue ver que por vezes, os alunos também têm razão.

Há muito anos, no século X a.C, em Israel, o rei Salomão (famoso por ser dotado de uma grande sabedoria) escreveu vários apontamentos sobre a vida quotidiana, temas diversos e acima de tudo sobre a necessidade de sabedoria na nossa vida. Vivendo numa cultura como a hebraica, que valoriza fortemente o ensino e a transmissão de valores e tradição oral, aos mestres, Salomão deixa este conselho: “ensina a criança no caminho que deve andar, e ainda quando for velho, não se esquecerá dele.” (Bíblia Sagrada, Provérbios 22:6).

Inevitavelmente, a figura do professor gera sempre memórias nos alunos, muitas vezes memórias e exemplos que podem levar para a vida. Então **PROFESSOR**, convém sempre teres em mente: o teu papel tem muito valor, assim como aquilo que és! Não desistas da tua profissão, há alunos que precisam de ti e do teu trabalho, então: **“não os desiludas”** (NEVES, 2011).¹

¹Para quem desejar aprofundar o estudo sobre memórias relativas à Escola fica a sugestão da obra de Manuela Castro Neves (2011), “Não os Desiludas”.

Capítulo 2. – Enquadramento Metodológico

2.1. Contextualização: Núcleo de Estágio (Escola)

Uma das componentes essenciais e mais importantes num Mestrado em Ensino é a experiência que os estudantes (professores estagiários) têm no “mundo real”, ou seja, na Iniciação à Prática Profissional. Por motivos diversos, o ano de estágio é um ano que o professor irá recordar para toda a vida. A sua primeira escola onde lecionou, os seus primeiros alunos, a sua primeira aula, o seu orientador de estágio e os seus companheiros certamente serão memórias presentes ao longo da carreira.

Sendo uma das etapas mais decisivas na formação de um professor, é também uma das mais exigentes e desafiantes, na medida em que confronta o candidato a professor com múltiplas realidades, permitindo que este passe apenas da teoria para a prática como docente, que aprenda a cada dia e que conheça mais das suas capacidades e dos seus limites; que analise quais são as melhores estratégias para motivar e controlar uma turma, para gerir o tempo da aula, para se inteirar dos processos rotineiros da vida de um professor, que para o professor estagiário muitas vezes são desconhecidos. É uma oportunidade de conhecer colegas mais velhos com quem pode aprender, de conhecer alunos que o podem marcar para a vida.

Do meu ano de estágio, trago muitas memórias positivas, muitas aprendizagens e várias pessoas que tenciono “levar para a vida”. A minha experiência foi muito gratificante, o que em grande escala favoreceu a realização deste trabalho e me ajudou a manter a motivação ao longo de todo o ano letivo e não só no período inicial de aulas e de interação com a escola (o que por vezes acontece a outros professores estagiários).

No ano letivo 2016/2017, fui professora estagiária na Escola Secundária João Gonçalves Zarco em Matosinhos, uma escola onde fomos bem acolhidos e facilmente nos integrámos na comunidade escolar nas suas diversas componentes. Tive como orientadora cooperante a professora Sandra Nunes, uma professora excecional e com quem aprendi muito a nível profissional, científico e pessoal. O núcleo de estágio era composto por mim e por dois colegas: Hugo Campos e João Ferreira, com quem tive o

privilégio de trabalhar e aprender num clima de cooperação que foi essencial para o sucesso deste ano de estágio.

Quanto à Escola Secundária João Gonçalves Zarco (nome atribuído desde 1995), define-se como uma escola com história, “60 anos a construir futuros”. Desde 1955 a 1979 teve como nome Escola Industrial e Comercial de Matosinhos; entre 1979 e 1995 foi conhecida como a Escola Secundária N.º 1 de Matosinhos. Sempre foi uma comunidade educativa de renome. Hoje em dia, define-se como uma escola dinâmica, inovadora e empreendedora. Segundo o seu Projeto Educativo (2014-2018), a escola tem como missão prestar à comunidade “um serviço público de qualidade, proporcionando aos estudantes a aquisição de competências científicas, técnicas e comportamentais que lhes permitam assumir, com sucesso, num cenário de um mundo em mudança, um papel social e profissionalmente ativo.”

Imagens 1, 2 e 3– Logótipo da escola; BiblioZarco; Entrada principal da ESJGZ.



A escola encontra-se localizada na Avenida Villagarcia d’ Arosa,, uma zona central de Matosinhos, relativamente perto do Hospital Pedro Hispano. É um local acessível devido à rede de transportes que a circundam. Não é difícil perceber porque é que esta escola recebe tantos alunos de zonas tão diferentes como Matosinhos, Maia, Porto, Vila Nova de Gaia e, até mesmo, Vila do Conde: porque é uma escola reconhecida a nível local e nacional. Tem uma diversa oferta curricular (como, por exemplo, ensino diurno e noturno, cursos profissionais, cursos de português para estrangeiros) e tem acesso relativamente fácil. É, então, comum (sobretudo no ensino

noturno) verificar uma grande diversidade cultural e a presença de comunidades como a africana, brasileira, chinesa e árabe.

Dentro da escola existe mesmo a ideia da “escola que nunca dorme”, uma vez que o portão encerra à 01h da manhã após a conclusão das aulas de adultos e por volta das 06h da manhã é aberto para limpezas. A escola é equipada com tecnologia adequada, uma vez que em todas as salas de aula o professor dispõe de um computador e de um projetor e em algumas salas dispõe de um quadro interativo. De facto, o uso de tecnologias é recorrente na escola, uma vez que o site da escola² é muito utilizado, assim como a plataforma digital INOVAR onde os sumários, registo de faltas, classificações, sínteses de comportamento, horários e marcação de testes são registados para que todos os alunos, professores e encarregados de educação possam aceder. Também algo que achei curioso foi o facto de os alunos serem obrigados a utilizar o cartão da escola para entrar no recinto escolar, para marcar presença na sala de aula e para efetuar todo o tipo de compras, requisição de materiais/livros, fotocópias, etc.

Um detalhe curioso neste percurso como professora estagiária na Zarco é que, ao contrário de outros colegas que me foram contando histórias diversas, nem eu, nem os meus colegas ou a orientadora cooperante tivemos alguma vez de chamar a atenção de um aluno por estar a utilizar o telemóvel, ou tivemos de apreender esse aparelho. Isso deve-se ao facto de na escola ser obrigatório a recolha dos telemóveis dos alunos no início da aula, numa mesa ao lado do professor. Quando cheguei à escola pensei que essa regra não fosse ser respeitada, mas, para minha surpresa, essa regra é cumprida por quase todos os alunos (há sempre alguns resistentes). Desde o 7.º ano que se insiste muito nisso e os alunos acabam por interiorizar esse comportamento, sendo que isso favorece o bom funcionamento das aulas.

Um dos aspetos que mais me chamou a atenção nesta escola foi o aproveitamento do espaço e a organização do mesmo; a escola conta com vários laboratórios de ciências, várias salas de informática, várias salas para as aulas de arte. A escola tem muitos assistentes operacionais com funções diversas devido à sua extensão. Um dos espaços que saliento pelo dinamismo que traz à escola é a Biblioteca, a *BiblioZarco*, um

² Para mais informações pode ser consultada a sua página Web: www.zarco.pt

espaço bem equipado e onde decorrem várias atividades e que promove nos alunos o gosto pela leitura, através de concursos e atribuição de prémios ao leitor do mês. Também o Museu da Zarco, ao promover várias atividades para os alunos, é um espaço a destacar pelo seu dinamismo.

Quanto aos professores, o corpo docente da escola tem uma média de idades 40-50 anos. De modo geral, fomos muito bem acolhidos pelos docentes da escola, sendo que participámos em diversas reuniões do grupo de História, do Departamento de Ciências Sociais e Humanas, de Diretores de Turma, assim como em visitas de estudo como professores acompanhantes.

A escola oferece várias atividades extracurriculares para alunos e professores, tais como aulas de teatro, dança, costura e xadrez. Considero que é uma escola muito dinâmica, pois todas as semanas decorriam novas atividades e todos os meses os corredores estavam decorados com exposições de temas diversos realizadas pelos alunos. A Direção da escola e o Gabinete de Projetos sempre se mostraram recetivos às atividades que fomos propondo ao longo do ano.

Neste ano letivo de 2016/2017, a orientadora cooperante teve seis turmas: quatro turmas de Ensino Básico, sendo que tinha uma turma de 7.º ano (Direção de Turma), três turmas de 9º ano e duas turmas do Ensino Secundário de 10.º ano que frequentavam o curso de Línguas e Humanidades. Lecionei às seis turmas, a um total de 164 alunos (entre os 11 e os 18 anos), o que foi uma experiência muito positiva. Com os meus alunos pude aprender muito a nível profissional e pessoal e sou muito grata por isso. Uma das aprendizagens que levo deste ano de estágio prende-se com o facto de a orientadora cooperante Sandra Nunes ser diretora de turma do Ensino Básico, o que nos permitiu dar a disciplina de oferta escolar que é Educação para a Cidadania, além de lecionar História e História A, o que permitiu que tivéssemos um maior contacto com os procedimentos e responsabilidades de um diretor de turma e também permitiu que o nosso trabalho fosse mais conhecido e reconhecido pela comunidade escolar e junto dos encarregados de educação.

Um ponto interessante a salientar sobre a escola é que adotou a visão de organizar os alunos por turmas de nível, sendo que quando pretendem ingressar no 7.º ou no 10.º

ano, os alunos realizam testes diagnósticos que permitem distinguir e organizar os alunos segundo as suas aptidões e capacidades intelectuais. Devo assumir que quando me foi introduzida esta questão, eu fiquei reticente pois pensei que esta distinção pudesse “marcar” os alunos ou estigmatizá-los como bons e maus, úteis ou inúteis. Esta era a visão que tinha, mas que não era de toda verdade. Pude perceber isso facilmente ao lidar com três turmas de 9º ano, em que uma era a turma de excelência, ou “turma de nível”, e as outras duas eram turmas “comuns”. A diferença que notei não se fazia sentir no tratamento dado aos alunos, mas sim na forma como a aula decorria. Dando um exemplo prático, a execução do mesmo plano de aula era cumprida na íntegra e de forma dinâmica na turma de nível porque os alunos rapidamente relacionavam ideias, formulavam questões e compreendiam os conteúdos, mas nas outras duas turmas teríamos de demorar mais tempo, na medida em que os alunos sentiam mais dificuldades em relacionar os mesmos conteúdos. Se, por um lado, existe também dentro da classe discente a ideia de que uns são melhores do que outros, para mim, enquanto professora, esta visão adotada pela escola em certos momentos foi útil porque permitiu explorar capacidades e debilidades dos alunos, fazendo com que fosse possível que todos estivessem ao mesmo nível dentro da mesma turma (sempre com algumas exceções, como é evidente).

Como referi anteriormente, foi ao contactar com alunos de idades, contextos sociais, projetos de vida, ritmos de aprendizagens tão diferentes, que surgiu em mim a questão: como posso ser uma boa professora? Estendendo a questão, surgiu então o presente estudo para o relatório de estágio e a estruturação da metodologia e objetivos do mesmo, como pretendo expor no seguinte subcapítulo.

2.2. Metodologia utilizada e caracterização da Amostra

O presente trabalho procura responder a quatro questões que considero muito pertinentes:

1. Que características salientam os alunos como essenciais no perfil do “bom” professor?

2. Que motivos levaram os alunos a identificar essas características e falhas nos professores?
3. Quais são as experiências/histórias positivas e/ou negativas que os alunos relatam como marcantes na sua relação com os docentes?
4. Em que aspetos converge e diverge a visão do “bom” professor apresentada por alunos mais novos e mais velhos?

Entendemos que para responder a estas questões precisaríamos de vários instrumentos e ficou definido, desde o início do projeto, que o objetivo era “dar voz” aos alunos, aos seus pensamentos e relatos, por isso o título do trabalho *conta-me histórias*, porque o objetivo era que os alunos pudessem partilhar a sua história, as suas experiências pessoais, para que entendessem que a sua voz tem valor.

Assim, procedemos a um estudo descritivo, um *estudo de caso*, onde através da recolha de material empírico quantitativo e qualitativo, baseados em certos quadros teóricos, procuramos estudar e descrever situações e processos (histórias dos alunos). A metodologia de trabalho abordou diversos instrumentos de recolha de dados, tais como: aplicação de inquéritos por questionário (inquéritos de resposta fechada e resposta curta), redação de textos livres sobre memórias positivas e/ou negativas que os alunos guardam de professores “especiais” ao longo da sua vida (análise de conteúdo com estabelecimento de categorias) e, por fim, a realização de entrevistas semiestruturadas para a recolha de depoimentos em vídeo (no qual os alunos fazem um balanço da ação do bom professor), que mais adiante serão expostos de forma mais pormenorizada.

2.2.1. Caracterização da Amostra

Depois de delinear a metodologia, foi necessário pensar em quem poderia constituir a amostra do estudo. Após analisar o comportamento das seis turmas a quem lecionava e conjugando a minha investigação com as investigações dos meus colegas, evitando sobrecarregar as turmas com inquéritos e atividades, acabei por focar o estudo em duas turmas. Eram turmas com quem eu desenvolvi uma relação muito saudável e

sabia que poderia contar com os alunos para me auxiliarem neste estudo: a turma 7.ºA e a turma 10.ºF da Zarco no ano letivo 2016/2017, que perfaziam um total de 52 alunos **(Anexo 1)**.

Visto que uma das quatro questões de partida visa entender em que convergem e divergem as opiniões dos alunos mais velhos e mais novos sobre o “bom professor”, pareceu mais lógica a decisão de escolher estas turmas para o estudo, visto que eram os alunos mais velhos e mais novos que tinha e frequentavam níveis escolares muito distintos.

A turma 7.ºA era constituída por 27 alunos, 16 elementos do género masculino e 11 elementos do género feminino. À data da recolha dos dados, as idades desta turma variavam entre os 12 e os 13 anos: 20 alunos com 12 anos e 7 alunos com 13 anos **(Anexo 2)**.

Quanto à turma 10.ºF, era constituída por 25 alunos, 9 elementos do género masculino e 16 elementos do género feminino. À data da recolha dos dados, as idades desta turma variavam entre os 15 e os 16 anos: 19 alunos com 15 anos, 3 alunos com 16 anos e 3 alunos com 17 anos, sendo que os 3 alunos com 17 anos tinham reprovado em anos anteriores ou tinham mudado de curso **(Anexo 3)**.

No panorama geral, 52% da amostra eram do género feminino e 48% eram do género masculino; 52% da amostra frequentavam o 7.º ano de escolaridade e 48% da amostra frequentavam o 10.º ano de escolaridade. Esta amostra permitiu uma relativa harmonia e “divisão” por turmas e por género, que foi um dos critérios que levou à escolha destas turmas, além da boa relação que estabeleci com as mesmas.

Fazendo uma breve descrição das turmas, é importante referir que a turma 7.ºA foi uma turma que me marcou muito. A turma era formada por alunos muito extrovertidos e participativos. A turma tinha muita facilidade em assimilar os conteúdos e os alunos eram muito questionadores. Falando de uma turma de 7.º ano, sabemos que a emotividade e a sensibilidade estão muito presentes, eram alunos muito carinhosos, preocupados e muito enérgicos. Como lhes disse na última aula onde estive presente, eles não foram apenas meus alunos, são os “meus meninos”, porque foram a primeira turma com quem contactei e a turma com quem pude conviver mais tempo dentro da

sala de aula, em visitas de estudo e em atividades extracurriculares (como a preparação de uma conferência para a unidade curricular de Problemáticas Históricas do Mestrado em Ensino da FLUP com o tema “A História ao serviço da Educação para a Cidadania”). Vários fatores levaram a que no final do ano letivo eu tivesse reunido condições para saber que tipo de alunos e que tipo de pessoas estavam à minha frente; fui aprendendo que tipo de estratégias e recursos funcionava melhor com a turma e fui também aprendendo a lidar com os alunos de forma muito positiva, o que me permitiu intervir em situações de conflito e, até mesmo, de *bullying*.

Como pude lecionar História e Educação para a Cidadania, tive oportunidade de conhecer a turma de forma aprofundada, assim como o seu ambiente familiar e socioeconómico. A maior parte dos alunos tinha uma situação familiar e financeira estável, com vários alunos que tinham Encarregados de Educação que eram docentes: educadores de infância e professores de Ensino Básico e/ou Secundário, o que foi interessante porque alguns deles puderam partilhar experiências e relatos que os seus pais contavam em casa e isso foi enriquecedor para mim.

Agradeço à turma 7.ºA por ter cooperado comigo ao longo deste ano de estágio em vários momentos e de maneiras muito curiosas. Certas memórias não se podem esquecer e muito do que sou e serei como professora devo a esta turma. Sabia que podia contar com eles para este Relatório de Estágio, porque eram alunos responsáveis e cumpridores, disponíveis para ajudar em novas iniciativas e também alunos muito sinceros, que iram expor a sua opinião de forma transparente e sentida, o que era essencial para o cumprimento dos objetivos propostos.

Quanto à turma 10.ºF, posso afirmar que foi inicialmente a minha “turma difícil”, mas no final do ano tinha-se tornado uma das turmas que com mais carinho recordarei. Falamos de uma turma heterogénea: se, por um lado, temos alunos extremamente participativos e muito motivados porque o curso de Línguas e Humanidades era o que realmente queriam seguir e tinham como objetivo ingressar no Ensino Superior, por outro lado, tínhamos alunos que vieram para o mesmo curso apenas para terminar o 12.º ano, acreditando que este seria o curso mais fácil para conseguir esse objetivo.

Como podemos perceber, o comportamento, dedicação e motivação que uns e outros demonstravam nas aulas e na realização das tarefas propostas eram, notoriamente diferentes. Além disso, falamos de uma turma inicialmente muito dividida em grupos e com muitos conflitos entre os “líderes” da turma, a planta de sala de aula, etc. Podem parecer detalhes irrelevantes, mas deixam de ser na medida em que, ao propor atividades em grupo, os professores tiveram de resolver conflitos e lidar com esta situação da forma mais harmoniosa possível. A maioria dos alunos vinha de outras escolas e, por isso, não conheciam o funcionamento da mesma, nem os novos colegas e tiveram um período de adaptação um pouco demorado.

Dar aulas a esta turma exigia da minha parte uma preparação ainda mais exigente a nível do conhecimento científico, pois, por vezes, os alunos faziam questões muito pertinentes e geravam-se debates interessantes. Fomos “conquistando” a turma de forma gradual, e as caras desconfiadas do início e a falta de cortesia foram dando lugar a grandes conversas nos corredores e a uma maior cooperação na sala de aula. Mas não se pense que o caminho foi linear, de todo!

Escolher esta turma para constituir parte da amostra foi talvez, da minha parte, um ato de boa fé, acreditando que, ao sentirem-se úteis, poderiam motivar-se e cooperar comigo. Sabia que tinha na turma alunos que não eram cumpridores e, por vezes, eram pouco responsáveis e faziam algumas tarefas contrariados, sem dedicação, mas decidi acreditar. Quero agradecer a estes alunos por me terem surpreendido positivamente e por me terem mostrado que vale a pena incentivar as pessoas. Foram muito cooperantes e cumpridores. Como explicarei adiante, alguns alunos falharam na entrega do último exercício pedido, mas sem ter de dizer nada ou ralhar com eles, vieram procurar-me num intervalo à sala onde estava a dar aulas para me pedirem desculpa por não terem sido responsáveis. Não pude recolher os seus relatos, mas ficou na minha memória uma atitude que valorizo.

Selecionadas as turmas que iram constituir a amostra, foi então tempo de planear e preparar os instrumentos de avaliação a ser aplicados durante o 2.º e 3.º períodos. O próximo subcapítulo abordará o decorrer desse processo.

2.3. Estudo de caso: instrumentos de recolha de dados e fases da investigação

“Não existem ventos favoráveis para quem não sabe para onde quer chegar.” (Séneca, escritor romano do séc. I)

Esta frase marca muito a minha vida como profissional e como pessoa, na medida em que considero que é essencial traçar metas e objetivos, planificar o tempo para podermos crescer, ganhar responsabilidade e cumprir sonhos. Por mais capacidades e motivação que alguém tenha, se não se organiza, se não trabalha, dificilmente poderá cumprir os sonhos e as metas a que se propõe. Assim, ao planificar esta investigação tive sempre em mente cumprir os objetivos a que me proponho, sendo ambiciosa, mas realista, tentando tornar exequível o projeto de maneira calma e consistente.

Um dos trabalhos que foi muito útil numa fase inicial e me auxiliou na formulação de questões de partida e possibilidade de metodologia a utilizar, foi o trabalho de Filomena Mesquita Guimarães (2014), que no seu relatório de estágio abordou o tema “Que expectativas para o professor do século XXI?”. Apesar de o seu trabalho ter uma problemática semelhante à que abordo, o enfoque do trabalho é diferente.

Os inquéritos por questionário que aplicou aos seus alunos (GUIMARÃES, 2014, pp. 105-110), sobretudo o quadro presente na página 109 sobre as características expectáveis no “bom professor” constituíram um ponto de partida para a realização do primeiro instrumento de recolha de dados que utilizamos – o inquérito por questionário.

Este inquérito foi aplicado às duas turmas durante o 2.º período, no dia 15 de março de 2017, no início da aula (**Anexo 4**). Antes da aplicação do inquérito por questionário, os encarregados de educação e os diretores de turma tinham sido informados sobre a realização do mesmo e tive com os alunos um breve diálogo sobre o tema abordado e as questões que este suscitava.

O inquérito foi composto por seis questões onde pretendíamos inquerir os alunos sobre o género, idade e ano letivo que frequentavam. Depois, numa tabela composta por doze afirmações sobre as características expectáveis no “bom professor”, utilizando uma escala de Likert (concordo totalmente, concordo, indiferente, discordo, discordo

totalmente), os alunos deveriam indicar o seu grau de concordância com essas afirmações de forma direta. Para terminar, através de respostas curtas, os alunos deveriam indicar o que consideravam ser a maior virtude/capacidade e o maior defeito/falha de um professor, justificando brevemente a sua opinião. Pedir a justificação de opinião dos alunos foi sempre algo que orientou a construção destes exercícios, uma vez que pretendíamos compreender o que pensam os alunos e como descrevem o seu pensamento e as suas ideias.

Os alunos demoraram cerca de vinte e cinco minutos a preencher o inquérito, um pouco mais do que o esperado. Segundo os seus comentários, o inquérito estava claro, mas a dificuldade surgiu ao ter de escrever o pequeno texto pedido nas duas questões finais. Neste inquérito participaram 52 alunos.

Para analisar a informação recolhida neste primeiro exercício, foi necessário organizar os dados segundo categorias (ESTEVES, 2006, p.114). A categorização da informação foi feita segundo unidades de registo semânticas ou temáticas; no caso concreto, procurámos juntar palavras ou expressões que se associassem através de uma mensagem semelhante em relação às virtudes ou falhas dos professores. Foram criadas oito categorias para cada questão, que serão analisadas e identificadas no próximo capítulo.

Posteriormente desenvolvemos um modelo de ficha onde os alunos pudessem relatar experiências boas e/ou más com professores, novamente justificando a sua opinião (**Anexo 5**). Esta segunda etapa foi realizada a 24 de maio de 2017. É importante salientar desde já que, devido a questões logísticas de falta de tempo ou oportunidade de aplicar esta ficha em tempo de aula cedido pela orientadora cooperante, combinamos que seria a ficha seria entregue aos alunos e que, no dia 31 de maio, os alunos deveriam trazer essa ficha preenchida. Não pedimos a tarefa como algo obrigatório ou como trabalho de casa, mas sim como uma colaboração com a professora estagiária. Devido a ser algo que os alunos realizavam não de forma obrigatória e por terem levado a ficha para casa, neste inquérito só foi possível recolher depoimentos de 46 alunos.

Neste exercício adotamos uma metodologia qualitativa de análise de conteúdo, que “é a expressão genérica utilizada para designar um conjunto de técnicas possíveis

para tratamento de informação previamente recolhida.” (ESTEVEES, 2006, p.107). Este tipo de análise surgiu nos Estados Unidos da América em 1925 e era muito comum entre jornalistas, sociólogos e outros estudiosos. Recorriam a dados invocados (como notas de observação, notas de campo, documentos de arquivo, biografias, etc) e dados suscitados (entrevistas, respostas abertas solicitadas em questionários, histórias de vida, diários, entre outros). Assim, os dados recolhidos neste segundo exercício foram dados suscitados por respostas abertas nas quais os alunos deveriam relatar uma boa e/ou má experiência com docentes e, no caso de relatarem uma má experiência, era pedido aos alunos que indicassem como deveria reagir o professor para que a situação não fosse negativa.

Esta ficha concluía com um espaço para que os alunos pudessem criar um lema que traduzisse a influência ou a importância de um “bom professor” na vida de um aluno. Esse lema era muito importante para a última fase de trabalho, que consistiu na criação de uma carta de inspiração/motivação para os professores, para que valorizem o que os alunos consideram ser características do “bom professor”. Essa carta foi elaborada com base nos depoimentos dos alunos e foi também lida através da gravação de vídeos onde os alunos do 7.º A puderam participar em setembro de 2017.

A delimitação de etapas e objetivos foi essencial neste processo e contribuiu para a organização de todo o trabalho. Os dados recolhidos foram satisfatórios e a contribuição dos alunos foi essencial, permitindo recolher informação muito pertinente que analisaremos no próximo capítulo.

Capítulo 3. – Análise dos Resultados

3.1. Resultados da 1.^a Fase (Inquérito por Questionário)

Como foi referido anteriormente, o inquérito por questionário (**Anexo 4**), era constituído por seis questões, mas para a recolha de dados que respondam às questões-orientadoras desta investigação apenas nos focamos nas questões 4, 5 e 6.

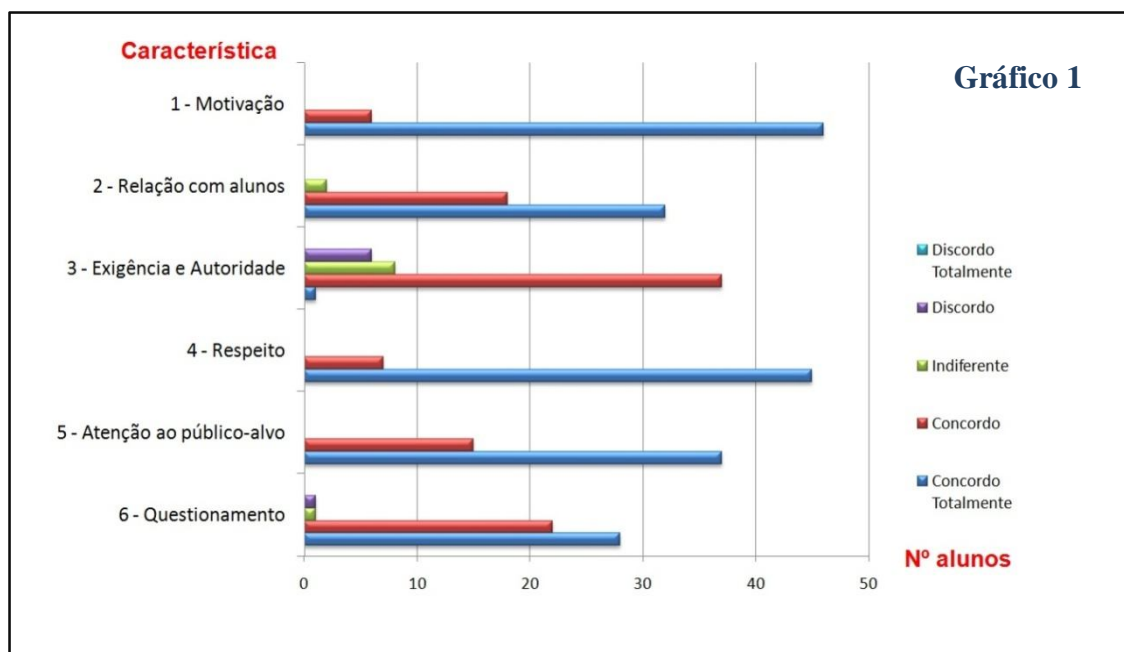
Tabela 1– Questão 4: As seguintes frases indicam algumas características expectáveis num professor. Assinala o teu nível de concordância com elas, indicando através de um X quais as características que valorizas mais num bom professor.

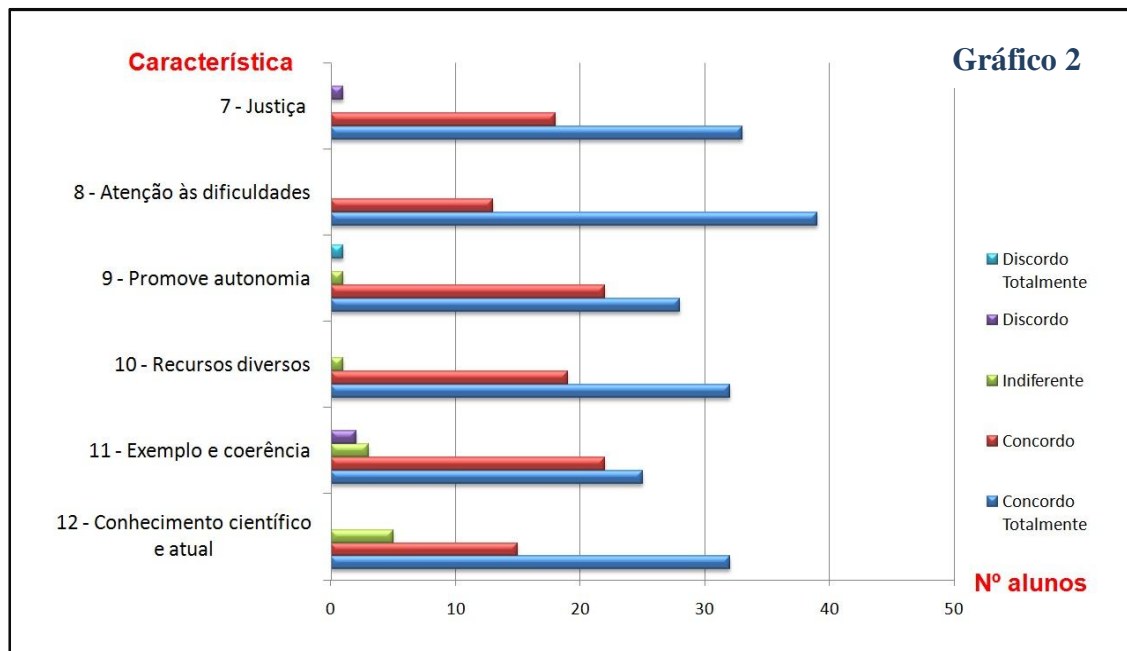
O bom professor:	Concordo Totalmente	Concordo	Indiferente	Discordo	Discordo Totalmente
1 – É alguém capaz de motivar os alunos para a sua disciplina.					
2 – Tem uma boa relação de empatia com os alunos.					
3- É exigente e autoritário.					
4- Sabe respeitar os alunos.					
5 – Tem atenção ao público alvo ao qual se está a dirigir.					
6- É questionador e orienta o raciocínio dos alunos.					
7- É justo na avaliação e cumprimento de prazos estabelecidos com os alunos.					
8- É o que tem atenção às dificuldades dos alunos.					

9 – Promove a autonomia e responsabilidade dos alunos.					
10 – Utiliza recursos diversos (TIC, manual, revistas científicas, filmes, etc).					
11- É exemplar e coerente nos seus comportamentos.					
12 – Apresenta um vasto conhecimento da sua área científica e da atualidade.					

Quanto à **questão 4(Tabela 1)**,foi interessante observar que algumas das ideias feitas que tinha quanto às respostas que os alunos iriam dar, foram de certa forma confirmadas, mas outras foram “desmistificadas” (**Anexo 5**). Os seguintes gráficos (**Gráfico 1 e 2**) dão-nos o panorama geral das respostas dos alunos.

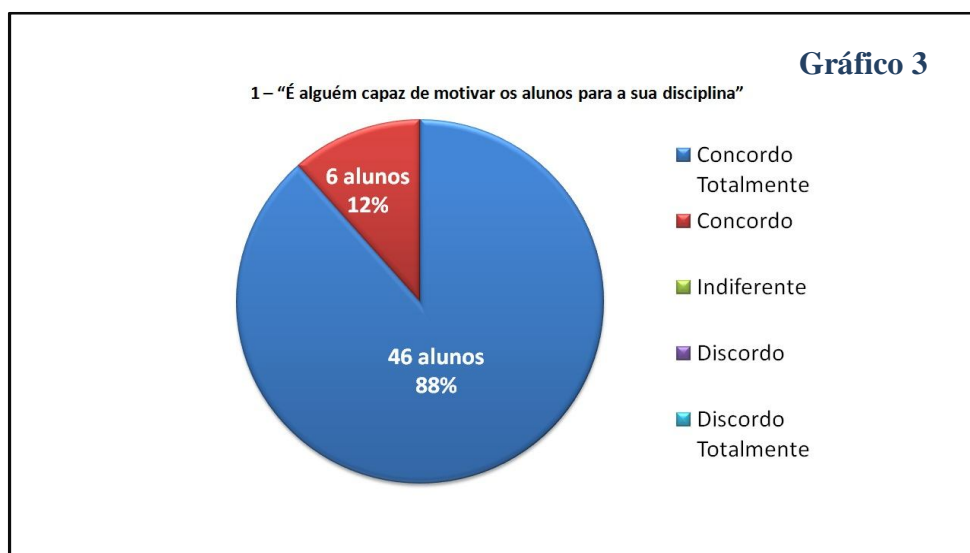
Gráficos 1 e 2 – Panorama geral das respostas dadas pelos alunos à questão 4 do Inquérito por Questionário





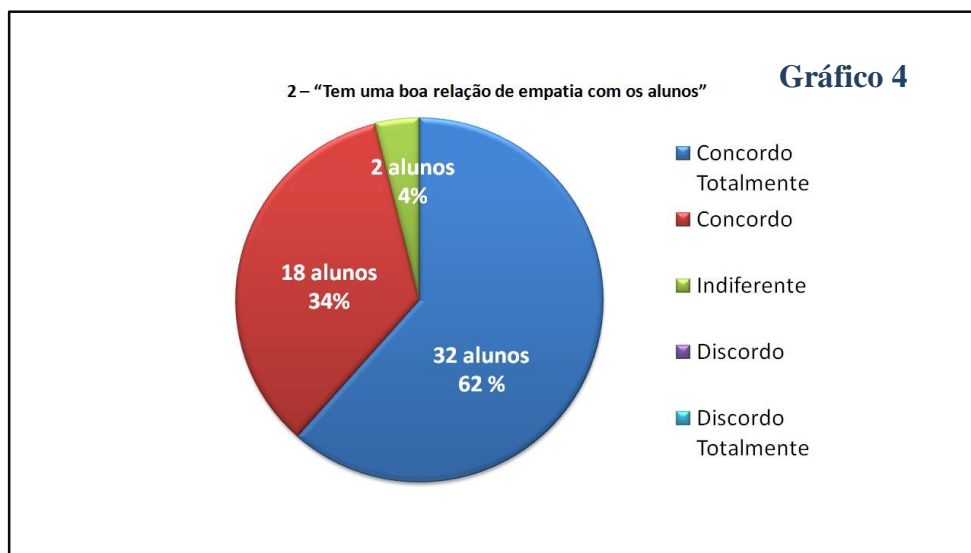
Passaremos então a analisar as respostas dos alunos quanto a cada uma das doze características expectáveis no “bom professor”.

- Característica 1, “*É alguém capaz de motivar os alunos para a sua disciplina*”



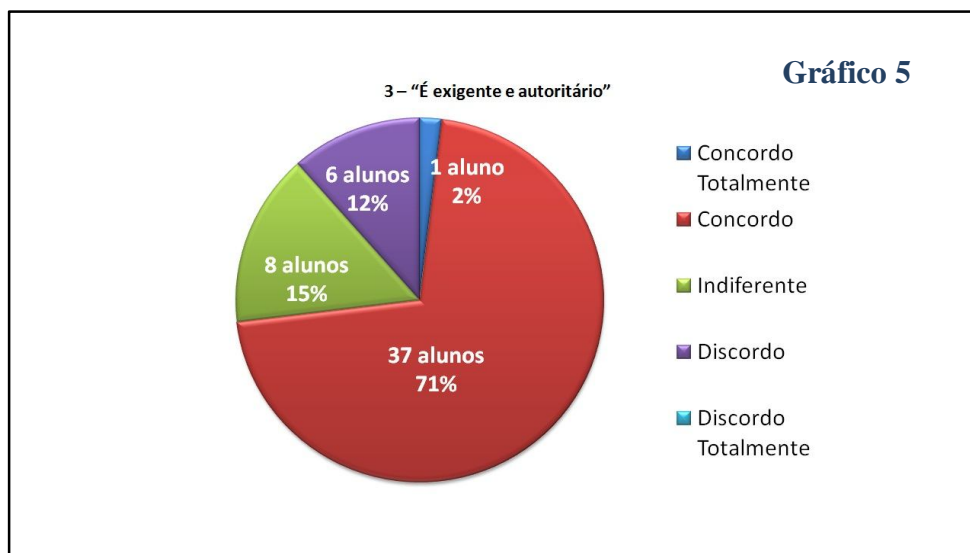
É inegável que, para a esmagadora maioria dos alunos (88%), é muito importante que o professor consiga motivar os alunos para a disciplina que leciona, porque isso os ajuda a trabalhar melhor e a manter a ordem na sala de aula.

• Característica 2, “*Tem uma boa relação de empatia com os alunos*”



É interessante notar que os alunos valorizam bastante a relação de empatia dos professores com os alunos (62%). Contudo, em 52 alunos, foi interessante notar que dois alunos consideram que é indiferente existir uma boa relação de empatia entre o docente e discentes. É difícil conseguir encontrar uma justificação para estas respostas, mas visto que foram dadas por um aluno de 7.º e um aluno de 10.º ano, penso que no primeiro caso pode ter sido devido à falta de conhecimento do significado de “relação de empatia” e no caso do aluno do 10.º ano pode dever-se ao facto de alguns alunos não valorizarem tanto a simpatia e atenção que os professores dão aos alunos, valorizando mais o conhecimento que transmitem. Falamos apenas em possibilidades, visto que talvez seja mesmo uma opinião formada por parte dos alunos e existem outros fatores que podem justificar esta indiferença.

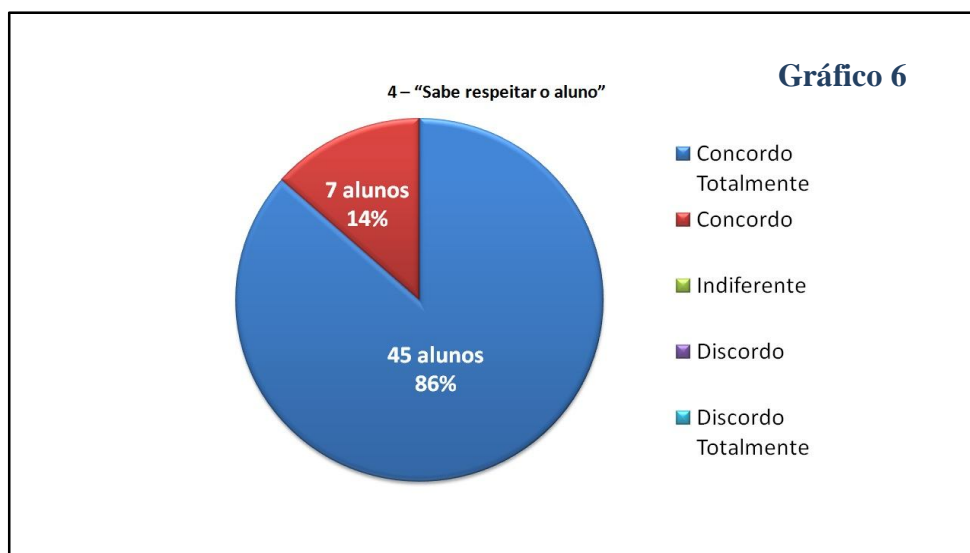
• Característica 3, “*É exigente e autoritário*”



É importante referir que foi explicado aos alunos que o termo autoridade se referia à postura do professor e ao controlo da turma, e que não devia ser confundido com autoritarismo e abuso do poder por parte do professor. Contudo, uma das falhas que aponto a este inquérito foi o uso da palavra “autoritário”, uma vez que poderia ser reformulada a questão para “É exigente e sabe usar a sua autoridade”, porque talvez isso tenha condicionado os resultados.

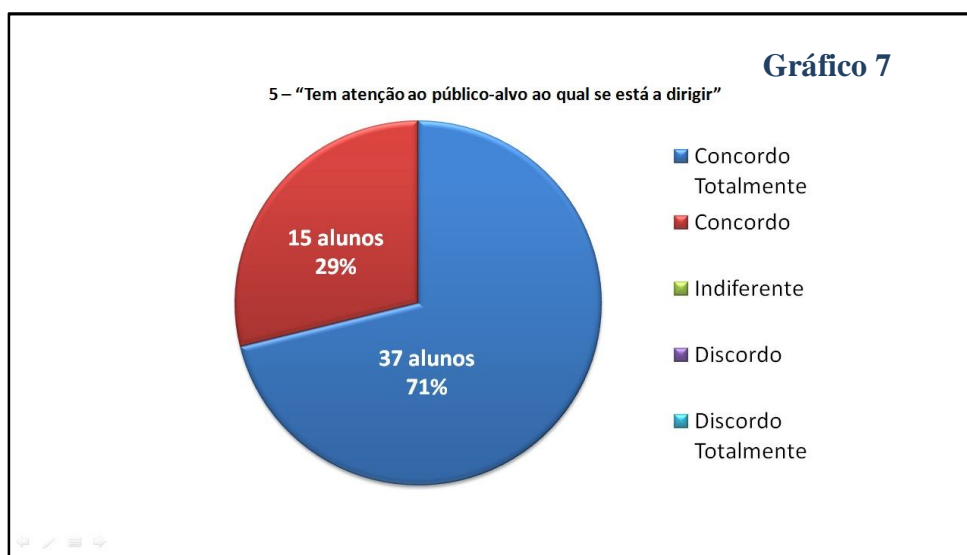
Assim, 71% dos alunos concordam que é uma característica importante. Apenas um aluno concorda totalmente com a importância desta característica. É de salientar que 15% dos alunos consideram-se indiferente a estas características e 12% dos alunos discordam da sua importância. Talvez o motivo de discordância dos alunos se prenda com maus exemplos de autoritarismo docente que os marcaram de forma a que a exigência e rigor sejam vistos como características desnecessárias ou ameaçadoras.

• Característica 4, “*Sabe respeitar o aluno*”



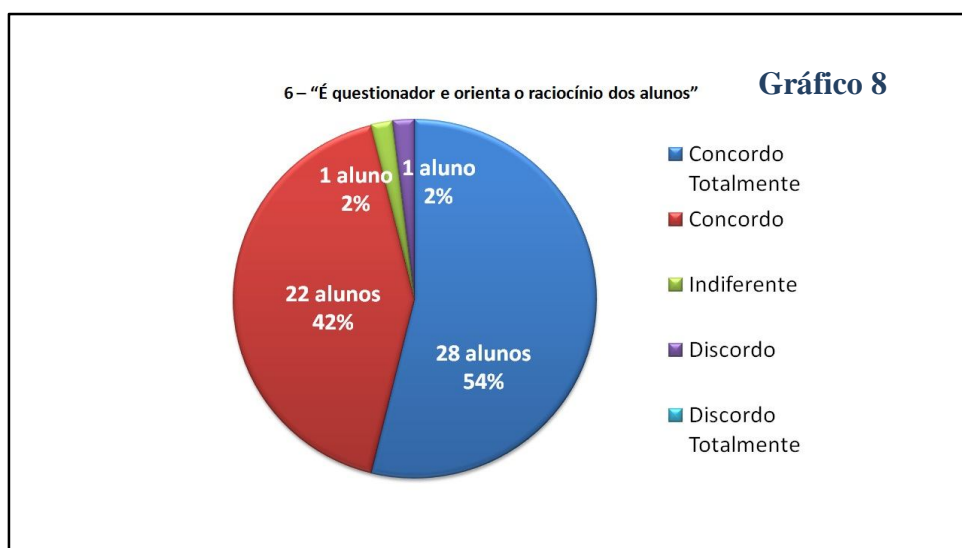
Os alunos valorizam muito o respeito que os professores demonstram por eles. É uma característica que estes consideram essencial no perfil do “bom professor”. Esta característica também envolve a tolerância, justiça e diplomacia do professor que são tão necessários ao lidar com um público tão heterogêneo.

• Característica 5, “*Tem atenção ao público-alvo ao qual se está a dirigir*”



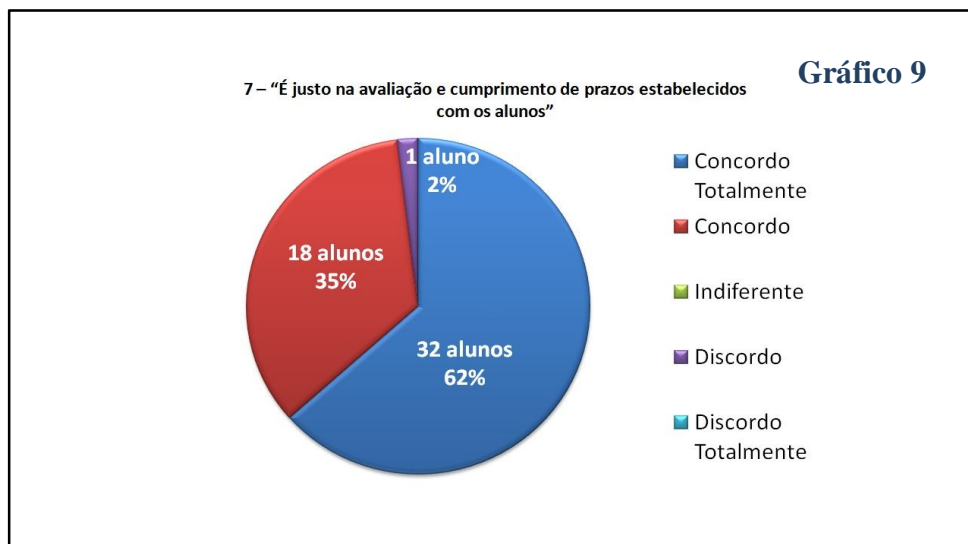
A capacidade que o professor demonstra em adequar a sua mensagem aos recetores é muito importante e valorizada pelos alunos. 71% dos alunos concordam totalmente com esta característica e 29% dos alunos concordam que esta característica é importante. Considerando que a maioria dos alunos que seleccionaram a opção “concordo” era do 7.º ano e revelou algumas dificuldades em entender a expressão “público-alvo”, facilmente se entende porque é que um número considerável de alunos seleccionou esta opção, talvez por não entender o significado da expressão acima mencionada.

• Característica 6, “*É questionador e orienta o raciocínio dos alunos*”



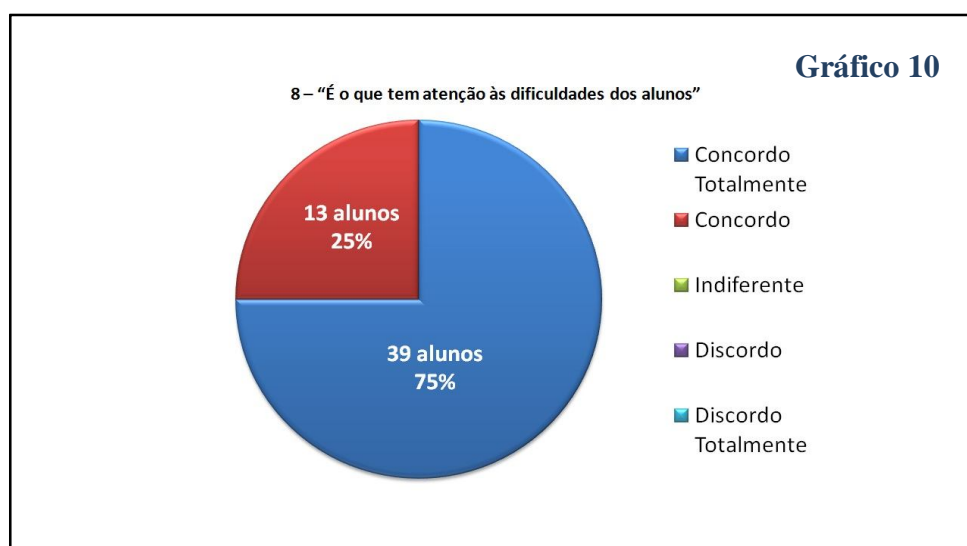
Os alunos consideram como muito importante (54%) e importante (42%) esta característica, visto que é necessário que o professor ajude os alunos na assimilação de conteúdos e formulação de esquemas de informação para melhores resultados. É, no entanto, interessante notar que um aluno diz que se sente indiferente a esta característica e outro aluno diz que discorda da importância desta característica no perfil do “bom professor”.

• Característica 7, “*É justo na avaliação e cumprimento de prazos estabelecidos com os alunos*”



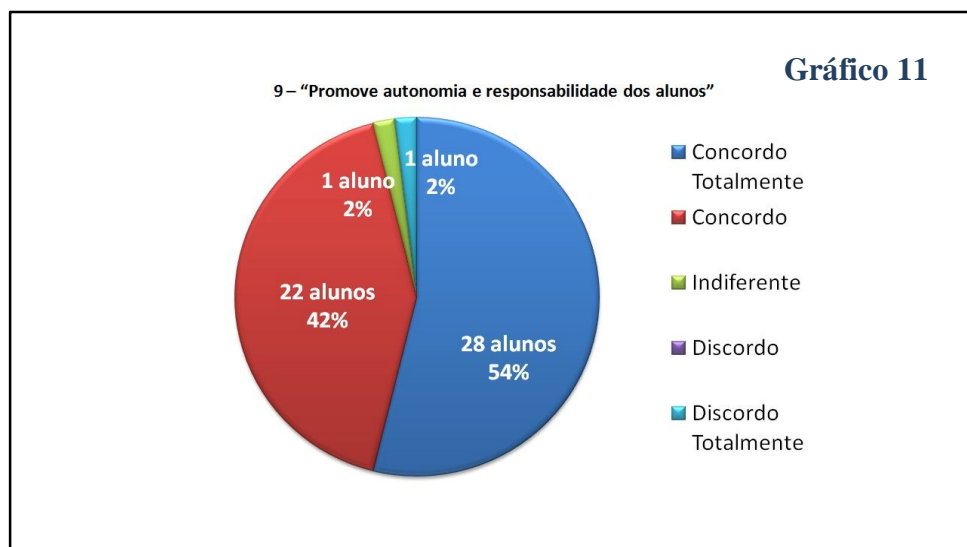
Tal como seria de esperar, os alunos valorizam a justiça como característica essencial do “bom professor”. Contudo, um aluno discorda desta característica, mas não possuímos informação que nos permita justificar tal resposta.

• Característica 8, “*É o que tem atenção às dificuldades dos alunos*”



Os alunos valorizam o esforço dos professores em ajudar os alunos nas suas dificuldades e auxiliá-los para alcançarem melhores resultados. A maioria dos alunos (75%) considera esta característica como muito importante.

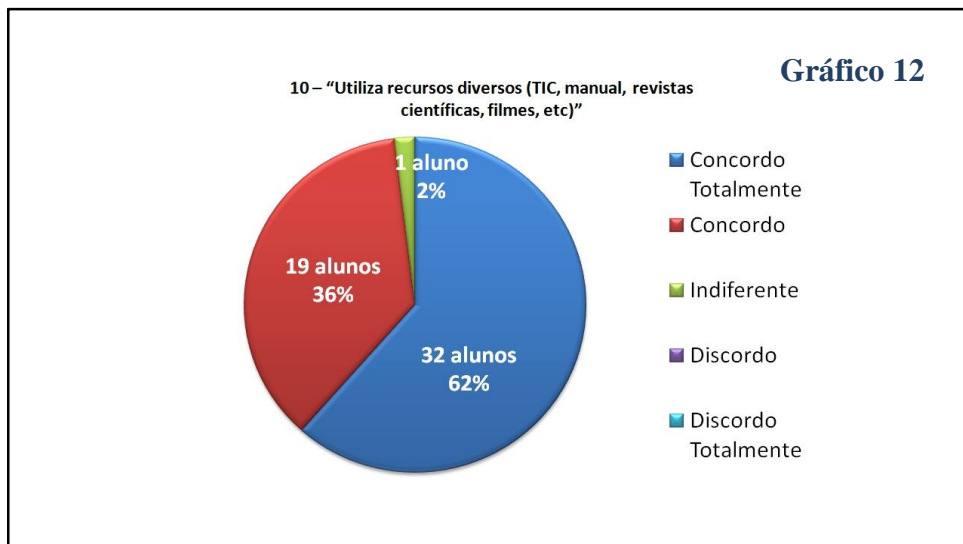
• Característica 9, “*Promove autonomia e responsabilidade dos alunos*”



É notório que para os alunos é importante que os professores fomentem autonomia e responsabilidade, que busquem que os alunos tomem decisões e façam um esforço por ser responsáveis. Os alunos gostam de professores que confiem nos alunos. Apenas um aluno fica indiferente a esta característica e, curiosamente, um aluno discorda totalmente da importância desta característica no perfil do “bom professor”.

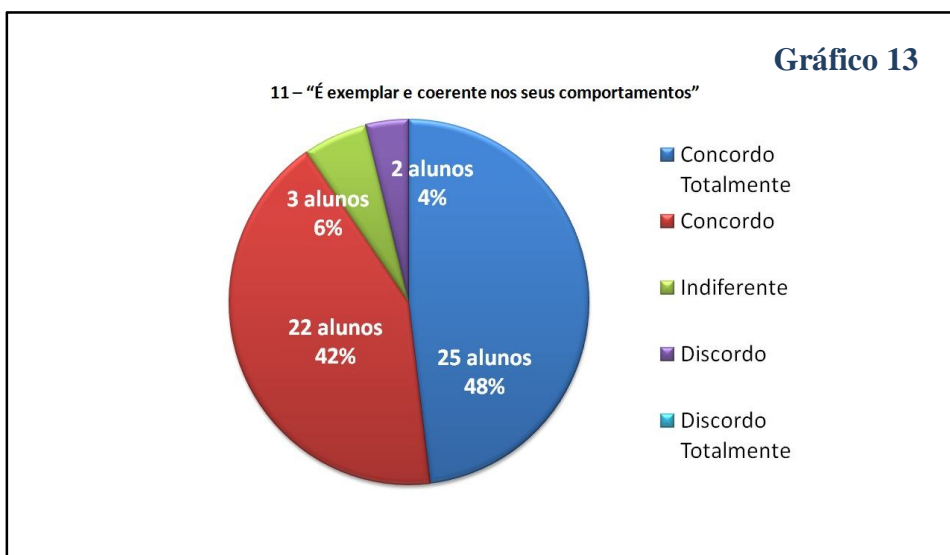
Numa conversa com os alunos do 10.º ano, após o preenchimento dos inquéritos, um aluno acabou por comentar que discordava desta característica, pois considerava que um aluno autónomo e responsável deve ser educado para isso em casa e na escola deve apenas refletir isso e essa forma de pensar justificou a sua opinião expressa no inquérito.

- Característica 10, “*Utiliza recursos diversos (TIC, manual, revistas científicas, etc.)*”



Tal como de certa forma prevíamos, 62% dos alunos consideram que é muito importante um professor utilizar recursos diversos para dinamizar as aulas. É, no entanto, curioso que para um aluno, esta característica é indiferente.

- Característica 11, “*É exemplar e coerente nos seus comportamentos*”

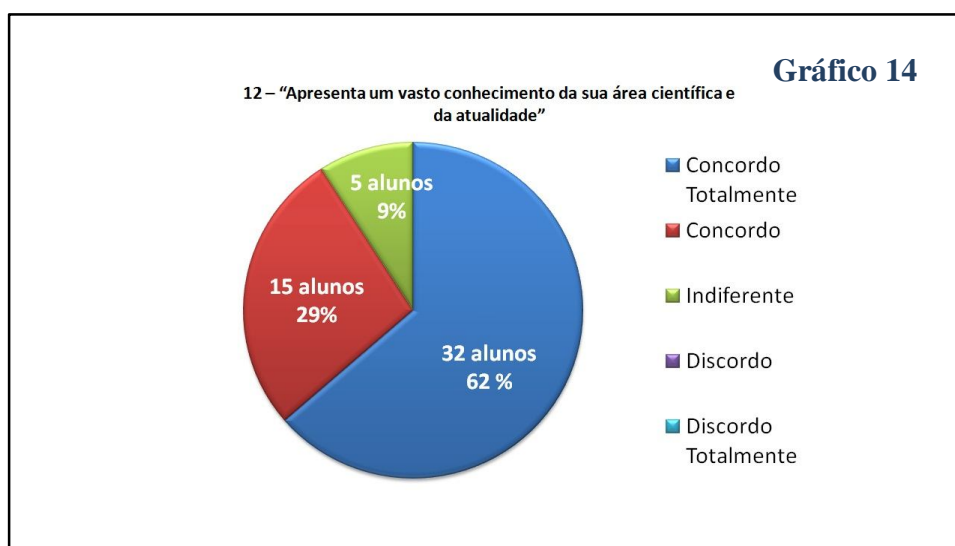


Contrariamente à ideia expectável e “feita”, os alunos consideram que é muito importante (48%) e importante (42%) que o professor seja exemplar e coerente nos seus comportamentos, mas nem todos valorizam isso.

Visto que o inquérito foi aplicado a uma turma de 7.º e a uma turma de 10.º ano, foi notório que para os alunos de 7.º ano é quase indispensável que um professor seja exemplar e coerente entre o que pede aos alunos e o que faz (exemplo: se um professor pede que os alunos sejam pontuais na entrega de um trabalho em determinada data, é importante que cumpra as datas que estipula com os alunos). Falamos de adolescentes com 12-13 anos de idade, onde o sentido de justiça está muito apurado e estes alunos facilmente deixam de acreditar no professor se virem que este foi injusto ou que não é um exemplo.

Por outro lado, os alunos que discordam desta característica ou a consideram como indiferente são alunos do 10.º ano, entre os 15-17 anos de idade, alunos que gradualmente foram perdendo a necessidade de valorizar tanto as atitudes exemplares (ou não) dos professores e que foram valorizando mais o conhecimento científico que estes demonstram. Nem todos os alunos do Ensino Secundário pensam assim, mas no caso desta turma isto parece ocorrer.

• Característica 12, “*Apresenta um vasto conhecimento da sua área científica e da atualidade*”



Como seria de esperar, o professor não pode focar-se demasiado no seu papel de agente social e descurar a sua função de transmissor de conhecimento. Os alunos esperam que não o faça, por isso mesmo 62% dos alunos consideram esta característica como muito importante e 29% dos alunos concordam que é importante. No entanto, cinco alunos consideram que esta característica lhes é indiferente para considerar um professor como “bom”.

Passando para a análise dos dados recolhidos na **questão 5(Imagem 4)**, foi necessário recolher a informação e organizar os dados segundo oito categorias que agrupassem as virtudes e capacidades que foram sendo abordadas pelos alunos. Estas categorias aglomeraram vários tipos de comentários que se aglomeram em palavras-chave.

Imagem 4– Questão 5

5. Num pequeno texto, diz qual consideras ser a maior virtude/capacidade de um professor, justificando a tua opinião.

Assim, as oito categorias criadas foram:

Virtudes/capacidades dos professores:

1. Respeito e justiça;
2. Cooperação (na sala de aula);
3. Motivação no método de ensino (capacidade de explicação, linguagem, domínio da turma, adaptação ao público-alvo);
4. Simpatia;
5. Conhecimento;
6. Uso de recursos diversos;

7. Disponibilidade (fora da sala de aula);
8. Preparação para o futuro (atitudes exemplares, fomento da autonomia e responsabilidade).

O seguinte gráfico (**Gráfico 15**) indica as respostas dadas pelos 52 alunos que constituíram a amostra.



Dos 52 elementos que responderam ao inquérito, foram 28 os que indicaram apenas uma categoria, 20 os que indicaram duas categorias, 3 os que identificaram três categorias e 1 aluno identificou quatro categorias (**Anexo 6**). As citações retiradas dos textos dos alunos serão identificadas pelo número de inquérito do aluno (ex: INQ.1).

Como podemos inferir pela análise dos resultados, na opinião destes alunos devem sobressair as características definidas nas categorias 1,2,3 e 7 no perfil do “bom professor”, a saber: “respeito e justiça”, “cooperação”, “motivação no método de ensino” e “disponibilidade”.

Os alunos valorizam como uma das maiores virtudes/capacidades de um professor o respeito e a justiça: segundo relatam, o professor tem de respeitar os alunos, os seus estilos de vida e opiniões, assim como ser justo nas suas decisões, avaliações e na forma equitativa como trata os seus alunos, não fazendo distinção dos alunos pelas suas classificações, condição social, etc. Cerca de 8 alunos indicaram esta categoria.

Um aluno do 7.º ano afirma o seguinte:

“Para mim a maior virtude ou capacidade de um bom professor é saber ouvir, compreender, respeitar e tolerar certos casos... Para mim, deve ouvir a palavra de um aluno; compreender é interpretar o que ouvimos do aluno e respeitar é o conjunto de todos estes aspetos referentes a um aluno; tolerar (dependendo dos casos) é colocarmo-nos no lugar do aluno.” (INQ.1)

Outro aluno do 7.º ano defende o seguinte:

“A maior virtude/capacidade de um professor é ser justo e ouvir todos quando acontece alguma coisa, porque pode acontecer algo e o professor pode não estar correto ao acusar alguém, mas ao ouvir tudo, pode ver que está errado na sua acusação.”(INQ.9)

Uma aluna do 10.º ano partilha a seguinte opinião:

“Na minha opinião a maior virtude/capacidade de um professor é a interação com todos os alunos de forma igual, sem diferenciar pelos seus resultados, gostos ou preferências. Deve ser capaz de arranjar uma igualdade entre todos.”(INQ.47)

Quanto à cooperação que o professor deve desenvolver com os alunos na sala de aula, atendendo às suas dificuldades e dúvidas, 17 alunos consideram como a maior virtude/capacidade que um “bom professor” deve apresentar. Se o professor se mostrar cooperante, cativa os alunos e promove um bom ambiente na sala de aula.

Um aluno do 7.º ano diz que:

“A maior virtude de um professor é explicar a matéria que está a ser dada de uma melhor forma para o aluno, tendo em conta que os alunos têm dúvidas.”(INQ.15)

Uma aluna do 10.º ano afirma o seguinte:

“Na minha opinião, um professor deve conseguir ter uma boa empatia com os alunos e criar bom ambiente na sala de aula, ao mesmo tempo que impõe a autoridade necessária. Deste modo, as aulas são mais equilibradas, assim como a relação professor/aluno.”(INQ.49)

Quanto à característica que mais se destaca no “bom professor”, a capacidade de motivação no método de ensino utilizado, 34 alunos consideram que é fundamental. Nesta categoria os alunos referem frequentemente a capacidade de explicação do professor, a adaptação da linguagem e recursos conforme o público-alvo e também a autoridade e domínio do professor sobre a turma.

Um aluno do 7.º ano afirma:

“Para mim a maior virtude de um professor é ensinar matéria através de aulas divertidas, pois aulas divertidas são sempre melhores, porque os alunos ficam mais interessados.”(INQ.2)

Outro aluno do 7.º ano deixa-nos saber que na sua opinião:

“A maior capacidade de um professor seria a de ser simpático e de mostrar factos curiosos da matéria, principalmente, e também de ser justo e autoritário quando necessário.”(INQ.17)

Uma aluna do 10.º ano diz o seguinte:

“A maior virtude é cativar e fazer algo para que os alunos tenham interesse pela aula, porque existem muitos alunos com dificuldades e falta de interesse, que não se importam e estão muitas vezes distraídos.”(INQ.29)

Um aluno do 10.º ano afirma que esta característica é essencial porque:

“Para mim, num professor, a maior virtude/capacidade é o método de ensino e a maneira de captar a atenção dos alunos, pois se um professor for muito bom a explicar e dar aulas, os alunos virão com motivação para as mesmas e o rendimento será muito maior.”(INQ.30)

De facto, esta característica salienta-se no meio de todas as outras categorias encontradas segundo as respostas dos alunos. Facilmente se entende o motivo que leva os alunos a escolherem tal característica como essencial no perfil do “bom professor”, uma vez que se o professor não souber transmitir conhecimento e não for sensível às necessidades de atenção e explicação dos alunos, nunca conseguirá que estejam atentos e bem-comportados, sendo que esses elementos são essenciais no decorrer da aula.

Quanto à disponibilidade que o professor demonstra para ajudar os alunos não apenas dentro mas fora da sala de aula, 6 alunos consideram que é muito importante.

Um aluno de 7.º ano diz que:

“Eu considero uma virtude que o professor seja «amigo», que ajude os alunos em tudo, nas suas dificuldades, nos seus problemas pessoais, etc.”(INQ.6)

Uma aluna do 7.º ano afirma:

“A maior virtude de um professor é respeitar os alunos (independentemente das capacidades do aluno) e estar sempre disposto a ajudar os alunos.”(INQ.23)

Uma aluna de 10.º ano expõe o seu pensamento dizendo que:

“Um professor tem que saber orientar um aluno, perceber as suas dificuldades. A sua maior virtude será a sua relação com os alunos, pois tendo uma boa relação com eles, poderá motivá-los a superar as suas dificuldades e ter interesse nas suas aulas.”(INQ.38)

O inquérito por questionário encerrava com uma última questão, a **questão 6**(Imagem 5).

Imagem5– Questão 6

<p>6. Num pequeno texto diz qual consideras ser o maior <u>defeito/ falha</u> de um professor, justificando a tua opinião.</p> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>
--

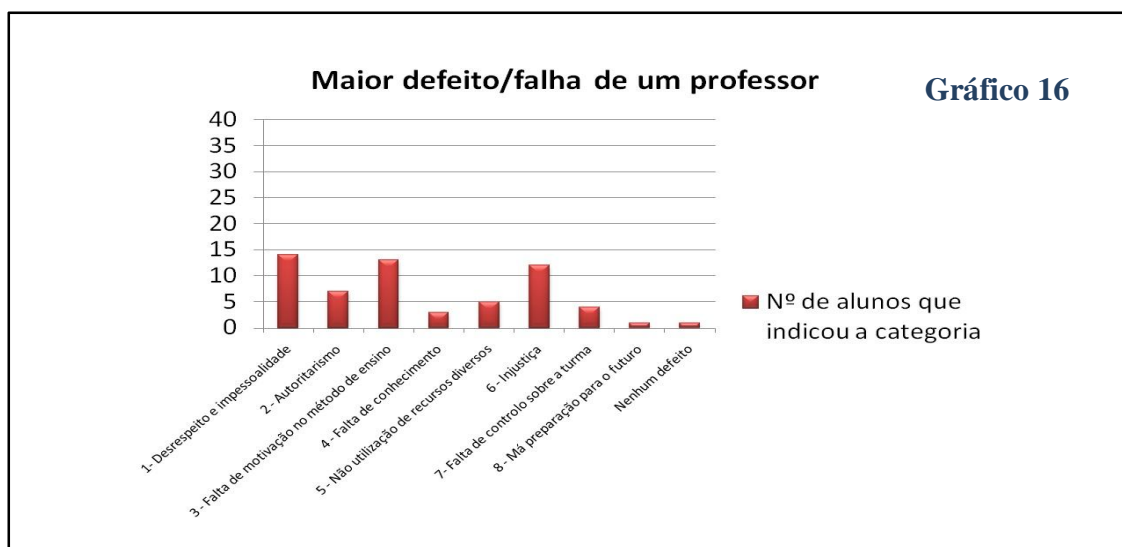
À semelhança do que foi estruturado para a análise da questão 5, organizamos 8 categorias a partir das respostas dos alunos a saber

Defeitos/falhas dos professores:

1. Desrespeito e impessoalidade (falta de atenção às dificuldades do aluno dentro e fora da sala de aula);
2. Autoritarismo (abuso do poder);

3. Falta de capacidade de motivação no método de ensino (má explicação, não esclarecimento de dúvidas, pouca capacidade de síntese);
4. Falta de conhecimento;
5. Não utilização de recursos diversos;
6. Injustiça (a nível pessoal e de classificações);
7. Falta de controlo sobre a turma;
8. Má preparação para o futuro (maus exemplos, não promoção da autonomia e responsabilidade).

O seguinte gráfico (**Gráfico 16**) indica as respostas dadas pelos 52 alunos que constituíram a amostra.



Dos 52 elementos que responderam ao inquérito, foram 34 os que indicaram apenas uma categoria, 17 os que indicaram duas categorias, 1 aluno não identificou nenhum defeito nos professores, logo a sua resposta não foi integrada em nenhuma das categorias apresentadas (**Anexo 7**).

Como podemos inferir pela análise dos resultados, na opinião destes alunos as características definidas nas categorias 1,2,3 e 6 são as que mais devem ser evitadas pelo “bom professor”, a saber: “desrespeito e impessoalidade”, “autoritarismo”, “falta de motivação no método de ensino” e “injustiça”.

Quanto ao desrespeito e impessoalidade, os alunos queixam-se que muitas vezes os professores esquecem as dificuldades que os alunos passam e a importância de estabelecer uma relação positiva de empatia com os alunos. Como fica claro pelos depoimentos recolhidos, de facto os alunos esperam que o professor saiba também ser sensível às suas necessidades e os respeite, reconhecendo que também pode falhar e que, por vezes, os alunos podem estar certos. Foi interessante notar que na turma do 10.º ano apenas uma aluna mencionou esta característica como algo a evitar; contudo, cerca de metade dos alunos do 7.º ano responderam segundo esta categoria, o que uma vez mais nos poderá levar a confirmar que de facto os alunos desta faixa etária valorizam muito a personalidade do professor e as suas atitudes, bem mais do que o conhecimento.

Eis algumas afirmações de alunos do 7.º ano quanto a esta categoria:

“Não compreender os alunos, pois às vezes os alunos estão certos e os professores não compreendem.”(INQ.5)

“Eu considero o maior defeito não respeitar o aluno e deixar o aluno de lado e não se preocupar com ele.”(INQ.6)

“Eu acho que o maior defeito que um professor pode ter é sobrecarregar um aluno, mesmo sabendo das possíveis dificuldades que passa (quando tem testes) e desinteressar-se disso, apenas querendo saber da sua disciplina.”(INQ.12)

“O maior defeito seria ligar 100% à matéria que está a dar e não ligar ao progresso da relação de respeito com os alunos.”(INQ.17)

Uma aluna do 10.º ano concluiu a sua resposta a este inquérito dizendo:

“Para mim, os maiores defeitos/falhas de um professor é o facto de exigirem dos alunos e serem muito rigorosos. Acho que deveriam compreender melhor o nosso lado, e não achar que têm sempre razão. Também acho que podiam ser mais flexíveis em relação aos testes, trabalhos de casa e restantes trabalhos.”(INQ.52)

Quanto ao autoritarismo, vários são os alunos que relatam que um dos maiores defeitos do professor é o uso excessivo da autoridade que possuem. Contudo, para os

alunos parece que esse defeito se revela na medida em que esse autoritarismo não impõe regras e ordem, mas por vezes gritos e injustiças.

Um aluno de 7.º ano retrata esta realidade ao afirmar que:

“O maior defeito de um professor é começar a berrar/ralhar com os alunos quando este faz um movimento a falar baixo.”(INQ.15)

De uma forma mais elaborada, uma aluna de 10.º ano explica:

“Um defeito que o professor pode ter é o facto de ser muito rígido, o aluno não pode dar um mínimo erro que o professor corta a resposta, ou então, não interagir com eles. Na minha opinião, os alunos ao verem que o professor é rígido tentam ser os melhores, o que não é mau, mas ao verem que o professor não interage começam a perder o interesse nas aulas e na disciplina.”(INQ.41)

A falta de capacidade de motivação no método de ensino também é considerada por muitos alunos como um defeito a evitar pelos professores. Nesse sentido, os alunos não consideram que é positiva a atitude dos professores quando não facilita a apreensão dos conhecimentos dos alunos através de explicações sintéticas que ajudem os alunos; esse tipo de atitude desmotiva os alunos para as aulas, podendo gerar desinteresse e mesmo indisciplina.

Uma aluna de 7.º ano comenta o seguinte:

“Na minha opinião alguns dos maiores defeitos são, por exemplo: tornar a matéria uma verdadeira «seca», apenas explicando a matéria de uma forma desinteressante; ser muito sério; não esclarecer as dúvidas dos alunos e não ter uma boa relação de empatia com eles. Eu penso que se um professor tiver esses defeitos passa a ser um professor maçador e que não quer saber dos alunos.”(INQ.19)

Três alunos de 10.º ano deixam-nos a sua opinião sobre este tópico dizendo:

“Para mim, o maior defeito é ser péssimo no seu método de ensino, pois assim os alunos não terão motivação para as aulas e então conversam uns com os outros, pois assim vão encontrar o seu método de entretenimento. As aulas têm de ser entretidas para o sucesso e rendimento dos alunos.”(INQ.30)

“O maior defeito de um professor é apresentar muita informação e não explicar, apenas dizer para passar e os alunos ficam mal preparados e ninguém gosta de passar «testamentos».”(INQ.31)

“A maior falha de um professor é não «estudar» a forma como lidar com quem está a trabalhar e por isso não dá a atenção necessária a quem mais precisa. A consequência disto seria a falta de motivação e falta de aproveitamento de alguns alunos.”(INQ.42)

Por fim, é importante lembrar que um dos maiores defeitos que os alunos indicam aos professores relaciona-se com a injustiça. Nas opiniões recolhidas, esta injustiça demonstra-se de diversas formas, desde a discriminação entre alunos, à expulsão da sala de aula, na atribuição de classificações, etc.

Achei conveniente seleccionar excertos de quatro alunos de 7.º ano que expressam muito bem o seu sentimento quanto às injustiças cometidas pelos docentes.

“Não gosto de professores antipáticos e não gosto de professores com alunos preferidos.”(INQ.8)

“O maior defeito/falha de um professor é o professor não dar atenção a um aluno, mas sim a outro, devido a esse aluno poder ter dificuldades e poder tirar ainda piores notas se o professor não o ouvir.”(INQ.9)

“O maior defeito/falha de um professor é a injustiça perante os alunos, pois grande parte dos professores são mais simpáticos para uns do que para outros.”(INQ.11)

“Ser injusto perante os alunos; dar testes sem ter dado metade da matéria; destacar alguns alunos e deixar outros para trás e não cumprir as suas promessas.”(INQ.24)

Uma vez mais foi notório que os alunos do 7.º ano se revoltam mais com este tipo de situações do que os alunos de 10.º ano, que indicam sobretudo a falta de capacidade de motivação no método de ensino, falta de adaptação ao público-alvo e falta de conhecimento como os defeitos a evitar no “bom professor”.

Também foi interessante reparar que em 52 alunos, 4 indicaram como maior defeito do professor a falta de controlo sobre a turma. Achei curioso reparar que a autoridade do professor quando bem usada, é valorizada pelos alunos ao permitir-lhes estar numa sala de aula estável e onde sabem como se devem comportar.

Sobre este tópico, dois alunos do 10.º ano expressam o seguinte:

“O maior defeito de um professor, para mim, é quando os professores não dão matérias/aulas devido ao mau comportamento da turma.”(INQ.36)

“O maior defeito seria o facto de ser brando demais em situações em que é necessária mais disciplina e quando são situações não tão graves e preocupantes, tomar logo medidas mais exigentes e radicais. Acho que se deve tomar medidas consoante o grau de gravidade.”(INQ.43)

Achei também pertinente o seguinte comentário que um aluno de 10.º ano fez:

“O maior defeito que um professor pode ter é não ser coerente, pois alguns professores por vezes abrem exceções, não sendo justos, passando uma má influência na vida futura dos alunos.”(INQ.35)

De facto, esta afirmação resume e reafirma algumas das ideias que têm vindo a ser transmitidas ao longo deste trabalho, sobretudo a de que a pedagogia do exemplo do professor é essencial na vida de um aluno, para o bem e para o mal, visto que o professor é mais do que um mero transmissor de conhecimento e informação.

3.2. Resultados da 2.ª Fase (Relatos das “histórias” dos alunos)

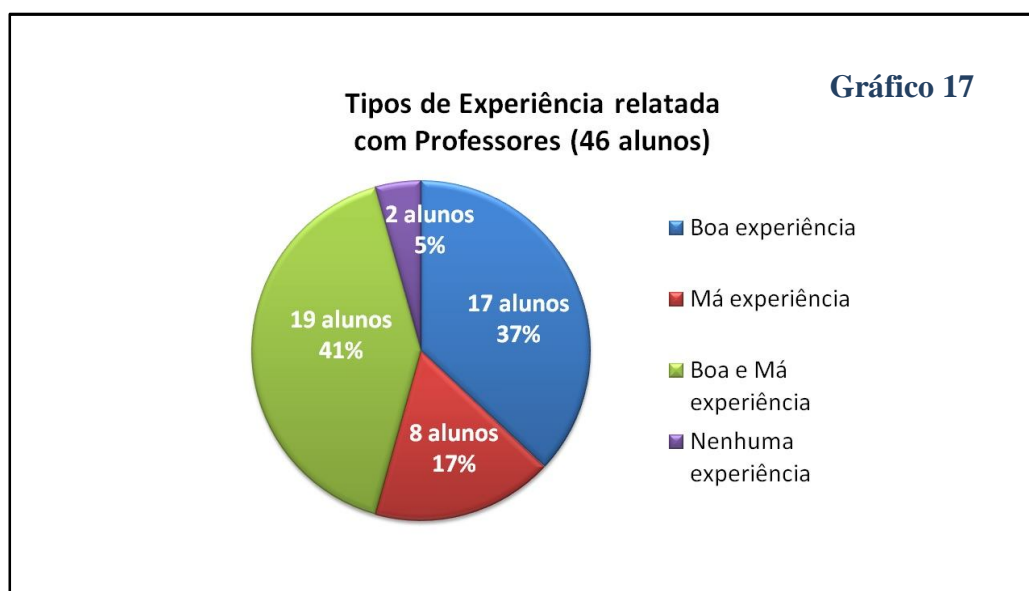
Numa segunda fase da investigação, foi necessário “ouvir” as histórias dos alunos no sentido de fundamentar melhor o que pensam sobre o “bom professor” e como é que os docentes com quem têm vindo a contactar ao longo da vida os marcaram.

Nesse sentido, os alunos levaram para casa uma ficha (**Anexo 8**), na qual deveriam elaborar uma resposta aberta para a **questão 1(Imagem 6)**.

Imagem 6 – Questão 1

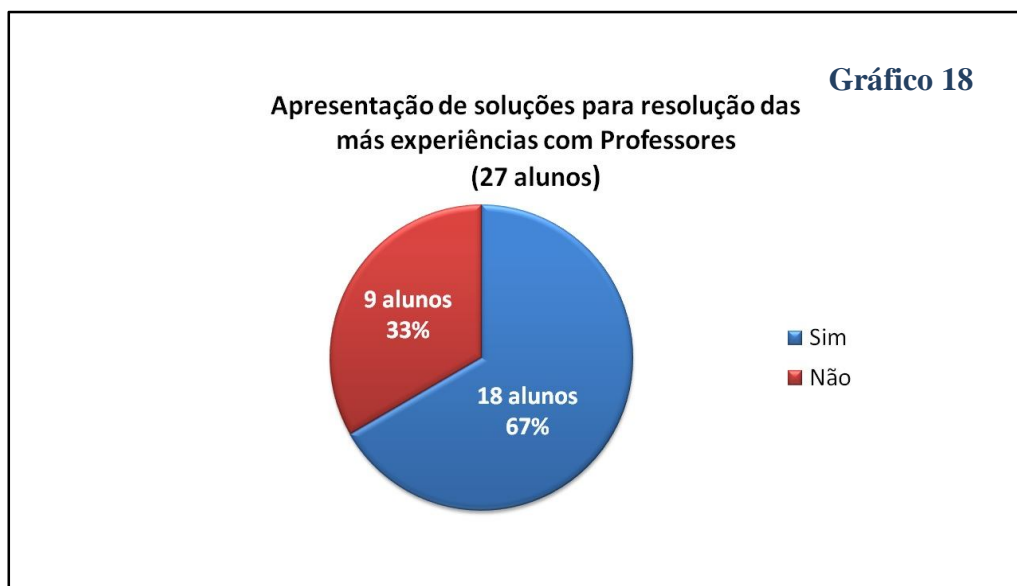
1. Num breve texto relata uma boa e uma má experiência que te marcou com um(a) professor(a), justificando a tua opinião.
No caso da má experiência que vais contar, reflete sobre a situação e diz o que farias se fosses esse(a) professor(a) para que a experiência não fosse negativa.

De forma mais ou menos completa e elaborada, todos os alunos responderam a esta questão relatando boas e más experiências. Como já indiquei anteriormente, a amostra que participou neste segundo exercício é de 46 pessoas e não de 52, visto que esta ficha foi entregue como trabalho complementar, não obrigatório e alguns alunos não a realizaram. As citações retiradas dos textos dos alunos serão identificadas pelo número da ficha do aluno e dos seus textos (ex: TEX.1).



Como podemos ver pelo **Gráfico 17**, 44 alunos relataram pelo menos uma experiência boa e/ou má com docentes (**Anexo 9**). Cerca de 41% dos alunos contou uma boa e má experiência com docentes. Temos 36 relatos de experiências/memórias positivas e 27 relatos de experiências/memórias negativas. Foi curioso que 2 alunos disseram que não tinham nenhum tipo de experiência positiva e/ou negativa que os marcasse, o que nos deixa na incerteza de compreender se não quiseram contar algo que

os marcasse, se estavam desinteressados do trabalho ou se simplesmente não foram marcados por docentes.



Algo que considero como satisfatório foi o facto de dos 27 alunos que relataram más experiências com docentes, cerca de 67% (**Gráfico 18**) apontou solução para a resolução do problema e tentou colocar-se no lugar do professor, tal como pedido no enunciado da questão (**Imagem 4**). Foi satisfatório porque um dos aspetos que, durante as aulas e durante conversas com os alunos sobre vários temas foi mencionado, é a importância de saber criticar construtivamente, ou seja, apontar erros mas promover soluções. Sempre debati isto com os alunos porque considero que é essencial que sejam críticos, mas não destrutivos, que saibam comunicar uns com os outros, com os professores e em sociedade de forma pacífica, não criticando por maldade ou rebeldia, mas apresentando uma saída, buscando construir algo melhor. A maioria dos alunos indicou uma opção de resolução da má experiência, o que para mim demonstra que possivelmente assimilaram esta forma de pensar e isso será muito positivo para o seu futuro pessoal e exercício de cidadania. Talvez esse possa ser um pequeno passo nessa direção.

Analisando as histórias relatadas pelos alunos, os momentos que contam são, de facto, muito pertinentes e interessantes. De uma forma geral, podemos afirmar que os alunos que constituíram a amostra valorizam muito a personalidade docente, ou seja, a

atuação, o carácter, simpatia, atenção, cuidado e exemplo do professor que são traduzidos numa boa relação pedagógica com os alunos, assente em respeito e cooperação. Outro aspeto muito destacado pelos alunos prende-se com o facto de o “bom professor” gerar memórias positivas no aluno ao fomentar o conhecimento da disciplina que leciona e do “mundo” em geral. Os alunos valorizam muito quando um professor adota um estilo de aula mais dinâmico, em que comunica com os discentes, os questiona, os deixa expressar a sua opinião; valorizam um professor que recorra a novas metodologias e a recursos diversos para motivar os alunos para a aula. Por fim, considero pertinente destacar que, para alguns alunos, as memórias positivas que relatam abordam o facto de o professor conseguir atuar com justiça, fazendo com que os alunos se possam sentir “seguros” na sala de aula e valorizados pelo seu esforço.

Da mesma forma que os alunos valorizam muito as atitudes positivas dos professores, valorizam também as atitudes que consideram ser negativas ou injustas, desde tratamento preferencial de alunos, injustiça na atribuição de classificações e atitudes que os alunos consideraram ser precipitadas como expulsão de salas de aula ou humilhações públicas, gerando uma má relação pedagógica. Os alunos queixam-se, sobretudo, da falta de comunicação, uma vez que segundo afirmam, para alguns professores a única voz que conta é a sua, voz de autoridade e de palavra final. Por isso mesmo, vários são os alunos que ao tentarem encontrar soluções ou estratégias para resolver as situações negativas de injustiça que viveram, indicam que tudo se resolveria se o professor tentasse ouvir o aluno e falar com ele calmamente no final da aula.

É certo que ao ouvir estas memórias estamos a ver apenas um lado da história, mas não temos como objetivo indicar culpados, mas sim promover a reflexão nos discentes e nos docentes acerca de uma verdade inevitável que, por vezes é esquecida: na escola existem pessoas, não máquinas! O que é que isto significa? Significa que todos, professores e alunos, podem falhar, perder a razão e cometer erros e injustiças que muitas vezes ficam mal resolvidos. É importante que fomentemos nos alunos esta consciência, assim como nos professores; seria essencial promover o diálogo, porque o “bom professor” falha, assim como o “bom aluno”.

Passando à análise dos relatos dos alunos, selecionei nove textos que considere como bem fundamentados e que exemplificam o que os alunos valorizam e contam como boas e más memórias com docentes.

Começamos com o relato muito completo de uma aluna de 7.º ano que nos relata dois tipos de experiência com professores e apresenta uma solução para a situação menos positiva que passou:

“Uma boa experiência que vivi com um professor foi o ano passado; eu tinha um colega que era muito mal-educado e um dia no 3º período, por esta altura do ano, em frente do nosso diretor de turma, começou a falar mal dos colegas de turma e dos professores, incluindo daquele professor.

Ora, o professor, sabendo que os restantes presentes se estavam a sentir bastante incomodados e não queria permitir a continuidade daquela falta de educação, deixou-o falar, pegou nos livros dele, arrumou-os dentro da mochila, estendeu-a e disse «não precisas de dizer mais nada, podes sair: tens falta»

Acho que a atitude do professor foi a mais correta, pois como ele já tinha batido num colega por causa de uma heteroavaliação, todos tínhamos ficado com medo dele e não tivemos reação. Portanto, considero que tenha sido uma boa experiência.

Uma má experiência que vivi com um professor não foi comigo, foi com uma colega minha que me contou. A diretora de turma dela pediu um trabalho sobre os problemas com o tabaco, e todos os colegas de turma dela fizeram em cartolina. A minha colega, no final da aula, perguntou à professora se o trabalho dela podia ser em PowerPoint, visto que ela domina informática. A professora aceitou e, no dia da apresentação, ela levou o PowerPoint numa pen. Após todos apresentarem, a professora passou por todos a recolher os cartazes, pois ia afixá-los, e quando chegou à minha colega disse: «Queres o quê? Que pendure a pen?».

A atitude da professora, na minha opinião foi elevadamente incorreta, e eu, no lugar dela teria feito de três maneiras: ou lhe dizia que só podia fazer em cartolina porque posteriormente seria afixado, ou então pedia-lhe para fazer em

cartolina após a apresentação, ou pelo menos não lhe teria dado aquela resposta. Achei muito incorreto e considero esta experiência como má.”(TEX.20)

Como podemos ver pelo relato desta aluna, os alunos não pedem professores pouco exigentes ou “baldas”, mas professores justos e tolerantes, que cumpram a sua palavra e as regras que estipulam com os alunos.

Passamos ao relato de um aluno de 7º ano que nos comenta uma situação que o fez sentir muito injustiçado e segundo comenta, a situação poderia ter sido resolvida se a professora o ouvisse e se acalmasse.

“Uma má experiência que me marcou foi uma vez na sala de estudo numa sexta-feira. A professora de Matemática tinha faltado dois tempos, então uma metade da turma teve que ir para a sala de estudo.

O primeiro tempo aconteceu sem qualquer problema. Tocou para o intervalo e eu fui comprar um Pleno. De seguida, entrei na sala com a embalagem quase cheia. Lá dentro, bebi a garrafa toda. A professora viu e foi ter comigo e começou a dizer que eu não podia beber Pleno, porque não era água, que não devia ter feito aquilo que era uma falta de respeito, entre outras coisas. Eu respondi-lhe, da seguinte maneira: que ela devia ter calma e que aquela bebida era apenas Pleno, e que uma coisa é dar um aviso (dizer que não se podia beber), e outra coisa é humilhar uma pessoa por causa de uma bebida. Depois ficou toda irritada, e disse que ia fazer queixa de mim. Eu acho que essa professora esteve muito mal, pois devemos ter moderação na forma como falamos e não devemos chamar à atenção só por chamar.

Uma das muitas experiências boas que me marcaram foi quando uma professora minha deu prémios às maiores subidas de notas e a quem tirou 100%. Essa boa experiência marcou-me porque esses prémios eram um bom estimulante para os alunos.” (TEX.8)

Outra aluna do 7.º ano relatou ambas as experiências de uma forma muito caricata e autêntica. De certa forma a aluna explica que a situação má que aconteceu se deu por

sua culpa, o que também nos revela que alguns alunos se sabem avaliar e sabem que nem tudo o que de mau acontece é culpa do professor.

“Já tive boas e más experiências com professores. Um exemplo de um mau momento foi quando por exemplo na aula de matemática ainda este ano eu estava distraída e não tinha passado nada das aulas. A professora começou a ver o meu caderno e eu: vermelha como um tomate e calada como um rato! Logo a seguir, a professora gritou comigo e marcou-me um registo de comportamento. Depois disso, fiquei a detestar matemática ainda mais do que detestava antes. Foi muito desagradável!”

Quanto aos bons momentos, já tive muitos. Entre eles estão eu responder bem a uma pergunta ou ser usada como um bom exemplo de parte de um professor ou ainda quando os meus professores estão dispostos a repetir a mesma coisa 50 vezes até eu perceber. São muitos momentos especialmente com os professores estagiários de História. Não estou a ser «graxista». Digo isto sinceramente.”(TEX.21)

Uma aluna de 7.º ano conta-nos ambas as experiências com professores, salientando a sabedoria e a boa relação pedagógica com uma professora e a injustiça que sentiu por parte de outro professor, indicando o que faria no caso do professor.

“Uma boa experiência foi no 4.º ano, no início do ano, a minha professora, como entraram pessoas novas para a turma, disponibilizou um dia de aulas para que passássemos um dia de manhã ao final da tarde a conviver todos juntos. Foi esse o dia que mudou muitas atitudes nossas para com os nossos colegas.

Uma má experiência foi no 5º ano, numa aula, por acaso foi a primeira aula do ano em Ciências, vários colegas meus à minha volta, deixaram cair coisas durante a aula e era sempre eu que apanhava. No final da aula tive uma falta disciplinar por supostamente andar a brincar na sala. Se fosse o professor, não teria sido precipitado e teria averiguado minimamente a situação.”(TEX.22)

Um caso particular de tolerância e respeito demonstrado através de uma boa relação pedagógica foi relatado por uma aluna de 7.º ano. Esta aluna não é de nacionalidade portuguesa e a sua fisionomia e pronúncia fizeram com que ao longo da vida tivesse sido alvo de *bullying* como nos relata de seguida.

“Felizmente, os professores (as) que eu tive foram todos bons, trataram-me com respeito e eu também tive respeito por eles. Eram bons professores e era o exemplo do que deveríamos aprender.

Nunca tive nenhuma má experiência com um professor, mas houve uma boa experiência. Uma vez no 4.º ou 5.º ano (não me lembro muito bem) em que eu bati a um aluno da escola. Eu estava na cantina, em linha, à espera que chegasse a minha vez, mas de repente, um rapaz que eu nem conheço começa a gozar com a minha aparência e nacionalidade e a chamar-me nomes e assim como não aguentei, eu bati-lhe, mas depois ele bateu-me de volta. É claro que a culpa era minha, pois não devia ter-lhe batido, e a professora tratou desse assunto bem, chamou o aluno à nossa sala e ambos pedimos desculpa um ao outro.

Quando fui falar com a professora sobre o assunto, ela ouviu-me pacientemente e depois resolvemos o problema sem conflitos. A professora era tolerante e é uma pessoa que eu devo seguir o seu exemplo e tenho muito respeito por ela.”(TEX.26)

Conhecendo esta aluna, convivendo diariamente com ela, foi fácil perceber como esta atitude da professora a influenciou positivamente e esta aluna foi pacificadora e intermediária em vários conflitos da turma onde estava inserida. Uma vez mais se afirma a importância do exemplo transmitido pelo professor para o aluno.

De seguida, abordaremos o caso de um aluno de 10.º ano que considero que talvez tenha sido o caso que apresenta um relato mais elaborado. Este aluno afirma fortemente a sua convicção de que o “bom professor” deve ser motivador, fomentar conhecimento nos alunos, mas também ter domínio sobre a turma, evitando a indisciplina e o “caos” na sala de aula que por vezes acontece. O professor deve ser equilibrado entre a motivação e a disciplina, sendo que uma coisa não impede a outra.

“Durante o 8º ano de escolaridade, estava numa aula de Francês e a aula estava numa desordem total. A maior parte dos alunos estava fora dos seus lugares, havia muita conversa, pessoas no telemóvel, muito barulho, até que chegou a um ponto onde até as cadeiras andavam pelo ar. O professor, o «mau professor», nada fazia, não intervinha, apenas gritava (como se gritar fizesse alguma coisa, porque a turma já o conhecia e sabia que ele não passava de gritar). Alguns alunos, incluindo eu, estávamos fartos daquele ambiente até que, eu, levantei-me, arrumei as minhas coisas e saí da sala de aula, dizendo antes ao professor que eu não era obrigado a estar numa sala de aula para assistir àquela barafunda. Depois, esse processo envolveu a direção, a diretora de turma, o tal professor, os alunos, os encarregados de educação e ainda assim esses problemas habituais continuavam, mas com muito menos intensidade.

Esta história verídica, retrata perfeitamente um péssimo professor no que se trata ao ordenamento e disciplina numa sala de aula. Perante esta situação, acho que uma boa parte da culpa de tudo isto é do professor. Um professor tem de manter, desde o primeiro dia, disciplina numa sala de aula e mostrar que quem conversa e prejudica continuamente a conduta da aula deve ser castigado.

Um bom professor deve sempre cumprir a planta da sala de aula, deve sempre ser motivador, capaz e uma pessoa que nos ajuda quando necessário. E eu, na minha opinião, acho que o que falta hoje é mesmo mais disciplina!

Uma situação boa vivida com um professor foi quando eu estava no 7.º ano. Tive uma professora de História que acertava em cheio em todos os pontos de um bom professor. Ela era simpática mas fazia-nos trabalhar e motivava-nos sempre para fazermos melhor. Tinha a sala de aula maximamente controlada, toda a gente se entendia na sala. São esses professores assim que fazem com que nós alunos gostemos das aulas e, que, neste caso, nos motivam para uma disciplina. Foi graças à maneira clara que essa professora tinha de explicar História, que fez com que eu desde o 7.º ano quisesse ser professor de História. Com muita pena minha, foi minha professora apenas um ano, mas jamais a esquecerei e quero seguir o exemplo!”(TEX.27)

O seguinte exemplo chega-nos da memória de um aluno de 10.º ano, que conta uma boa experiência e mais uma vez confirma a ideia defendida ao longo deste trabalho, que se prende com a importância da sensibilidade do professor e do reforço positivo na vida de um aluno.

“Relatando uma boa experiência, regresso ao meu 8.º ano, numa entrega de testes, aconteceu algo muito positiva e que marcou o meu gosto e interesse por uma disciplina. Essa disciplina era Geografia, na qual eu me destacava.

No geral, o meu 1º período escolar do 8.º ano tinha sido horrível, tive 5 negativas. Os meus pais puseram-me de castigo e por isso tive de me aplicar nos estudos. Tinha tido positiva a Geografia, mas foi por muita sorte que não tive negativa e no primeiro teste do 2º período tudo me correu muito bem. Quando o teste foi corrigido e entregue aos alunos, eu tive muito boa nota, quase 100%.

E lembro-me de quando o professor me chamou para receber o teste e me disse o seguinte: «estou surpreendido contigo rapaz. Nota-se perfeitamente que estudaste e que para além disso tens muita capacidade para Geografia. Já não via um teste assim de um aluno medíocre há muito tempo. Estou feliz por ti. Parabéns!»(TEX.31)

O seguinte caso, contado de forma sucinta por um aluno de 10.º ano, revela a importância que o carinho de um professor e a sua memória na vida de um aluno podem durar, mesmo anos depois. Um detalhe que gostaria de contar, é que depois de contar este caso, ao entregar-me a ficha, este aluno disse-me o seguinte: “sabe «stora», eu gostava de ter dito a esta professora o quanto ela marcou a minha vida. Tenho saudades dela”.

“Uma boa experiência foi quando no 4.ºano, no último ano da Escola Primária, tive uma professora muito querida. A experiência ocorreu na festa de final de ano, onde era tradição cada turma fazer uma coreografia de dança, tendo sido um momento bastante divertido e uma boa experiência com a professora. A parte que me marcou mais foi o facto de no final a professora e nós

os alunos termos chorado com as saudades que íamos ter uns dos outros.”(TEX.32)

O seguinte caso relatado por uma aluna de 10.º ano, retrata uma má experiência provocada numa boa intenção do docente que hoje, com uma maior maturidade, esta aluna consegue reconhecer que a fez crescer. Para mim ler este testemunho foi importante, na medida em que mostra uma atitude reflexiva por parte da aluna.

“Uma das melhores experiências que tive com uma professora foi o ano passado (9º ano), no dia de uma visita de estudo realizada ao teatro Sá da Bandeira. Depois da visualização dessa tal peça de teatro, a professora almoçou connosco num restaurante que ela mesma tinha reservado e foi uma experiência bastante interessante. Ficamos a conhecer melhor a nossa professora e percebemos o ponto de vista dela em relação a alguns assuntos, através de conversas que tivemos.

A experiência negativa que tive com um professor foi no 2º ciclo do Ensino Básico, na disciplina de Matemática. Esta era a disciplina que eu menos gostava e portanto, raramente participava nas aulas. Era também uma criança muito tímida, e isso fazia-me não gostar de falar em público.

Certo dia esse mesmo professor obrigou-me a explicar um conteúdo da matéria para a turma toda, mesmo tendo a noção de que eu não ia falar. Depois de ter estado algum tempo à espera da resposta, ameaçou chamar a minha mãe se eu não falasse e eu fiquei muito nervosa.

Concluindo, hoje percebo que esse professor fez isso para o meu bem, mas no lugar dele talvez tivesse sido um pouco mais branda, porque eu era só uma criança na altura.”(TEX.38)

Por fim, gostava de transcrever uma memória de uma aluna de 10.ºano que reflete a sua opinião favorável à boa relação pedagógica entre professor e aluno e à sua importância na transmissão de conhecimentos científicos e também atuais.

“A minha má experiência com um professor foi no 8º ano. Estávamos a dar uma matéria muito complicada e que era difícil de compreender. Tanto eu como alguns colegas meus não estávamos a perceber a matéria, e assim sendo, numa aula pedimos à professora para a voltar a explicar. Para nosso espanto, a professora disse que já tinha explicado a matéria muito bem explicada noutras aulas e que se não tínhamos percebido que o problema era nosso. Tivemos que pedir ajuda a outro professor e a colegas de outra turma para perceber. Caso fosse essa professora, teria tentado ajudar a esclarecer as dúvidas dos alunos, uma vez que a matéria era complicada.

Há dois anos tinha um professor que no início de cada aula falava connosco sobre temas correntes e interessantes que davam no telejornal, temas que nós quiséssemos debater ou até sobre o nosso fim-de-semana, por exemplo. Desta forma conseguia criar uma espécie de amizade connosco e ao mesmo tempo cativar-nos para a aula dele. Além disso, conseguia tornar todas as aulas mais interessantes com piadas ou algo desse género. Conseguiu cativar os alunos.”(TEX.41)

De facto, é comum à grande maioria dos alunos a afirmação da importância da pessoa do professor e das suas atitudes. O “bom professor” não é o que não falha, mas é o que ensina e educa os alunos a nível científico mas também pessoal. Volto a afirmar que é essencial que o professor não descuide a sua importância social. O professor é essencial na vida de um aluno e, de certa forma, vai acompanhá-lo ao longo da vida através das recordações e ensinamentos que deixou. Um professor pode gerar memórias nos alunos, factos, datas, cálculos, etc; um “bom professor” vai mais além, gera recordações, que ligam a sua pessoa ao coração do aluno. É isso que os relatos dos alunos nos deixam saber, visto que a atitude do professor tem sempre influência nos alunos, seja ela positiva ou negativa. Contudo, convém salientar que o oposto também acontece; os professores também aprendem com os alunos e com certeza teriam muitas memórias para nos relatar, talvez em trabalhos futuros.

A ficha entregue aos alunos tinha ainda a **questão 2(Imagem 7)**, em que se pretendia que os alunos criassem um breve lema que descrevesse a importância de um “bom professor” na vida de um aluno.

Imagem 7– Questão 2

<p>2. Numa pequena frase/lema, diz de forma resumida diz qual consideras ser o papel de um bom professor (motivador, capaz, atento) na vida de um aluno.</p> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>
--

Dos 46 alunos que fizeram parte da amostra, 43 apresentaram lemas, tal como pedido no enunciado da questão (**Anexo 10**). Contudo, desses 43 lemas, foram selecionados apenas 14 para nossa reflexão. Os lemas dos alunos serão identificados segundo o seu número de ficha (ex: LEMA 1). É de salientar a criatividade dos lemas formulados pelos alunos do 7.º A, que, de facto, refletem a sua imaginação e emotividade.

Estes foram os 9 lemas de 7.º ano selecionados:

“Há professores que são gaiolas e há professores que são asas. Vocês (professores estagiários) foram asas.”(LEMA 1)

“Apesar do professor ser atento, vai estar sempre cá dentro.”(LEMA 2)

“Um professor não é bom quando trabalha para as notas, mas para formar pessoas melhores.”(LEMA 5)

“A melhor relação que pode haver entre um professor e um aluno é a amizade.”(LEMA 8)

“Nenhum aluno nasce ensinado, e quanto melhor for o professor, melhor será o aluno.” (LEMA 14)

“Alguns professores contribuem para a nossa educação, mas os professores especiais conseguem deixar uma marca para a vida inteira. A influência de bons professores ninguém consegue apagar.”(LEMA 15)

“Um bom professor não faz, ajuda a fazer.” (LEMA 17)

“Por mais que um professor seja rigoroso, deve ter sempre um lado carinhoso.” (LEMA 21)

“Um bom professor deve ser amigo, motivador, honesto, respeitador e alegre. Mas atenção: os alunos também devem ser tudo isto!”(LEMA 23)

De facto, estes alunos apelaram às suas emoções e, como se costuma dizer na gíria, falaram “com o coração”. Estes lemas valorizam a ação docente e devem motivar os professores a continuarem o seu trabalho, a motivarem os alunos, a serem pacientes, porque, de facto, o lugar que podem ocupar na vida dos alunos é insubstituível e muitas vezes imensurável.

Quanto aos alunos de 10.º ano, foram seleccionados 5 lemas:

“Um professor pode ser um porto de abrigo para um aluno, alguém a quem o aluno sabe que deve recorrer sempre que precisa.”(LEMA 29)

“Um bom professor é aquele que o aluno, mesmo vinte anos depois, ainda se lembra dele de forma positiva.”(LEMA 32)

“Um bom professor é aquele que se chateia connosco quando erramos e nos motiva a dar mais e mais.”(LEMA 33)

“Um bom professor deve ser capaz de motivar os seus alunos para serem o mais justos possível.”(LEMA 35)

“Um bom professor é aquele que consegue ser transversal e não olhar só para si, mas também para os alunos e perceber o seu lado e o seu ponto de vista.”(LEMA 37)

A intenção que levou a pedir aos alunos que pensassem em lemas era a de aproveitá-los (assim como aos restantes resultados da investigação) para escrever uma carta de motivação e reflexão dirigido ao/à professor/a, para que procure ser o melhor

professor possível, o que os alunos consideram ser o “bom professor”. É sobre essa mesma carta que falaremos no próximo subcapítulo.

3.3. A 3.^a Fase: carta de motivação para oProfessor

Após o levantamento e análise das memórias vividas pelos alunos, foi necessário agrupar os dados de forma a gerar um “produto final”. Os alunos indicaram quais são as características que valorizavam mais ou menos no perfil do “bom professor”, indicaram algumas das maiores virtudes e defeitos dos docentes e relataram boas e más experiências ao longo da sua vida de estudantes. Assim, partimos para a terceira e última parte da nossa investigação.

A elaboração desta carta teve como orientação a “Carta a um jovem investigador em Educação” de António Nóvoa (2015). Como defende o autor que escreve a novos investigadores dando vários conselhos para o seu futuro profissional e académico, “numa carta, o que interessa é a relação, esse diálogo em que conversamos connosco quando nos dirigimos ao outro, ainda que seja um outro imaginário. (...) Uma carta permite maiores liberdades do que outros estilos (...)” (NÓVOA, 2015, p.13).

Por isso, a elaboração de uma carta pareceu-nos a melhor maneira de expressar livremente o que os alunos sentem de forma a chegar ao coração dos professores, que muitas vezes são esquecidos, desvalorizados, ignorados, mas também são amados, estimados e essenciais na comunidade e na vida dos alunos.³

Esta carta é apresentada na forma de um monólogo dos alunos para o professor, e foi redigida fazendo um “apanhado” geral das conversas com os alunos, das vivências que nos relataram, dos lemas que construíram mas também procura ir ao encontro da “dor” referida por professores e de alguns desabafos que expressam. Esta carta buscou

³Em setembro de 2017 a revista Visão publicou uma “Carta aos professores”, onde Mafalda Anjos motiva os professores para o exercício da sua função. O que difere nesta carta é que é feita de professores para professores e a carta que apresentamos é feita essencialmente através dos relatos dos alunos. Fica o link para consulta: <http://visao.sapo.pt/opiniao/editorial/2017-09-14-Carta-aos-professores>

acima de tudo ir ao encontro do que pensam os alunos e do que por vezes os professores precisam de ouvir: palavras de motivação.

Uma das ideias que desde o início orientou este trabalho e a sua apresentação final foi a elaboração desta carta e também proceder à sua leitura em vídeo com a participação dos alunos das duas turmas de 7.º e 10.º ano que colaboraram no estudo. Ao longo do trabalho pretendemos sempre fomentar a pessoalidade e que, de facto, fossem contadas histórias, como fica explícito no título. Gravar a carta em vídeo foi uma das estratégias que encontramos para concretizar esse objetivo.

Por questões logísticas foi impossível agendar a gravação do vídeo com as turmas durante o período de aulas até junho. Assim sendo, tivemos de proceder à gravação dos vídeos em setembro de 2017, durante as primeiras semanas do ano letivo 2017/2018. Isso foi possível devido à generosidade dos alunos e dos seus encarregados de educação. **(Anexo 11 e Anexo 12)**. Contudo, devido à incompatibilidade de horários, apenas a turma de 7.º ano pode participar, sendo que então participaram 26 alunos da turma na gravação do vídeo.

Gostamos de pensar nesta carta como um possível encontro entre expectativas e pensamentos dos alunos sobre o “bom professor” e as aptidões, motivações e necessidades dos professores de sentirem o seu trabalho valorizado e recompensado. Segue então a carta que foi escrita com base nas informações e vivências já referidas.

“Esta carta é dirigida a todos os professores,

Querido professor, pare e ouça-nos, por favor! Temos algo importante a dizer.

Somos nós, os seus alunos! Sim, ALUNOS! Aqueles com quem se preocupa, de quem fala tantas vezes, com quem ralha e chega a perder a cabeça...

Somos aqueles a quem deseja todo o bem do mundo e investe o seu tempo a educar e ensinar.

Se ainda ninguém lhe disse isto, nós queremos dizer: OBRIGADO!

Obrigado por ter escolhido esta profissão e ter agarrado a oportunidade de marcar as nossas vidas ao transmitir-nos tanto do que sabe e do que é.

Obrigado por ouvir tantas críticas e, mesmo assim, continuar a acreditar na sua profissão, mesmo quando ninguém acredita e nem sempre se valoriza o que faz.

Sabemos que se sente cansado, por vezes desmotivado e sem vontade de aprender mais e de nos aguentar.

Sabemos que, muitas vezes, está longe de casa, da família, sem tempo para si e para os seus afazeres pessoais, mas obrigado por continuar aqui.

Queremos pedir-lhe um favor: não desista! Tem nas suas mãos a oportunidade de fazer a diferença nas nossas vidas e na nossa sociedade.

Ainda se lembra do que o fez escolher esta carreira? Talvez ame realmente o que faz, mas não sinta mais forças para o fazer.

Querido professor, evite ter medo de nos mostrar quem é. Sabemos que é uma pessoa tal como nós e que tem sonhos e projetos.

Mostre-nos que ama o que faz, não tenha medo de utilizar novas tecnologias e outros recursos na sala de aula. Isso ajuda-nos a crescer e a aprender também!

Não tenha medo de ter uma boa relação connosco. Lembre-se que muitas vezes desejamos poder dar-nos bem consigo e sentir-nos queridos dentro e fora da sala de aula.

Pode ralhar connosco, afinal, nós erramos e merecemos ser repreendidos! Mas, por favor, faça isso para o nosso bem e não apenas porque tem mais autoridade do que nós.

Ensine-nos com o seu exemplo a respeitar todos por igual, a sermos responsáveis e a ouvir opiniões diferentes.

Coopere connosco e nós vamos cooperar consigo. Talvez nem todos os alunos o valorizem, mas alguém irá valorizar. Vale a pena arriscar?

Obrigado pelas palavras positivas, pelos sorrisos, pelas vezes em que aceitou perder alguns minutos da aula para nos esclarecer e falar connosco.

Sabemos que vai errar, tal como nós, porque somos humanos. Consegue ajudar-nos a lidar com isso?

Por favor, tome alguns minutos para ouvir as nossas histórias e as nossas “versões” dos acontecimentos. Deixe-nos ter uma voz e ensine-nos a usá-la com respeito.

Lembre-se sempre da importância de amar a sua profissão, só isso o poderá ajudar a lidar connosco e com o futuro incerto da sua carreira.

Não pense que sabe tudo ou que não há esperança. A vida está sempre a mudar e os alunos que vai encontrar serão sempre diferentes, mas dê o seu melhor, sempre!

Lembre-se professor: ao contrário de outras profissões, a sua profissão depende muito da sua relação com as pessoas, por isso, obrigado por fazer a sua parte para nos entender.

O professor não sabe como seremos no futuro, o que faremos, o que estudaremos, mas continue a deixar sementes positivas na nossa vida que poderão crescer e dar fruto.

«Há professores que são gaiolas e há professores que são asas». Ensine-nos a ter asas para voar mais alto e mais longe do que pensamos ser possível.

Por favor professor, não desista da sua profissão e de tudo o que tem feito. Obrigado por ser: professor.”

Consideramos que esta carta resume muito do que se pretendia com esta investigação. Os professores precisam dos alunos para serem professores e os alunos precisam de bons professores para serem bons alunos e melhores pessoas. Existem maus alunos com bons professores e bons professores com maus alunos, mas, nestes encontros e desencontros surge muito do encanto da profissão docente na sua vertente positiva e negativa.

Se estivermos dispostos a ouvir e refletir sobre a nossa ação e procedimento, seremos melhores profissionais e podemos de certa forma devolver à profissão docente o seu prestígio e valor, que está em saber comunicar, ensinar mas também formar pessoas e lidar com elas.

Considerações finais

“Há outros heróis que estão a mudar Portugal, são os professores.”

Marcelo Rebelo de Sousa (2017)

Foi assim que num discurso proferido em junho na entrega do prémio “Ciência na Escola” em Coimbra, o atual Presidente da República de Portugal se referiu aos professores, chamando-os de “heróis”.⁴

Se remontarmos à Antiguidade Clássica, aos mitos e lendas sobre heróis, facilmente nos damos conta que falamos de “semi-deuses”, no sentido em que todos tinham uma ou mais falhas que os impediam de chegar à perfeição e ao título de “deus”. Vejamos Aquiles e o seu famoso calcanhar ou, mais recentemente, a personagem “Super-Homem”, personagens admiradas pela sua valentia, mas que eram imperfeitas e tinham a sua fraqueza. De facto, o que faz com que certas pessoas ou personagens sejam consideradas como heróis é a sua luta e a sua capacidade de enfrentar obstáculos, não a sua perfeição. Porque, se os heróis fossem dotados de todas as capacidades, que valor teria a sua ação?

Não se pense que estou a desviar o foco do tema de estudo, de todo. Esta menção que faço sobre os heróis tem um objetivo claro: reafirmar a ideia defendida por Marcelo Rebelo de Sousa de que os professores são, de facto, heróis. Não é fácil passar por todas as contrariedades a que estão sujeitos e manter a nobreza de carácter necessária para exercer a sua profissão nos dias de hoje.

Só existe uma maneira que permite ao herói levar a sua tarefa ou jornada até ao fim: acreditar no valor do que está a fazer, na sua “missão”. É urgente que os professores continuem a acreditar no potencial valor da Educação e da sua profissão. Sendo assim, é necessário comunicar e interagir bem com os alunos e este trabalho visou então “ouvir” a opinião dos alunos sobre o “bom professor” e sensibilizá-los para

⁴Para mais informações sobre a notícia consultar o link: <http://sicnoticias.sapo.pt/economia/2017-06-30-Ha-outros-herois-que-estao-a-mudar-Portugal-sao-os-professores>

a vulnerabilidade docente que se faz sentir. Além disso, este trabalho poderá chegar a vários docentes ou candidatos a docentes e pretendemos sensibilizá-los para o que os alunos valorizam e esperam do professor.

Sendo que este relatório de estágio foi inserido no Mestrado em Ensino de História no 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, convém também refletir brevemente na importância desta temática para o professor da disciplina de História visto que ainda muito existe por fazer, por refletir e por falar. A sala de aula de História deve deixar de ser vista como a “aula seca”, a aula onde só se expõe o que aconteceu, factos e datas, para dar lugar a uma aula que suscita curiosidade, interesse e debates. Sendo assim, o professor de História precisa seriamente de apresentar características do “bom professor”.

O mundo atual enfrenta sérios problemas que preocupam várias gerações e para os quais não temos respostas óbvias e conclusivas. Todos os dias na rádio, televisão e redes sociais somos “bombardeados” com notícias de violência, criminalidade, crise e acabamos por lidar com isso como algo normal. Pouco a pouco, a nossa sociedade tem-se tornado apática quanto a certos temas e é isso que a Educação deve combater, buscando gerar ações proativas e positivas, evitando cair no erro daquilo que a famosa jornalista do século XX, Hannah Arendt, chamou como o fenómeno da “banalidade do mal”.

Hannah Arendt, judia alemã que emigrou para os Estados Unidos da América fez uma crítica análise ao Nazismo e à sua implantação na Alemanha; criticou a forma de atuação de muitos chefes nazis julgados após a 2ª Guerra Mundial, considerando que procederam a uma “monstruosidade legal”, visto que segundo o que diziam apenas cumprir ordens que tinham recebido. A postura de Arendt face a este fenómeno levou a que fosse extremamente criticada pela comunidade judaica, uma vez que esta filósofa não considerava o Holocausto como um horror devido ao facto de milhões de judeus terem sido mortos, mas sim devido ao facto de milhões de pessoas terem sido exterminadas numa tentativa de acabar com o conceito de Humanidade e de pessoa em si mesmo, com direitos e deveres.

Lendo o processo e assistindo ao julgamento de um dos líderes nazis condenados, Adolf Eichmann, Arendt assume ter considerado que se tratava de uma pessoa com sérias falhas de entendimento e acima de tudo, falta de capacidade de ser humano, dotado de capacidades de raciocinar, de se colocar no lugar do outro e da dor que pode estar a passar. Sendo assim, ao seguir os argumentos fáceis, os discursos vagos, não utilizando as suas capacidades mentais e “seguindo a corrente”, tantas atrocidades têm sido cometidas pela humanidade. É neste sentido que defendemos que combater a ignorância e o senso comum evita o horror e previne ações de intolerância e falta de humanidade.

Como salienta Isabel Barca (2001), “assume-se actualmente que não é uma resposta final em História: podem encontrar-se explicações diferentes ao longo do tempo e concomitantes acerca de um mesmo acontecimento ou situação passada.” (BARCA, 2001, p. 18). Assim, o professor de História não é melhor professor do que os restantes docentes, mas a disciplina que leciona permite que na sala de aula se abordem temáticas “sensíveis” e que fomentam discussões que envolvem confronto de valores e visões do mundo.

É então ainda mais necessário que o professor de História seja “bom professor”, seja crítico, reflexivo, saiba lidar com ideias pré-concebidas e ensine os alunos a conhecerem o mundo que os rodeia e fomente neles o desejo de partilhar a sua opinião, respeitar a opinião dos outros e exercer a sua cidadania. Se a visão de professor como agente social é requerida no bom professor, é ainda mais urgente que o professor da disciplina de História não descuide essa tarefa.

Este estudo apresenta algumas limitações e suscitou questões que em trabalhos futuros gostaria de explorar. Seria interessante estender a amostra e analisar mais profundamente os relatos dos alunos; de igual maneira seria pertinente tentar realizar o mesmo estudo em várias gerações (ex: alunos, pais e avós) e, se possível, tentar perceber em que diferem as memórias relatadas por várias gerações quanto aos docentes que os marcaram. Também um estudo que gostaria de realizar podia prender-se com a construção da carta de motivação por cada aluno; gostava com isso de estudar como é que os alunos estruturariam a sua própria carta de motivação a nível individual. Seria

igualmente interessante ouvir a opinião dos docentes sobre o que consideram ser o “bom professor”, que motivos apontam para o “desamor” dos professores pela sua profissão ou então qual a visão dos docentes sobre o “bom aluno” e ouvir algumas das suas memórias e histórias ao longo da carreira. Em estudos futuros seria interessante seguir algumas destas linhas de investigação, fica a proposta e a intenção de prosseguir este estudo.

Esta investigação tem acima de tudo um carácter reflexivo e pretende de forma singela promover a melhoria da Educação em Portugal e isso só é possível se for promovido o diálogo entre professores, alunos e outros agentes das comunidades educativas. As opiniões dadas pelos alunos são importantes e devem ser tidas em consideração; de igual forma, o sentir dos professores é importante e não deve ser menosprezado.

Os alunos defenderam a ideia de que o “bom professor” é apaixonado pelo que faz, é motivador, dinâmico, busca cooperar com os alunos dentro e fora da sala de aula e usa a autoridade através do exemplo e não do autoritarismo. Nas experiências partilhadas, a simpatia e o cuidado de “um” professor foram salientados como memórias positivas, reforçando a função do professor como educador no seu sentido pleno e não apenas transmissor de conhecimentos. Interessante, também, que poucos foram os alunos que distinguiram a competência profissional da postura afetiva do professor; aliás, quando o fizeram foi no sentido de destacar a importância da segunda em detrimento da primeira.

Cada vez a profissão docente é uma profissão muito exigente e, como afirma Luís Alves (2001), o professor acaba por ser um “aprendiz de feiticeiro”, no sentido em que se move entre o que sabe (formação inicial), o que necessita saber (formação contínua) e a prática concreta da docência, o seu saber didático e pedagógico.

Retomando a ideia expressa na afirmação de Marcelo Rebelo de Sousa, de fato, é de saudar e louvar os professores pela sua resistência e resiliência na conjuntura atual e social de Portugal no século XXI. Os professores são dignos de respeito pela sua profissão e pela sua importância social e papel essencial no desenvolvimento do país, por mais que isso possa parecer esquecido.

Talvez existam bons professores que não valorizam ou não colocam em prática características apresentadas pelos alunos que participaram no estudo; talvez existam maus professores que apresentam algumas das mesmas características referidas. Nem todos os bons professores são professores próximos dos alunos, tal como nem todos os professores mais emotivos são capazes de ensinar de forma significativa.

Convém concluir dizendo que esta reflexão não se baseou numa utopia ou numa ilusão de mudar o mundo. Tenho bem presente que a minha visão pessoal, esperançosa e moderadamente otimista do mundo e a paixão latente que sinto pela profissão que escolhi influenciou claramente a realização deste trabalho e que pode ser vista por alguns como demasiado sonhadora.

Defendo a minha postura dizendo que um dos maiores logros e orgulhos que tenho na minha vida é ser professora e ter podido contactar com este “mundo” ao longo deste ano e com todos os que no futuro irei trabalhar. Ensinar, motivar, fazer crescer alguém é das tarefas mais exigentes e, simultaneamente, mais belas que podem existir. Espero poder manter a motivação, a paixão pelo que faço e não ser “engolida” ou formatada pelo desânimo que se faz sentir na classe docente e pelo sistema educativo.

“Enquanto for ainda capaz de me encantar”(NEVES, 2011) pode ser um lema de vida profissional. O bom professor tem de amar a sua profissão e as pessoas com quem trabalha para se sentir motivado e, conseqüentemente, ser um bom profissional. Pode, eventualmente, perder o “encanto” da sua profissão e continuar a ser um bom professor, contudo, provavelmente os seus alunos irão notar a sua falta de motivação, a possível falta de paciência e amor pelo que faz.

Chegando à reta final deste Relatório de Estágio, gostaria de deixar estas duas imagens como reflexão para todos aqueles que possam vir a ter contacto com este trabalho

A primeira imagem⁵(**Imagem 8**) retrata duas posturas face à Educação e ao exercício da Cidadania e faz-me pensar nos valores que estamos a transmitir às novas gerações como cidadãos e como professores. Um “bom professor” não educa ou dá formação a um aluno para que este se considere superior a pessoas que não tenham

⁵As imagens utilizadas foram retiradas de algumas páginas de *Facebook* e posteriormente foram editadas e traduzidas do espanhol para o português.

trabalhos tão notórios a nível social, mas deve fomentar no aluno que é necessário trabalhar e usar as suas capacidades para um mundo mais justo, onde todos são necessários e iguais. Tal como foi referido pelos alunos, o “bom professor” é também aquele que tem um comportamento exemplar e os prepara para o futuro.

Imagem 8 Imagem 9



Quanto à segunda imagem (**Imagem 9**), contém uma analogia que me marcou bastante. Tal como o guarda-chuva (chapéu de chuva) nos protege e nos abriga num lugar mais “seguro”, a sala de aula de um “bom professor” pode fazer toda a diferença na vida de um aluno e pode por vezes ser o lugar de felicidade do aluno. Por experiência própria como professora e como aluna, sei muito bem que isto pode suceder. Um professor que ensina com amor cativa os seus alunos para a aula e motiva-os para que

sejam melhores em tudo o que fizerem. Dentro dos devidos limites, a sala de aula precisa de afetos, definitivamente!

Reafirmo que os professores são essenciais no desenvolvimento pessoal do aluno e na sociedade, por isso devem amar o que fazem e as pessoas com quem trabalham. Deixar de fazer/sentir isso é deixar de ser professor (melhor dizendo, “bom professor”). É possível ser exigente ao mesmo tempo que se ama a profissão e os alunos.

Ainda existem bons professores, bons alunos, boas pessoas... então existe esperança para que a Educação possa cumprir a sua missão.

“A educação é o sistema que deveria desenvolver as nossas habilidades naturais, permitindo-nos progredir na vida.”

Sir Ken Robinson

Referências bibliográficas

- ALVES, Luís A. M. (2001). O professor: aprendiz de feiticeiro, Deus e Demónio. *O Estudo da História*, n.º4, 287-296.
- ALVES, Rubem (2003). A alegria de ensinar. Porto: Edições Asa.
- CARNEIRO, Roberto (2003). Fundamentos da Educação e da Aprendizagem (2ª ed.). Vila Nova de Gaia, Fundação Manuel Leão.
- CAVACO, Maria Helena (1995). Ofício do Professor: o tempo e as mudanças. In António Nóvoa et al., *Profissão Professor*. Porto, Porto Editora.
- CAVACO, Maria Helena (1993). Ser Professor em Portugal. Lisboa, Editorial Teorema.
- CORTESÃO, Luíza (2000). Ser Professor: um ofício em risco de extinção? Reflexões sobre práticas educativas face à diversidade, no limiar do século XXI. Porto, Edições Afrontamento.
- ESTEVES, José M. (1995). “Mudanças sociais e função docente”. In António Nóvoa et al., *Profissão Professor*. Porto, Porto Editora.
- ESTEVES, Manuela (2006). “Análise de Conteúdo”. In Jorge Ávila de Lima, José Augusto Pacheco, *Fazer Investigação*. Porto, Porto Editora.
- ESTRELA, M.T. (2010). Profissão Docente: dimensões afetivas e éticas. Areal Editores.
- JESUS, Saúl Neves de (2000). Motivação e formação de Professores. Coimbra, Quarteto Editora.

- JUSTINO, David (2010). *Difícil é Educá-los*. Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- GUERRA, Miguel Santos (2006). *Arqueologia dos sentimentos. Estratégias para uma educação dos afetos*. Tradução de José Carlos Eufrásio. Porto, Edições Asa.
- MÓNICA, Maria Filomena (2014). *Diários de uma Sala de Aula*. Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- MORIN, Edgar (1999). *Os sete saberes para a Educação do futuro*. Lisboa, Instituto Piaget.
- MONTEIRO, A. R (2005). *Deontologia das Profissões de Educação*. Coimbra, Edições Almedina.
- NIZA, Sérgio (2015). *Escritos sobre Educação (2.ª ed.)*. Lisboa, Tinta da China.
- NÓVOA (2015). Carta a um jovem investigador em Educação. *Investigar em Educação*, II.ª Série, Número 3. 13-22.
- NÓVOA, A. (2005). *Evidente (mente)*. Porto, Edições Asa.
- NÓVOA, A. (2009). *Professores: Imagens do futuro presente*. Lisboa, Educa/Universidade de Lisboa, Instituto de Educação.
- NÓVOA, A. (1995). “O passado e o presente dos professores”. In António Nóvoa et al., *Profissão Professor*. (2.ª ed). Porto, Porto Editora.
- NÓVOA, A. (1995). “Os professores e a sua história de vida”. In António Nóvoa et al., *Vidas de Professores*. (2.ª ed). Porto, Porto Editora.
- SEIÇA, A. B. (2003). *A Docência como práxis Ética e Deontológica: um estudo empírico*. Lisboa, Ministério da Educação.

- SKORIKOV, V. B., e VONDRACEK, F. W. (2011). Occupational Identity. Em S. J. Schwartz (ed.), *Handbook of Identity Theory and Research*. (pp. 693-713). New York, Springer.
- STEINER, George (2003). *As lições dos Mestres*. Lisboa, Gradiva.

Documentos legais:

- Constituição da República Portuguesa. Sétima Revisão (2005).
- Lei de Bases do Sistema Educativo. Lisboa, Ministério da Educação (1986).
- Perfil dos Alunos para o Século XXI. Lisboa, Ministério da Educação (2017).

Webliografia:

- ANJOS, Mafalda (2017). Carta aos professores. *Visão*.
Acedido de: <http://visao.sapo.pt/opiniao/editorial/2017-09-14-Carta-aos-professores>
- DEMIRKASIMOGLU, Nihan (2010). Defining “Teacher Professionalism” from different perspectives. *Procedia Social and Behavioral Sciences*, 9, 2047-2051.
Acedido de: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1877042810025498>
- Notícia/vídeo sobre Marcelo Rebelo de Sousa (2017) na SIC Notícias.
Acedido de: <http://sicnoticias.sapo.pt/economia/2017-06-30-Ha-outros-herois-que-estao-a-mudar-Portugal-sao-os-professores>

Anexos

Anexo 1– Distribuição da Amostra por gênero, idade e ano de escolaridade

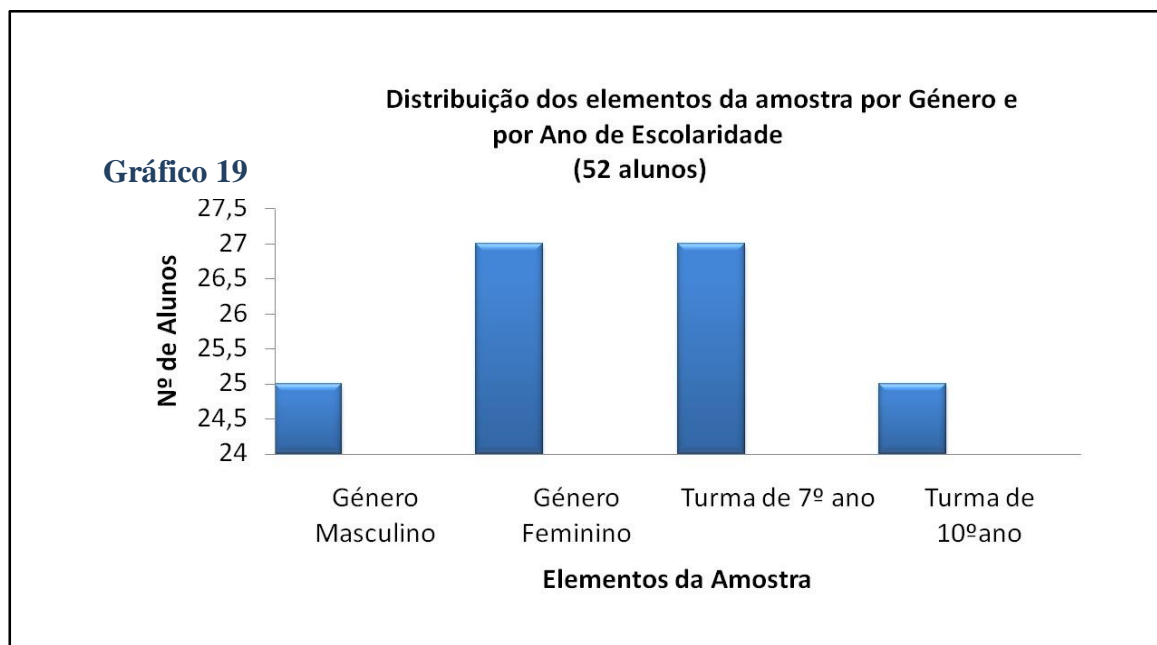


Tabela 2

Ano de Escolaridade	Nº de alunos	% na Amostra
7.º Ano	27	52%
10.º Ano	25	48%
TOTAL	52	100%

Tabela 3

Ano de Escolaridade	Género Feminino	Género Masculino	% na Amostra
7.º Ano	11	16	52%
10.º Ano	16	9	48%
TOTAL	27	25	100%

Anexo 2 – Distribuição dos elementos da turma do 7.ºano por género e idade

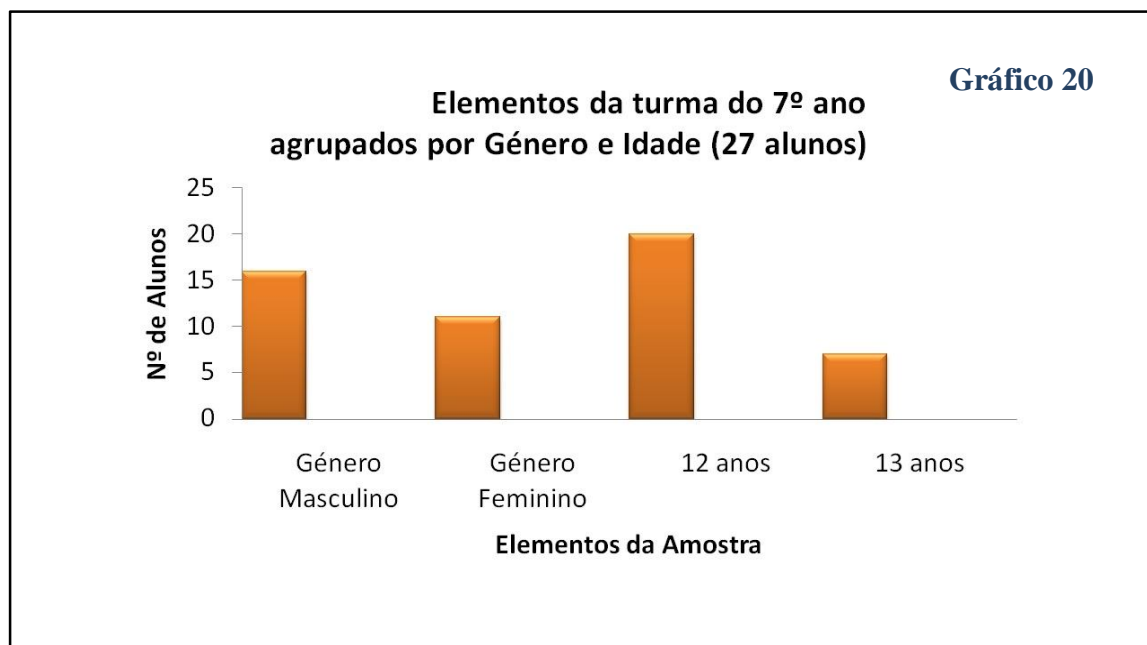


Tabela 4

Idade	Nº de alunas	Nº de alunos
12 anos	8	11
13 anos	3	5
TOTAL	11	16

Anexo 3 – Distribuição dos elementos da turma do 10.ºano por género e idade

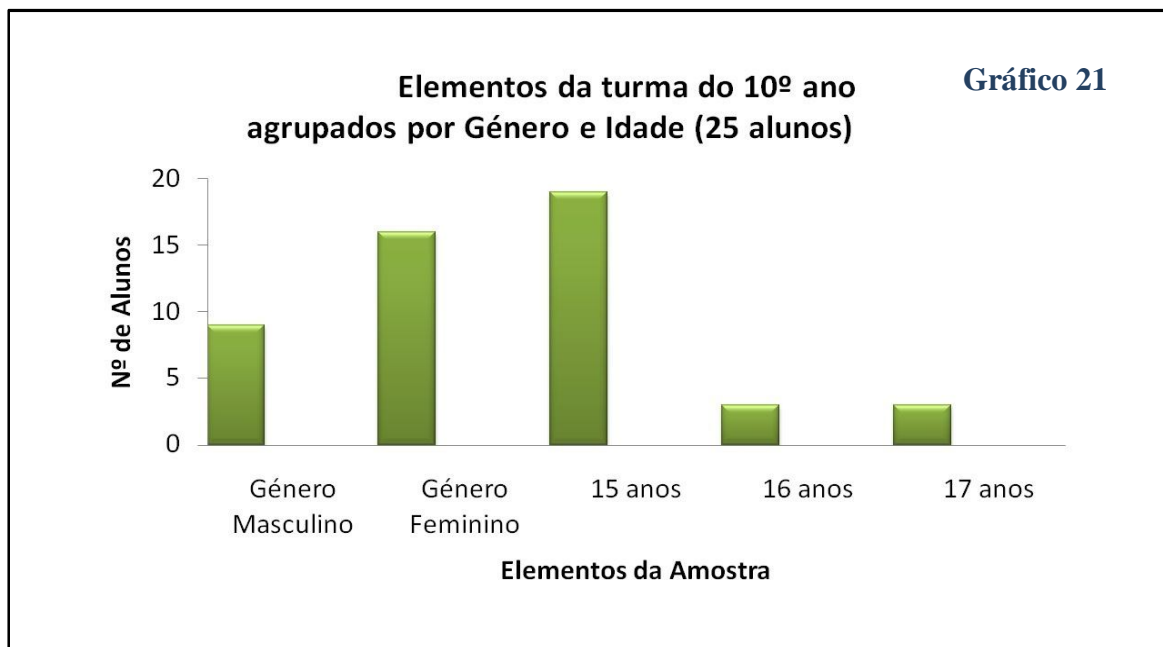


Tabela 5

Idade	Nº de alunas	Nº de alunos
15 anos	11	7
16 anos	2	2
17 anos	3	-----
TOTAL	16	9

Anexo 4 – Inquérito por Questionário



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO



Este inquérito é realizado no âmbito do Relatório de Estágio do Mestrado em Ensino de História no 3º Ciclo e Ensino Secundário da Faculdade de Letras da Universidade do Porto no ano letivo 2016/2017, com o título: **“Conta-me histórias: o que pensam alunos sobre o bom Professor.”**

Este inquérito por questionário tem como objetivo principal tentar compreender que características salientam os alunos no perfil do bom professor e o que entendem como aspetos negativos num docente.

A confidencialidade e anonimato da informação recolhida estão assegurados.

Por favor responde com sinceridade a todas as questões.

1. Género ☐ Feminino ☐ Masculino
2. Idade _____
3. Ano letivo que frequentas _____
4. As seguintes frases indicam algumas características expectáveis num professor. Assinala o teu nível de concordância com elas, indicando através de um X quais as características que valorizas mais num bom professor.

O bom professor:	Concordo Totalmente	Concordo	Indiferente	Discordo	Discordo Totalmente
1 – É alguém capaz de motivar os alunos para a sua disciplina.					
2 – Tem uma boa relação de empatia com os alunos.					
3- É exigente e autoritário.					
4- Sabe respeitar os alunos.					

5 – Tem atenção ao público-alvo ao qual se está a dirigir.					
6- É questionador e orienta o raciocínio dos alunos.					
7- É justo na avaliação e cumprimento de prazos estabelecidos com os alunos.					
8- É o que tem atenção às dificuldades dos alunos.					
9 – Promove a autonomia e responsabilidade dos alunos.					
10 – Utiliza recursos diversos (TIC, manual, revistas científicas, filmes, etc).					
11- É exemplar e coerente nos seus comportamentos.					
12 – Apresenta um vasto conhecimento da sua área científica e da atualidade.					

5. Num pequeno texto, diz qual consideras ser a maior virtude/capacidade de um professor, justificando a tua opinião.

6. Num pequeno texto diz qual consideras ser o maior defeito/ falha de um professor, justificando a tua opinião.

Muito obrigada pela colaboração!
 Professora Dina Amorim Fernandes
 15 de Março de 2017

Anexo 5 – Resultados gerais do Inquérito por Questionário (Questão 4)

<p>A – Concordo Totalmente; B – Concordo; C – Indiferente; D – Discordo; E – Discordo Totalmente.</p>

Característica	
1	<i>“É alguém capaz de motivar os alunos para a sua disciplina”</i>
2	<i>“Tem um boa relação de empatia com os alunos”</i>
3	<i>“É exigente e autoritário”</i>
4	<i>“Sabe respeitar os alunos”</i>
5	<i>“Tem atenção ao público-alvo ao qual se está a dirigir”</i>
6	<i>“É questionador e orienta o raciocínio dos alunos”</i>
7	<i>“É justo na avaliação e cumprimento de prazos estabelecidos com os alunos”</i>
8	<i>“É o que tem atenção às dificuldades dos alunos”</i>
9	<i>“Promove a autonomia e responsabilidade dos alunos”</i>
10	<i>“Utiliza recursos diversos (TIC, manual, revistas científicas, filmes, etc)”</i>
11	<i>“É exemplar e coerente nos seus comportamentos”</i>
12	<i>“Apresenta um vasto conhecimento da sua área científica e da atualidade”</i>

Tabela 6

Carac.	A	B	C	D	E	TOTAL
1	46	6				52
2	32	18	2			52
3	1	37	8	6		52
4	45	7				52
5	37	15				52
6	28	22	1	1		52
7	33	18		1		52

8	39	13				52
9	28	22	1		1	52
10	32	19	1			52
11	25	22	3	2		52
12	35	15	5			53

Anexo 6 – Resultados Gerais do Inquérito por Questionário (Questão 5)

“Maior virtude/capacidade de um professor” – 52 alunos

Tabela 7

Categoria	Nº de alunos que identificou a categoria
1 – Respeito e justiça	8
2 – Cooperação	17
3 – Motivação no método de ensino	34
4 – Simpatia	5
5 - Conhecimento	1
6 – Uso de recursos diversos	2
7 - Disponibilidade	6
8 – Preparação para o futuro	4

Tabela 8

Nº de categorias identificadas	Nº de alunos
Apenas 1 categoria	28
2 categorias	20
3 categorias	3
4 categorias	1
TOTAL	52

Tabela 9

Nº Inquérito (Questão 5)	Categorias Identificadas	Nº total de categorias
INQ. 1	1 e 2	2
INQ. 2	1 e 3	2
INQ. 3	2 e 8	2
INQ. 4	2	1
INQ. 5	1	1
INQ. 6	2 e 7	2
INQ. 7	3 e 8	2
INQ. 8	3	1
INQ. 9	1	1
INQ. 10	8	1
INQ. 11	3	1
INQ. 12	1 e 2	2
INQ. 13	3	1
INQ. 14	3 e 4	2
INQ. 15	2 e 3	2
INQ. 16	3	1
INQ. 17	1, 3 e 4	3
INQ. 18	3	1
INQ. 19	1, 2, 3 e 4	4
INQ. 20	8	1
INQ. 21	1	1
INQ. 22	1 e 3	2
INQ. 23	1 e 7	2
INQ. 24	1	1
INQ. 25	2	1
INQ. 26	2 e 4	2
INQ. 27	2 e 3	2

INQ. 28	3 e 6	2
INQ. 29	2 e 3	2
INQ. 30	3	1
INQ. 31	3	1
INQ. 32	3 e 7	2
INQ. 33	3	1
INQ. 34	3	1
INQ. 35	3	1
INQ. 36	2, 3 e 6	3
INQ. 37	3	1
INQ. 38	2 e 7	2
INQ. 39	2 e 7	2
INQ. 40	2 e 3	2
INQ. 41	3	1
INQ. 42	3	1
INQ. 43	3	1
INQ. 44	3	1
INQ. 45	3	1
INQ. 46	3	1
INQ. 47	1, 2 e 7	3
INQ. 48	3	1
INQ. 49	2 e 4	2
INQ. 50	3	1
INQ. 51	3	1
INQ. 52	3 e 5	2

Anexo 7 - Resultados Gerais do Inquérito por Questionário (Questão 6)

“Maior defeito/falha de um professor” – 52 alunos

Tabela 10

Categoria	Nº de alunos que identificou a categoria
1 – Desrespeito e impessoalidade	14
2 – Autoritarismo	7
3 – Falta de capacidade de motivação no método de ensino	13
4 – Falta de conhecimento	3
5 – Não utilização de recursos diversos	5
6 – Injustiça	12
7 – Falta de controlo sobre a turma	4
8 – Má preparação para o futuro	1

Tabela 11

Nº de categorias identificadas	Nº de alunos
Nenhuma categoria	1
Apenas 1 categoria	34
2 categorias	17
TOTAL	52

Tabela 12

Nº Inquérito (Questão 6)	Categorias Identificadas	Nº total de categorias
INQ. 1	1	1
INQ. 2	1 e 2	2
INQ. 3	5	1
INQ. 4	6	1
INQ. 5	1 e 2	2
INQ. 6	1	1
INQ. 7	5	1
INQ. 8	6	1
INQ. 9	6	1
INQ. 10	6	1
INQ. 11	6	1
INQ. 12	1 e 6	2
INQ. 13	6	1
INQ. 14	3	1
INQ. 15	2	1
INQ. 16	3	1
INQ. 17	1 e 3	2
INQ. 18	2	1
INQ. 19	1 e 3	2
INQ. 20	3	1
INQ. 21	1 e 3	2
INQ. 22	1	1
INQ. 23	1	1
INQ. 24	6	1
INQ. 25	6	1
INQ. 26	1	1
INQ. 27	1 e 3	2

INQ. 28	2	1
INQ. 29	5	1
INQ. 30	3 e 6	2
INQ. 31	3	1
INQ. 32	2	1
INQ. 33	3	1
INQ. 34	4 e 6	2
INQ. 35	6 e 8	2
INQ. 36	7	1
INQ. 37	3	1
INQ. 38	3	1
INQ. 39	3 e 4	2
INQ. 40	3	1
INQ. 41	2 e 3	2
INQ. 42	3	1
INQ. 43	6 e 7	2
INQ. 44	7	1
INQ. 45	1 e 3	2
INQ. 46	3 e 4	2
INQ. 47	3	1
INQ. 48	3 e 5	2
INQ. 49	3 e 7	2
INQ. 50	3	1
INQ. 51	-----	0
INQ. 52	1	1

U.PORTO

TEXTO SOBRE EXPERIÊNCIA VIVIDA



A confidencialidade e anonimato da informação recolhida estão assegurados.
Por favor responde com sinceridade e sê objetivo.

1. Num breve texto relata uma boa e uma má experiência que te marcou com um(a) professor(a), justificando a tua opinião.
No caso da má experiência que vais contar, reflete sobre a situação e diz o que farias se fosses esse(a) professor(a) para que a experiência não fosse negativa.

[illegible]

[illegible]

2. Numa pequena frase/lema, diz de forma resumida diz qual consideras ser o papel de um bom professor (motivador, capaz, atento) na vida de um aluno.

Muito obrigada pela colaboração!
Professora Dina Amorim Fernandes
24 de Maio de 2017
(Entrega até 31 Maio, próxima quarta-feira)

**Anexo 9 – Resultados Gerais dos relatos das “histórias” dos alunos
(Questão 1)**

Tabela 13

Tipo de experiência identificada	Nº de alunos
Boa experiência	17
Má experiência	8
Boa e má experiência	19
Nenhuma experiência	2
Má experiência com SOLUÇÃO	18
TOTAL	46

Tabela 14

Nº Ficha/Texto	Tipo de experiência relatada
TEX. 1	Boa experiência
TEX. 2	Boa experiência
TEX. 3	Boa experiência
TEX. 4	Má experiência – SOLUÇÃO
TEX. 5	Boa experiência
TEX. 6	Boa experiência
TEX. 7	Má experiência – SOLUÇÃO
TEX. 8	Boa e Má experiência – SOLUÇÃO
TEX. 9	Boa e Má experiência – SOLUÇÃO
TEX. 10	Boa experiência
TEX. 11	Boa experiência
TEX. 12	Boa experiência
TEX. 13	Boa experiência
TEX. 14	Boa e Má experiência
TEX. 15	Boa e Má experiência – SOLUÇÃO
TEX. 16	Boa e Má experiência – SOLUÇÃO
TEX. 17	Boa experiência

TEX. 18	Boa e Má experiência – SOLUÇÃO
TEX. 19	Boa e Má experiência
TEX. 20	Boa e Má experiência – SOLUÇÃO
TEX. 21	Boa e Má experiência
TEX. 22	Boa e Má experiência – SOLUÇÃO
TEX. 23	Boa experiência
TEX. 24	Má experiência
TEX. 25	Boa e Má experiência – SOLUÇÃO
TEX. 26	Boa experiência
TEX. 27	Boa e Má experiência – SOLUÇÃO
TEX. 28	Má experiência
TEX. 29	Nenhuma experiência
TEX. 30	Boa experiência
TEX. 31	Boa experiência
TEX. 32	Boa experiência
TEX. 33	Boa e Má experiência
TEX. 34	Boa e Má experiência
TEX. 35	Má experiência
TEX. 36	Boa e Má experiência – SOLUÇÃO
TEX. 37	Boa e Má experiência – SOLUÇÃO
TEX. 38	Boa e Má experiência – SOLUÇÃO
TEX. 39	Boa experiência
TEX. 40	Boa e Má experiência – SOLUÇÃO
TEX. 41	Boa e Má experiência – SOLUÇÃO
TEX. 42	Nenhuma experiência
TEX. 43	Má experiência
TEX. 44	Má experiência
TEX. 45	Boa experiência
TEX. 46	Má experiência – SOLUÇÃO

**Anexo 10 – Resultados Gerais dos relatos das “histórias” dos alunos
(Questão 2)**

Tabela 15

Construção de Lema	Nº Alunos
Sim	43
Não	3
TOTAL	46

Tabela 16

Nº Ficha/Texto	CONSTRUÇÃO DE LEMA
TEX. 1	Sim - UTLIZADO
TEX. 2	Sim - UTLIZADO
TEX. 3	Sim
TEX. 4	Sim
TEX. 5	Sim - UTLIZADO
TEX. 6	Sim
TEX. 7	Sim
TEX. 8	Sim - UTLIZADO
TEX. 9	Sim
TEX. 10	Sim
TEX. 11	Sim
TEX. 12	Não
TEX. 13	Sim
TEX. 14	Sim - UTLIZADO
TEX. 15	Sim - UTLIZADO
TEX. 16	Sim
TEX. 17	Sim - UTLIZADO
TEX. 18	Sim

TEX. 19	Sim
TEX. 20	Sim
TEX. 21	Sim - UTILIZADO
TEX. 22	Sim
TEX. 23	Sim - UTILIZADO
TEX. 24	Sim
TEX. 25	Sim
TEX. 26	Sim
TEX. 27	Sim
TEX. 28	Não
TEX. 29	Sim
TEX. 30	Sim
TEX. 31	Sim
TEX. 32	Sim
TEX. 33	Sim
TEX. 34	Sim
TEX. 35	Sim
TEX. 36	Sim
TEX. 37	Sim
TEX. 38	Não
TEX. 39	Sim
TEX. 40	Sim
TEX. 41	Sim
TEX. 42	Sim
TEX. 43	Sim
TEX. 44	Sim
TEX. 45	Sim
TEX. 46	Sim

Anexo 11 –E-mail dirigido aos Encarregados de Educação pedindo autorização para a participação nos vídeos

Caros Encarregados de Educação da turma 8.ºA da Zarco,

O meu nome é Dina Fernandes e durante o passado ano letivo de 2016/2017, fui professora estagiária de História dos vossos educandos.

Venho, por este meio, solicitar a devida autorização para a colaboração dos vossos educandos num projeto de investigação desenvolvido no âmbito do Mestrado em Ensino de História no 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Trata-se do meu Relatório de Estágio que tem como título “*Conta-me histórias: o que pensam os alunos sobre o bom Professor*”, orientado pela Professora Doutora Cláudia Pinto Ribeiro.

Esta colaboração que peço dos vossos educandos, consistiria na gravação de um pequeno vídeo que faz a síntese do trabalho elaborado com base em inquéritos e histórias relatadas pelos alunos no seu contacto com docentes ao longo da vida. Pretende-se que os alunos façam a leitura de uma carta de motivação ao professor; este vídeo tem como finalidade ser exposto única e exclusivamente na defesa do Relatório de Estágio que decorrerá em outubro de 2017, em data a definir.

Nesse sentido, solicito a presença dos vossos educandos na Zarco, na próxima quarta-feira dia 27 de Setembro de 2017, entre as 14:00h-16:30h em sala a determinar, para a gravação do vídeo.

Caso autorizem os vossos educandos, solicito por favor que preencham o documento enviado em anexo (Autorização 8.ºA), documento esse que os vossos educandos me deverão fazer chegar pessoalmente na quarta-feira caso os autorizem a colaborar na gravação do vídeo, que posteriormente vos poderá ser enviado.

Agradeço desde já a colaboração e faço votos de muito sucesso a todos!

Atenciosamente,

Professora Dina Amorim Fernandes

Anexo 12 – Autorização a preencher pelos Encarregados de Educação para a participação nos vídeos

Caro Encarregado(a) de Educação,

Solicito a sua autorização para que o seu (sua) educando(a) compareça na escola no dias 27 de Setembro de 2017 (quarta-feira) entre as 14:00h-16:30h (em sala a determinar) para participar na gravação de um pequeno vídeo para a investigação inerente ao Relatório de Estágio “*Conta-me histórias: o que pensam os alunos sobre o bom professor*” do Mestrado em Ensino de História no 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Solicito a sua autorização para a gravação de som e imagem do (da) seu (sua) educando (a), garantindo que o vídeo será projetado apenas no dia da defesa do Relatório de Estágio acima referido e não será publicado em nenhuma plataforma digital.

Autorizo ☐ Não autorizo ☐ o(a) meu (minha) educando (a),
_____ nº _____ da turma _____
a estar presente na escola no dia 27 de Setembro de 2017; a gravação de som e
imagem do(da) meu (minha) educando (a).

Data: ____/____/____

(Encarregado(a) de Educação)

Professora Dina Amorim Fernandes